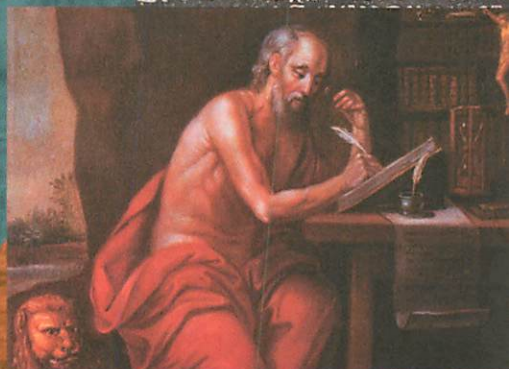


DISCURSOS

SÉRIE ESTUDOS DE Nº 1 TRADUÇÃO



PARA A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO PENINSULAR

8=九=10
10V九=10
=九=10
1001九313
=九=10
=九=10
=九=10
=九=10



Universidade
Aberta

DISCURSOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO

PARA A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO PENINSULAR



número **1**
Outono 2001

Série Estudos de Tradução

Director

Carlos Castilho Pais (Universidade Aberta, R. da Escola Politécnica,
140-147, 1269-001 Lisboa, Portugal; correio electrónico: castilho@univ-ab.pt)

Conselho de Redacção: Francisco José Magalhães; Margarita Correia; Maria da Conceição Meireis; Vivina de Campos Figueiredo

Conselho Editorial

Amparo Hurtado Albir (Universidad Autónoma de Barcelona)

Anthony Pym (Universitat Rovira i Virgili, Tarragona)

Dolores Bermúdez Medina (Universidad de Cádiz)

Flavia Aragón Ronsano (Universidad de Cádiz)

Francisco Lafarga (Universidad de Barcelona)

Françoise Wulmart (ISTI, Bruxelas)

Helena Tanqueiro (Universitat Autònoma de Barcelona)

Joaquín García Palacios (Universidad de Salamanca)

J. J. Lanero (Universidad de León)

José Antonio Sabio Pinilla (Universidad de Granada)

Josep Marco Borillo (Universitat Jaume I)

Julio César Santoyo (Universidad de León)

Marcia A. P. Martins (Pontificia Univ. Católica, Rio de Janeiro)

María Manuela Fernández Sánchez (Universidad de Granada)

Juan Miguel Zarandona (Universidad de Valladolid)

Oscar Diaz Fouces (Universidad de Vigo)

Paulo Ottoni (Unicamp, Campinas)

Rosario García López (Universidad de Las Palmas)

Roxana Recio (Creighton University, Omaha)

Design Gráfico: Francisco Tellechea

Periodicidade: a serie ESTUDOS DE TRADUÇÃO é de periodicidade bi-anual cujo campo de estudos abrange todas as disciplinas relacionadas com a tradução.

Permuta: ESTUDOS DE TRADUÇÃO aceita permuta com revistas similares. Contactar a direcção.

Propriedade: os artigos são propriedade dos seus autores, não se responsabilizando a revista pelas opiniões neles expressas.

Edição: Universidade Aberta,
Rua da Escola Politécnica, 140-147
1269-001 Lisboa

Execução Técnica:

GRÁFICA EUROPAM, LDA.
Mira Sintra – Mem Martins

ISSN: 0872-0738
Deposito legal: 172629/01

Novembro 2001

ÍNDICE

Apresentação	9
Estudos: Para a História da Tradução Peninsular	
Mau vento, mau casamento, poucas traduções	13
<i>Oscar Diaz Fouces</i>	
Helen Keller en traducción española: la plusvalía de una minusvalía	33
<i>J.J. Lanero</i>	
A tradução portuguesa de <i>Le Juif Errant</i> , um caso singular da tradução do século XIX português	43
<i>Carlos Castilho Pais</i>	
Juan Sempere y Guarinos: un ilustrado ante la traducción	55
<i>Francisco Lafarga</i>	
O <i>Marco Paulo</i> de Valentim Fernandes: uma contribuição singular para a história da tradução peninsular	87
<i>José Antonio Sabio Pinilla</i>	
<i>María Manuela Fernández Sánchez</i>	
Comentarios y lenguas vernáculas: la traducción como vehículo cultural y propagandístico	103
<i>Roxana Recio</i>	
ENTREVISTA	119
<i>Margarida Vale de Gato</i>	
TEORIA(S)	
Tradução recíproca e <i>double bind</i> – transbordamento e multiplicidade de línguas	127
<i>Paulo Ottoni</i>	
CRÍTICA/RECENSÕES	145
PROJECTOS/NOTÍCIAS	159

APRESENTAÇÃO

CARLOS CASTILHO PAIS

A partir de agora, o nosso país possui uma revista sobre tradução. Isto acontece com algum atraso em relação a vários países que caminham muito à frente de nós também noutros assuntos da tradução. Um desses países é a nossa vizinha Espanha. Há já um certo tempo que alguns investigadores espanhóis contribuem de modo notável para o reconhecimento dos Estudos de Tradução em Portugal enquanto disciplina universitária. Esta revista presta-lhes homenagem. Continuamos a contar com eles.

Neste primeiro número colaboram sobretudo investigadores espanhóis sobre um tema que, no nosso entender, dá os seus primeiros passos. A história da tradução terá um papel fundamental no reconhecimento da autonomia dos Estudos de Tradução. Em nenhum outro país os temas históricos têm interessado tanto os investigadores como em Espanha. Com razão, alguns estudiosos interessaram-se pela tradução portuguesa. O que aqui fazemos constitui apenas uma amostra do muito que pode ser feito. Em conjunto.

Mas as páginas da revista estão prontas a acolher a investigação nacional. Nada do que diga respeito à tradução será indiferente a esta revista. Isto quer dizer que os interesses particulares, os diferentes pontos de vista e as abordagens mais diversas têm aqui o seu lugar. Lançamos, assim, os alicerces para a visibilidade da produção de uma necessária comunidade de investigadores, que terá seguramente a tradução como objecto de interesse principal.

A estrutura da revista, presente neste número, não é inamovível. Uma entrevista a um tradutor, como acontece agora, seguir-se-á aos estudos temáticos. Porém, em vez da entrevista, e se isso for o desejo do tradutor, pode apresentar-se um texto no qual o tradutor fala da sua obra traduzida. É este um modo de homenagear o tradutor português. Pretendemos também que a sua **VOZ** ajude a

compreender melhor a **obra traduzida**. Incluir-se-á, sempre que seja possível, um estudo que dê conta das teorias mais recentes. Desta vez, coube a Paulo Ottoni oferecer-nos algumas reflexões importantes, apoiadas na leitura da obra filosófica de Jacques Derrida.

Como não poderia deixar de ser, termina a estrutura da revista com as resenhas críticas e os projectos e notícias. Quanto a esta última secção, importa referir que ela pode acolher no futuro quer obras ou partes de obras traduzidas que esperam a publicação em livro, quer obras ou partes de obras traduzidas há muito e hoje esquecidas e que, todavia, merecem ser lembradas. Aqui podem incluir-se ainda rubricas geralmente denominadas 'utensílios do tradutor', como, por exemplo, partes de glossários, indicações bibliográficas de dicionários, indicação de programas informáticos, etc.

Por último, resta-me lembrar que uma revista sobre tradução, assim como a obra traduzida em português, é um instrumento de engrandecimento e de defesa da Língua Portuguesa. Este princípio, evidentemente, recusa encarar a existência da tradução como atestado de subdesenvolvimento passado a um povo. Porque não domina o inglês, o francês, o romeno... Com a tradução, parafraseando o poema, a Língua 'pula e avança'. E isto é mais importante do que qualquer 'erro de tradução'. Também o não queremos. Pretendemos uma visibilidade positiva. A que a tradução portuguesa e o tradutor português merecem.



R y
D
niat re
tua: sic
nostru

die. Et dimitte nobi
dimittimus debitorib
cas in tentationem. S

Padre — noſſo — tu no
Didã éngalaré ni ag
Padre uoſſo que eſtas
me — ſanctificado ſela.

ESTUDOS

MAU VENTO, MAU CASAMENTO, POUCAS TRADUÇÕES

OSCAR DIAZ FOUÇES

UNIVERSIDADE DE VIGO

O tradicional desdém que caracteriza as relações entre Portugal e Espanha é já um lugar-comum, em que parece desnecessário fazer questão. Os observadores mais optimistas, porém, acreditam numa mudança das atitudes dos povos vizinhos da Jangada de Pedra. Essa alteração coincidiria com a relativamente recente parceria dos países ibéricos, no quadro das instituições da União Europeia, que trouxe consigo a necessidade de cooperar em muitas áreas e, portanto, a conveniência de esquecer os velhos receios (e as velhas matreirices).

Existir entre eles uma boa comunicação é, decerto, um dos indícios mais precisos da boa saúde nas relações entre Estados soberanos. É claro que essa comunicação não deve só atingir as infra-estruturas rodoviárias. Terá de chegar também – e fundamentalmente – às formas de interacção, presencial ou diferida, em que sempre estão envolvidos os respectivos idiomas. As relações pessoais, face a face, ficarão complementadas com os laços mediáticos e, em geral, com os intercâmbios de produtos culturais de todos os géneros. Neste último domínio, a mediação linguística em todas as suas dimensões (tradução, interpretação, dobragem e legendagem) será, sem dúvida, um dos factores a salientar. Propomo-nos neste trabalho analisar, precisamente, alguns aspectos do estado actual das relações entre Espanha e Portugal, ou melhor, da língua portuguesa e das línguas espanholas, no que diz respeito a esse âmbito. Dada a complexidade do tema, trataremos do assunto apenas da óptica espanhola (e unicamente a propósito de alguns aspectos) e deixaremos para um futuro trabalho as considerações relativas à visão complementar, à tradução para a língua portuguesa de textos espanhóis.¹

¹Para manter este artigo numa extensão razoável, não trataremos de todos os pormenores do par linguístico em causa. Temos de deixar de lado, por exemplo, a análise de dados tão interessantes como os relativos à interpretação, ou à tradução comercial. Uma outra limitação

1. A tradução de livros em português para as línguas espanholas

Devem recordar os leitores, antes de mais, a presença no Estado espanhol de várias línguas com estatuto de (co-)oficialidade: o castelhano, oficial em todo o território; o catalão, co-oficial nas comunidades autónomas da Catalunha, Valência e Ilhas Baleares; o basco (ou éuscaro), co-oficial nas comunidades autónomas do País Basco e Navarra; e o galego, co-oficial na comunidade autónoma da Galiza². Embora não seja este um trabalho de tipo sociolinguístico, não poderemos poupar alguns pormenores relativos aos aspectos sociais do uso desses idiomas e à sua consideração estrutural, como depois veremos.

Começaremos, por enquanto, por apresentar alguns dados sobre a presença da língua portuguesa na área da tradução para as línguas espanholas. Trata-se da quantidade de livros traduzidos nas combinações português/castelhano, português/catalão, português/basco e português/galego, que foram editados nos últimos cinco anos, segundo as estatísticas da Agência Espanhola do ISBN, conforme podemos constatar no quadro I.

Quadro 1

	1995	1996	1997	1998	1999
Castelhano	95	70	83	93	112
Catalão	7	5	8	15	11
Basco		1	1	1	1
Galego	9	2	1	4	5
=	111 (12445)	78 (11833)	93 (13661)	113 (14920)	129 (16048)

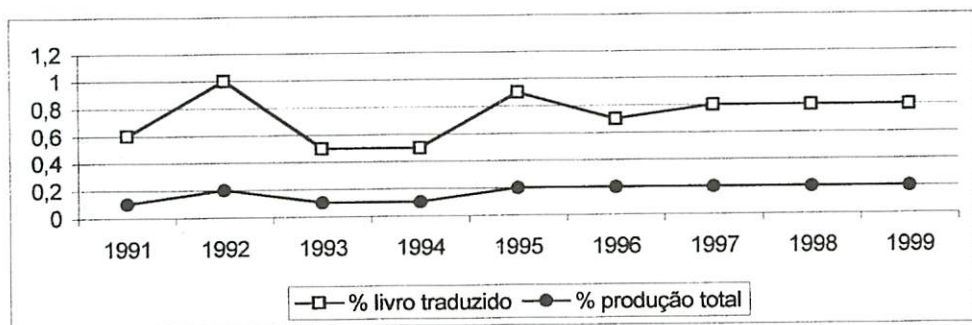
Traduções de textos portugueses para as diferentes línguas espanholas, editadas com ISBN (1995-1999). Fonte: elaboração própria com dados das *Panorâmicas 1995 a 1999*.

do nosso trabalho será ter de prescindir das referências a outros países hispanófonos. Porém, é claro que o estudo específico de todas aquelas áreas profissionais (e de algumas outras), bem como o estudo da situação dos intercâmbios português-espanhol na América Latina teriam um grande interesse.

² O leque de línguas, em termos estritamente filológicos, é mais extenso. Devem incluir-se, além das anteriores *línguas oficiais*, um grupo de *modalidades linguísticas*: o asturiano, o aragonês e o aranês (variedade da língua occitana, que é falada na Catalunha na comarca do *Val d'Aran*, e que conta com instituições próprias). Os estudiosos reconhecem, porém, uma diferente consideração jurídica para as línguas oficiais e para as modalidades linguísticas no Estado espanhol. As línguas qualificadas como oficiais, segundo o Catedrático de Direito Constitucional J. Vernet (1992:16), "són ensenyades de forma obligatòria en els centres escolars i són usades

As traduções de textos portugueses atingiram ao todo 524 volumes nesses cinco anos. As quantidades entre parênteses na última fila dizem respeito ao total de livros traduzidos no conjunto do Estado espanhol. As percentagens que representam as traduções na produção editorial espanhola passaram de 24.0% em 1995 a 26.1%, em 1999. Corresponhia às traduções de textos redigidos em língua portuguesa 0.2% dessa produção em 1999. Esses 0.2% passariam a 0.8%, quando considerado o total de traduções, que será, por exemplo, menos de metade de 1.7% que representam os livros traduzidos do latim (!), e fica certamente longe das traduções da língua inglesa (52.1%). No Gráfico 1 podemos ver como evoluiu entre 1991 e 1999 a percentagem que representa a tradução de textos portugueses no total de traduções para todas as línguas oficiais em Espanha. Atente-se a que nunca é ultrapassada a proporção de 1% do livro traduzido, nem a de 0.2% da produção total, em que se teria estabilizado, aliás, a partir de 1995.

Gráfico 1



Livros com ISBN identificados como traduções de textos em língua portuguesa para as línguas espanholas (1991-1999). Percentagens sobre total de livros traduzidos e sobre produção total. Fonte: elaboração própria com dados das *Panorâmicas 1991 a 1999*.

Parece claro, à vista dos dados anteriores, que a proximidade geográfica não terá implicado, neste caso concreto, uma importante actividade tradutora. Evidentemente, convém matizar este diagnóstico, a começar pelas variáveis mais evidentes: a importância relativa das traduções de textos em português para as diferentes línguas unicamente pode ser avaliada quando conferimos as estatísticas sobre o total da produção em cada uma delas. Eis os dados:

vàlidament i eficaçment pels ciutadans i per l'Administració en les seves relacions. En canvi, les modalitats lingüístiques només reben polítiques de foment encaminades a protegir la riquesa lingüística i poden ser ensenyades en els diferents nivells docents de forma voluntària." Neste trabalho trataremos só das três línguas demograficamente mais importantes (e oficiais, aliás): catalão, basco e galego.

Quadro 2

	1995	1996	1997	1998	1999
Castelhano	41301	36797	42330	46880	47266
Catalão	5973	6064	6856	7318	7492
Basco	968	1096	1060	1216	1250
Galego	1148	1130	1233	1231	1333

Número de livros com ISBN editados nas diferentes línguas espanholas (1995-1999). Produção total. Fonte: elaboração própria com dados das *Panorâmicas 1995 a 1999*.

A produção em língua basca e a produção em língua galega situam-se à volta de 1100-1200 livros/ano, a uma considerável distância da edição em língua catalã (6000-7000 livros/ano, aproximadamente). Esse intervalo passa a ser astronómico quando o segundo termo de comparação é a edição em língua castelhana (cerca de 43000 livros/ano, em média). Os textos traduzidos também não apresentam as mesmas proporções, no total da produção. As percentagens para 1999, segundo os dados fornecidos pela *Panorâmica* desse ano seriam as seguintes: 18.1% para catalão, 34% para basco, e 11.2% para galego. No conjunto de línguas do Estado seria de 21.6 %. A língua-fonte prioritária é, para o castelhano, o inglês. Para o resto de línguas é - significativamente - sempre o castelhano. Podia explicar-se esse facto pela pressão sociolinguística da língua oficial de todo o território sobre o resto dos códigos, todos eles minorados e envolvidos em processos de normalização linguística de diferentes características (e com diferentes resultados). Poderia haver, aliás, uma explicação complementar em termos mais pragmáticos: a condição de língua oficial para todo o Estado do castelhano e o seu conhecimento obrigatório fazem com que este idioma resulte imediatamente acessível para todos os cidadãos espanhóis, sem atendermos à hipotética posse de uma língua própria diferente (e daí também a aparente concentração profissional). Segundo os dados que fornece o *Libro blanco de la traducción en España* (Benitez, 1997: 49-50), a partir de um inquérito a uma amostra representativa de profissionais, 88% de tradutores teriam como língua-alvo (potencial) o castelhano, 28.8% o catalão, 9.1% o basco e 6.6% o galego.

As traduções de textos portugueses representam também percentagens diferentes, quando consideradas no conjunto da produção para as diferentes línguas. A tradução de português para castelhano coincide, aproximadamente, com a percentagem que representa para o conjunto das línguas do Estado (decerto, pela importância do volume da produção na língua oficial), 0.23%. Fica abaixo da tradução português-galego, que equivale a 0.37% da produção nessa língua. Os livros traduzidos para catalão, redigidos inicialmente em língua

portuguesa, representam 0.14%, e apenas 0.08% no caso do basco. Os dados da tradução português-galego têm de ser postos em relação, necessariamente, com a forte polémica que diz respeito à codificação dessa variedade linguística. Para as pessoas que não estão familiarizadas com esta difícil questão, convém recordar que a actual normativa ortográfica e morfológica do galego (cf.: Decreto autonómico 173/1982) está vocacionada para afastá-lo do seu diassistema originário: o galego-português. O emprego de normas alternativas, que defendem diversas associações de intelectuais de áreas diversas, muito mais próximas do português-padrão – ou mesmo coincidentes com ele – ficou interdita no ensino primário e torna-se inviável para a criação literária, a prosa administrativa ou, claro está, a tradução, pelo simples facto de praticamente não haver editoras na Galiza dispostas a correr o risco que acarreta publicar na norma que é conhecida como *galego reintegrado*.³

Por outro lado, a combinação linguística português-galego está a ser largamente subsidiada pelas instituições oficiais, de modo a aumentar e certificar as diferenças entre as duas variedades. Cumpre advertir, porém, que esse apoio atinge boa parte do mundo editorial galego – não só a tradução, portanto –, fora dos dissidentes normativos, cujas obras e traduções ficam banidas pelo sistema dos prémios e das ajudas institucionais. Como já avançamos acima, por não ser este um trabalho sociolinguístico, não insistimos neste tipo de análise, que deixamos simplesmente apontado como informação complementar para o leitor. Um traço em que importa reparar, quanto à tradução de português para galego, é a hipótese de serem detectadas algumas constantes na selecção dos textos e, talvez, dos autores dos originais. Um dos géneros a que se está a dar maior primazia nas traduções na Galiza é o da Literatura infantil e juvenil. Basta dar como exemplo o facto de as cinco obras traduzidas de português para galego em 1991 corresponderem a esse âmbito. O mesmo aconteceu em 1992, embora se tratasse, neste caso, apenas de duas obras. Em 1993 publicaram-se três obras de criação literária para público infantil e duas para adultos. Uma das criadoras mais solicitadas parece ser Alice Vieira. Já em 1990 a Conselharia da Cultura e Desportos autonómica subsidiou a tradução *A lúa non está á venda* para a *Galaxia*. Em 1991, a Conselharia da Cultura e Juventude apoiou o lançamento de *Paulina ó Piano* pela mesma editora. Também em 1991, viria a lume *Viaxe arredor do meu nome*. A SM editou (aparentemente, sem apoios directos à tradução) *Rosa, miña irmá*

³ Consulte-se, para uma primeira aproximação, o artigo de J. Nogueira "Falar galego, escrever galego", nas páginas 42-43 do núm. 74 da *Pública*, o suplemento semanal do jornal *Público* n.º 2777 (19 de outubro de 1997), que inclui o *dossier* "A Galiza, aqui tão perto". E confira-se com uma reflexão mais académica no artigo de Peres (2000), sobre a tradução, e no trabalho de Garrido & Riera (2000: 20-34 e *passim*) a propósito das línguas especializadas e da habilitação terminológica.

Rosa, e *Os ollos de Ana Marta*, em 1993. Em 1999, a Xerais publicou *Caderno de agosto*. Esses dados não excluíram, todavia, terem vindo a lume traduções da obra de outros autores, como os *Contos da Montaña* de Miguel Torga, editados em 1993 pela *Galaxia*, com apoio da Direcção Geral da Cultura da Junta da Galiza, ou o *O lobo guerrilleiro*, editado pela Xerais, por certo, com um surpreendente subsídio do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Portugal, em 1996. O trabalho mais recente é a *Verónica decide morrer*, de Paulo Coelho, que chegou às bancas em 2000.

Voltamos agora às generalidades do conjunto das traduções de português para todas as línguas do Estado espanhol. Os dados estatísticos anteriores não diziam respeito a uma situação extraordinária, como alguém poderia vir a intuir. Segundo as informações fornecidas pela base de dados da Agência espanhola do ISBN, relativamente aos livros editados nos últimos 40 anos, o total de obras redigidas em língua portuguesa cuja tradução para castelhano foi publicada em Espanha é de 1024; 99 para catalão; 11 para basco; e 35 para galego. Portanto, 1169, ao todo. Temos de assinalar que a base de dados do ISBN inclui todos os tipos de obras, não só as literárias. Pareceria manifesta, então, a escassez da actividade tradutora a partir da língua portuguesa no Estado espanhol. Convém matizar, no entanto, que 890 dessas obras correspondem aos últimos anos do século (1991-1999, pois não contamos com as estatísticas de 2000), 524 para o período 1995-1999, como já sabemos. É certo que a situação hodierna é funesta, mas até 1990 devia ser, simplesmente, desoladora.⁴

Um factor determinante no volume deste tipo de produtos culturais é, decerto, a existência de apoios institucionais. Já indicámos que o Governo Autonómico da Galiza (a *Junta da Galiza*) subsidiou um número significativo de traduções de português para galego. Também o *Ministerio de Educación y Cultura* espanhol mantém um sistema de ajudas à tradução, através fundamentalmente da Direcção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas.

⁴ Devemos fazer notar que a precisão dos dados que fornecemos não é tão esmerada como deveria. As estatísticas publicadas nas *Panorámicas* da Agência do ISBN não permitem apurar os pormenores de cada volume, nomeadamente o número de edição que lhe corresponde (de modo a evitar o cômputo de títulos duplicados), nem a língua estritamente *original* (pode tratar-se, então de traduções de traduções). Por outro lado, aparecem misturadas, em muitas ocasiões, etiquetas linguísticas de forma pouco criteriosa, como os livros galegos adscritos à categoria de original português (mas nem todos), traduções para castelhano sob a epígrafe de traduções para basco, para além doutras incorrecções *menores*, como os erros nas indicações (nem sempre devidos a gralhas tipográficas), as lacunas catalográficas (p. ex. não indicar a língua em que está redigido o livro, ou a língua de que foi traduzido), etc. Para apurar estes dados, pode consultar-se a *Bibliografía Española*, que prepara a *Biblioteca Nacional Española* (acessível em CD-ROM, como o ISBN, ou na Internet, com mais limitações), e fazer um esvaziamento em formato IBERMARC, procurando as traduções de português nos campos 500Sa (notas) e 245Sa (título). Contudo, os dados serão sempre aproximados e sujeitos a discussão.

Uma instituição muito activa (e bem organizada) é a *Institució de les Lletres Catalanes* (Instituição das Letras Catalãs, ILC), dependente do Departamento de Cultura do Governo Autonomico da Catalunha (a *Generalitat de Catalunya*). Segundo os dados dos seus relatórios, alguns deles publicados (v. ILC 1997), o governo da Catalunha, nos periodos de 1991 a 1993 e de 1997 a 1999 (não dispomos das estatísticas para outros anos), concedeu subsídios para editar as traduções para catalão de 320 obras literárias. Delas, sete correspondem a originais em língua portuguesa. De modo complementar, a ILC subsidiou a tradução de quatro obras originais em língua catalã para português (nesse periodo teriam sido editadas 20 obras com essas características, segundo os seus dados).

Na listagem de autores lusófonos traduzidos para catalão nos últimos anos, com subsidios ou sem eles, dá nas vistas o nome de Paulo Coelho: *El diari d'un mag* (1996), *Vora el riu pedra em vaig asseure a plorar* e *La cinquena muntanya* (1997), *L'Alquimista* (1998), *Verónica decideix morir* (2000). Todas estas obras foram editadas pela *Proa*, que já nos últimos anos se tinha interessado por autores como Jorge de Sena (*Senyals de foc*, 1986), José Saramago (*Memorial del convent*, 1988), Jorge Amado (*Els vells mariners*, 1988), Fernando Pessoa (excertos do *Llibre del defici*, 1990; *L'hora del diable i altres ficcions*, 2000), Miguel Torga (*La creació del món*, 1990), António Lobo Antunes (*L'esplendor de Portugal*, 1999; *Exhortació als cocodrils*, 2000). Por outro lado, as *Edicions 62* fazem com que o Nobel José Saramago seja a sua divisa (*Història del setge de Lisboa*, 1990; *L'any de la mort de Ricardo Reis*, 1997; *Tots els noms*, 1999; *L'evangeli segons Jesucrist*, 2000), sem descuidar outros autores, como Jorge Amado (*Gabriela, clau i canyella*, 1997) ou Mário de Sá-Carneiro, cuja *La confessió de Lúcio* foi lançada em colaboração com a editora *La Magrana*, que já publicou *El banquer anarquista* (1990, 1997) de Fernando Pessoa, e a *Nació criolla* (1999), de José Eduardo Agualusa. Para além dessas duas grandes editoras, na *Quaderns Crema* vieram a lume *L'Alienista* (1996) e *El senyor Casmurro* (1997), de Machado de Assis, bem como *El cosí Basilio* (2000), de Eça de Queirós.

A relativamente aceitável listagem de traduções do género narrativo não está a condizer com as do Teatro, em que unicamente podemos salientar o *Fra Luís de Sousa* de Almeida Garret, obra editada pelo *Institut del Teatre de la Diputació de Barcelona* (1995). A tradução de poesia de português para catalão contou com um extraordinário início, uma compilação de *Poesia Galaico-Portuguesa*, elaborada por Josep M. Llompart para as *Edicions 62* em 1984. O mesmo estudioso compilou também para essa editora uma recolha de *Poesia gallega, portuguesa i brasilera contemporània* em 1988. Seguiram-se logo, já a inaugurar uma autêntica *moda-Pessoa* na década de 80 na Catalunha, as traduções de Joaquim Sala-Sanahuja dos *Poemes d'Alberto Caeiro* e dos *Poemes d'Álvaro de Campos*, para as *Edicions del Mall*. Mais recentes são as magnificas traduções dos poemas de *L'enginyer*.

Psicologia de la composició, de João Cabral de Melo Neto (*Edicions 62*, 1994) e os da *Última ciência*, de Herberto Helder (*Pagès Editors*, 2000, com apoio do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas). Também nestas obras, como em muitas outras que não citamos, sente-se a presença do Professor Sala-Sanahuja, ora como autor de prólogos, ora como coordenador ou como orientador.

Não podemos deixar de assinalar que também foi traduzida uma obra de Mia Couto, editada no Principado da Andorra, o pequeno Estado dos Pirinéus que tem o catalão como única língua oficial (*El balcó del Frangipani*, que publicou em 1997 a *Limits*, com um subsídio do Ministério dos Assuntos Sociais e da Cultura do Governo da Andorra).

Quanto à tradução de português para basco, não podemos falar em concentração do mercado. A produção diversifica-se numa constelação de casas editoras. Já em 1990, a *Pampiel* deu a lume em Navarra a *Uraren bezpera* de Eugénio de Andrade. As *Ediciones SM* publicaram *Nire izenaren gorabeherak*, da incombustível Alice Vieira (1991). A *Txalaparta* editou *Uala maitasuna* (Frei Betto, 1993) e *Ngungoren abenturak*, de Pepetela (1996). *Ediciones mensajero* lançou em 1993 os *Angolako ipuinak*, de P. Pedro Adão Neto. *Ibaizabal Edelvives* editou *Mandarin zaharra*, de Eça de Queirós (1992) e *Jubiab*, de Jorge Amado (1997). *Igela argitaletxea* publicou *Alienista*, de Machado de Assis (1990), e devemos à *Alberdania* os *Piztiak*, de Miguel Torga (1997). Torna-se difícil sistematizar os escassos dados para intuir tendências na selecção de géneros e autores, em contraposição com o caso catalão, provavelmente o mais interessante, deixando de lado, claro está, o do onnipotente castelhano.

Uma história recente, a propósito de Mia Couto, será testemunho da atenção com que a indústria editorial espanhola segue as evoluções do mercado da tradução de originais em língua portuguesa para castelhano. Em 1998 veio a lume a tradução da *Terra Sonâmbula* do escritor moçambicano, editada pela *Alfaguara*. Na *Nota sobre la traducción* adverte-se que "Al parecer, la presente edición de Tierra sonâmbula es el primer libro escrito por un mozambiqueño que se traduce al español". A notícia daria motivos para ficarmos desapontados, se não existisse um outro livro, *Cronicando*, editado pela já citada *Txalaparta* em 1996, tradução do original português de título homógrafo, que recolhe na contra-capa as seguintes informações: "Mia Couto es uno de los escritores en lengua portuguesa más importantes de la actualidad. Este libro es su primera traducción al castellano."

A tradução para castelhano de textos em língua portuguesa ficaria muito mais perto dos padrões da normalidade, se não considerássemos a sua escassez. Permitir-nos-ia esse facto poupar os pormenores que se afiguravam mais interessantes no resto das combinações linguísticas, até porque neste caso seria demasiado prolixo apresentar listagens de textos traduzidos, dados sobre as editoras ou datas de publicação, que aqui reduzimos a uns poucos exemplos.

A evidência mais clara da seminormalidade a que aludíamos é a diversidade dos tipos de livros traduzidos. O elenco vai, para além da Literatura, da Teologia Pastoral – p. ex. *Comunidades eclesiais de base*, 1986, de Marcelo de C. Acevedo; *Pasión de Cristo, pasión del mundo*, 1987, de Leonardo Boff (nos últimos anos registam-se mais de 40 ISBNs correspondentes a traduções de trabalhos desse autor) – à Engenharia Mecânica (*Circuitos prácticos de audio, alta fidelidad y estéreo*, 1978, de G. Affonso Pena; *Emisión para radioaficionados*, 1977, de João Caninas), a Sociologia (*La cortina de oro*, 1997, de C. Buarque), a Psicologia de divulgação (*Cómo superar los exámenes*, 1999, de Lair Ribeiro), ou a Informática (*Clipper 5.01 avanzado*, 1992, de José António Ramalho). Permitimo-nos unicamente fazer uma referência necessária ao trabalho extraordinário que, na área da tradução de português para castelhano, desenvolveu (e ainda está a desenvolver) o Prof. Basílio Losada. Correspondem ao Doutor Losada, cujos trabalhos mereceram já um *Premio Nacional de Traducción*, várias dezenas de livros traduzidos, com um leque de autores que inclui os nomes de Jorge Amado, João Aguiar, Agustina Bessa-Luis, Vergílio Ferreira, José Cardoso Pires, Paulo de Carvalho-Neto, Autran Dourado, e Almeida Faria, entre outros. Há relativamente poucos anos que abandonou a tradução da obra literária de José Saramago, que passou a ser vertida para castelhano por Pilar del Río. Na enumeração de tradutores de português para espanhol é imprescindível citar o trabalho de Ángel Crespo, o grande importador da obra de Pessoa (com M. A. Viqueira ou J. A. Llardent), que também transferiu para a sua língua trabalhos de Mário de Sá-Carneiro, Eugénio de Andrade, Guimarães Rosa, ou João Cabral de Melo Neto, e cujo desaparecimento deixou saudades permanentes em todos os apreciadores das letras portuguesas.

2. A tradução de produtos audiovisuais em língua portuguesa

Uma pesquisa sobre a tradução de qualquer língua para qualquer outra não deveria ficar limitada aos livros, logicamente. Para falar verdade, os dados do ISBN dizem respeito não só aos livros convencionais, mas também à edição multimédia, aos audiolivros e videolivros, bem como às edições em microfichas. Há, porém, alguns outros aspectos que não são recolhidos, nomeadamente determinados produtos audiovisuais, como a produção cinematográfica, em vídeo e para as estações de televisão. O *Instituto de la Cinematografía y de las Artes Audiovisuales* (ICAA) do Ministério da Educação, Cultura e Desportos espanhol mantém uma base de dados relativa aos filmes espanhóis e estrangeiros exibidos em Espanha. Realizámos a soma das obras classificadas nas epígrafes “Brasil” e “Portugal”, para os anos 1991 a 1999. No primeiro grupo apareciam sete filmes: *Tieta do Agreste* (C. Diegues, 1996), *O Quatrilho* (F. Barreto, 1995), *O que é isso, companheiro*

(B. Barrero, 1996), *Central do Brasil* (W. Salles, 1997), *Bela Donna* (F. Barrero, 1997), *O primeiro dia (contagem regressiva)* (W. Salles, 1998) e *Orfeu* (C. Diegues, 1999). Todas contaram com versões dobradas e legendadas para castelhano, exceptuando *O primeiro dia*, que teria sido exibida apenas em versão legendada (segundo os dados do ICAA).

O capítulo "Portugal" é mais complexo, já que são incluídos diversos filmes produzidos, com efeito, em Portugal, mas cuja língua original e de exibição nem sempre foi o português. A listagem dá as referências de vinte e sete filmes, ao todo. Alguns deles terão sido, muito provavelmente, (co-)produzidos em origem para várias línguas (como a *El Rey pasmado*, I. Uribe, 1991; *Belle époque*, F. Trueba, 1992; *Casa dos espíritos*, A. Bille, 1993; *O Fio do Horizonte*, F. Lopes, 1993, *Vale Abraão*, M. de Oliveira, 1993), ou serão directamente multilíngues (*Lisbon Story*, W. Wenders, 1994), e só alguns poucos corresponderam a versões originais portuguesas (*A caixa*, M. de Oliveira, 1994, legendada em castelhano; *Adão e Eva*, J. Leitão, 1996, dobrada e legendada em castelhano; *O Rio do Ouro*, P. Rocha, 1998, legendada em castelhano). A média de produtos cinematográficos originais em língua portuguesa exibidos em Espanha, dobrados ou legendados em castelhano, seria, na melhor das hipóteses, de uns três filmes por ano, entre 1991 e 1999. O cinema português continua a ser, nas salas de exibição espanholas, um produto certamente exótico.

Um outro elemento interessante que quisemos avaliar é a emissão pelas estações televisivas do sector público de produtos originais em língua portuguesa, dobrados ou legendados para alguma das línguas oficiais do Estado espanhol. Consultámos, para esses efeitos, os Serviços de Documentação da *Televisión Española*, da *Euskal Telebista*, da *Televisió de Catalunya* e da *Televisión de Galicia*.

Segundo os dados fornecidos pela base de dados da *Televisión Española*, a única estação de televisão institucional que abrange todo o território do Estado, essa televisão pública teria exibido nestes dez anos apenas 9 filmes, como representação das produções audiovisuais em língua portuguesa. Eles são: *O lugar do morto* (A. P. Vasconcelos, 1984); *Dans la ville blanche* (A. Tanner, 1983); *Os canibais* (M. de Oliveira, 1988); *Onde bate o sol* (J. Pinto, 1989); *Tempos difíceis* (J. Botelho, 1988); *Recordações da casa amarela* (J. C. Monteiro, 1989); *O processo do Rei* (J. M. Grilo, 1988); *Os cornos de Cronos* (J. Fonseca e Costa, 1990); *Vale Abraão* (M. de Oliveira, 1993). Porém, a versão original de *Dans la ville blanche*, o excelente filme de Alain Tanner que retrata a cidade de Lisboa, não é estritamente portuguesa, apesar da fita estar incluída na categoria de cinema em português. Todos os filmes foram exibidos em versão original legendada em castelhano.

A televisão autonómica basca, ETB, não emitiu nos últimos dez anos qualquer produto original em língua portuguesa, dobrado ou legendado em basco, a acreditarmos nas informações dos seus serviços documentais.

A Televisão da Galiza, TVG, co-produziu em 1992 com a RTP a obra teatral *A Castro*, de António Ferreira, que foi exibida com legendagem em galego. Apesar da proximidade entre galego e português, que até os inimigos mais ferrenhos do reintegracionismo linguístico admitem, a legendagem não foi sempre a prática habitual da TVG. Nos últimos anos foram exibidos, dobrados para galego, os filmes *Inês de Portugal*, de José C. de Oliveira (produzida em 1998) e *Amo-te, Teresa*, de Ricardo Espírito Santo (1999). No caso da Galiza, a contiguidade geográfica também não se traduziu num interesse salientável pelos produtos audiovisuais portugueses. Porém, há algumas iniciativas de cooperação que devemos indicar. Entre Abril e Maio de 1997 a TVG emitiu um programa informativo semanal, *Sen fronteiras*, produzido em parceria com a RTP, com apoio do programa *Intereg II* da União Europeia, no quadro das actividades para dar maior coesão à euro-região Galiza-Norte de Portugal. Na sequência dessas iniciativas, a TVG mantém uma delegação informativa permanente no Porto, que dá uma certa especificidade às informações geradas em Portugal. Em todo o caso, a situação galega é diferente da de outras comunidades linguísticas, também nesta área, pela possibilidade real com que contam os cidadãos do sul da Comunidade Autónoma de ter acesso directo à programação das estações televisivas portuguesas.

A Televisão da Catalunha (TVC, TV3 e o Canal 33) emitiu diversos filmes originais em língua portuguesa: em 1990 *L'òpera del murri* (R. Guerra, legendada); em 1992 *Gabriela* (B. Barrero, dobrada); e em 1991 *Els homes volem la pau* (L. F. Carvalho, 1991). Para além desses produtos, a TVC exibiu um documentário produzido pela RTP, *Aristides de Sousa Mendes: el cònsul proscrit* (2000, dobrado), e várias sèries, fundamentalmente de origem brasileira (da TV Globo): *Cos a Cos* (D. Carvalho & J. Monjardim, 1991, dobrada), *La successora* (H. Rossano, 1992), e *Anys daurats* (M. de Barrero & S. Luz, 1994, dobrada). Já antes destes anos, emitiu mais filmes – *Principi de la Saviesa* (A. de Macedo, 1985, dobrada) e *Kilas* (J. Fonseca e Costa, 1986, legendada) –; e mais sèries – *La guerra dels sexes* (F. Jorge & G. Arraes, 1983, dobrada), *Lampião i Maria Bonita* (P.A. Grisolli & L. A. Pia, 1984, dobrada), *L'esclava Isaura* – que também passou na Televisão da Galiza – (H. Rossano, 1984, dobrada), *Molins de vent* (W. Avancini, 1984, dobrada), *Amistat en colors* (W. Campos, 1984, dobrada), *El contacte de Manaos* (1984, dobrada), *Dancing Days* (1985, dobrada), *Balla amb mi* (1987, dobrada), e *La senyoreta* (R. Boury & J. Monjardim, 1989, dobrada). É espantosa a abundância de material em língua portuguesa exibido na televisão da Catalunha, quando comparado com o do seu equivalente na Televisão Espanhola de âmbito estatal. Haveria, na minha óptica, uma explicação para esse fenómeno. Numa certa altura, a princípios da década de 80, entrou na moda em toda Espanha o fenómeno do *culebrón*, histórias seriadas de baixo custo, produzidas geralmente na América hispanófono (nomeadamente a Venezuela),

cujo público-alvo eram as donas de casa. A TVC, considerada um instrumento essencial no processo de normalização linguística que está a viver o catalão, não emite habitualmente produtos em língua castelhana (exceptuando uma parte da publicidade). A escolha de material original numa língua diferente evita ter de tomar a decisão pouco económica de dobrar ou legendar produtos numa língua que todo o público já conhece e tem, ao mesmo tempo, o valor simbólico acrescentado de utilizar uma fonte cultural diferente.

Não contamos, nos dados sistemáticos referidos, com as estações privadas da televisão em Espanha (*Antena 3, Tele 5 e Canal Plus*), que são ainda relativamente recentes no panorama espanhol. Também não dispomos de dados sobre o mercado do vídeo doméstico. Em geral, o âmbito privado mereceria um estudo com mais profundidade do que aquele que agora lhe podemos dispensar. Sabemos, em todo caso, que as traduções de produtos originais em língua portuguesa para galego, éuscaro e catalão são aparentemente inexistentes. O mercado do vídeo em língua autóctone só agora começa a ser estimulado na Catalunha, com o apoio da *Direcció General de Política Lingüística* (e, portanto, na fronteira entre o público e o privado) estando vocacionado de preferência para o público infantil, e com presença nula, como já dissemos, de material original em língua portuguesa. Pode consultar-se uma listagem de vídeos em catalão, bem como as informações relativas aos apoios institucionais nessa área em <http://cultura.gencat.es/lengcat>.

3. A formação de tradutores e intérpretes

A língua portuguesa está praticamente ausente do sistema de ensino primário e secundário espanhol, em que o inglês - e só secundariamente o francês e, nos últimos anos, o alemão - usufrui do monopólio da condição de primeira língua estrangeira. Tudo isso faz com que as disciplinas de *Técnicas de Tradução*, em diversas combinações linguísticas, presentes no quadro das matérias de Formação Técnica do Ensino Secundário português, não tenham qualquer equivalente no sistema espanhol. Não existem cadeiras com essa descrição e, mesmo que existissem, o português não teria um lugar próprio entre os pares linguísticos enquanto não mudasse a selecção de línguas para esses níveis do sistema de ensino.

Ao contar as instituições subsidiadas com fundos públicos e privados, há para já, no Estado espanhol, três universidades que incluem a combinação português-espanhol nos seus actuais planos de estudos. É dado ao português, em todos os casos, o estatuto de *lingua C*, quer dizer, apenas a segunda língua estrangeira. É consequência deste facto não existir, nas directrizes ministeriais, a obrigação de

estabelecer, nos planos de estudos particulares, a formação de intérpretes de língua portuguesa, assim como a tradução inversa português-espanhol, ou mesmo a tradução especializada e científico-técnica de ou para a língua portuguesa. Uma outra consequência é um aluno que inclua no seu *currículum* a língua portuguesa não poder obter a habilitação imediata como tradutor ajuramentado que é prevista na actual legislação para os estudantes que concluem os estudos com sucesso. Desenvolveremos, a seguir, algumas destas questões.

Começamos por indicar as três instituições universitárias em que são ministradas licenciaturas de tradução e interpretação que oferecem cadeiras de tradução português-espanhol. Elas são a *Universidad de Granada*, a Universidade de Vigo e a *Universitat Autònoma de Barcelona*.

Repare-se que este facto tem, ainda, uma outra consequência, que diz respeito a um dos pormenores dos meus comentários anteriores. Em primeiro lugar, só a Faculdade de Tradução e Interpretação da *Universidad de Granada* oferece uma formação para tradutores em língua portuguesa que tem como língua-alvo exclusivamente a língua espanhola (Cf.: Sabio Pinilla, 1995). Unicamente esta Universidade oferece no seu plano de estudos, por enquanto, a tradução inversa (quer dizer, espanhol-português) nessa combinação.

Na *Universitat Autònoma de Barcelona*, que trabalha para duas línguas-alvo (catalão e espanhol), as turmas traduzem simultaneamente para as duas combinações. O número de créditos totais (quer dizer, horas lectivas), porém, não é duplicado. Não está prevista a formação de intérpretes nas combinações português>catalão ou português>espanhol. Também não o é a tradução especializada, nem a tradução científico-técnica.

A Universidade de Vigo conta com duas combinações linguísticas: português-espanhol e português-galego. Já avançamos algumas opiniões sobre a segunda delas. No actual plano de estudos não é prevista a formação de intérpretes nas combinações português>galego ou português>espanhol. O mesmo acontece com a tradução especializada e com a tradução científico-técnica. Porém, o novo plano de estudos, que terá início, segundo a previsão das autoridades académicas, no ano lectivo 2001-2002, incluirá disciplinas de interpretação, tradução inversa A>C e tradução especializada C>A.

Quanto ao País Basco, inicia-se neste ano a Licenciatura de Tradução e Interpretação no campus de Araba da Universidade do País Basco, *Euskal Herriko Unibersitatea*, com diversas combinações entre castelhano/basco e alemão, francês, inglês, italiano e russo. A língua portuguesa ficou fora do leque de opções para estes estudos.

4. A tradução ajuramentada

Na alínea anterior fazíamos referência à condição de tradutor ajuramentado, que agora definimos. Tradutor/Intérprete ajuramentado é a pessoa que, habilitada por uma instituição do país em que exerce a profissão, pode dar certeza da exactidão na correspondência com o texto original de uma tradução (ou de uma interpretação, eventualmente). No Estado espanhol, a certidão que habilita as pessoas para o exercício desse trabalho pode obter-se por duas vias. A primeira, a "histórica", ficou regulamentada pela última vez em 23.2.1996 (BOE 6876), e consiste numa prova de aptidão, que inclui quatro exercícios, que para a combinação português-espanhol, são:

- o primeiro, a tradução de português para espanhol, sem dicionário, de um texto de tipo jornalístico ou literário;
- o segundo, a tradução de espanhol para português, também sem dicionário, de um texto de tipo jornalístico ou literário;
- o terceiro, uma tradução de português para espanhol, com dicionário, de um texto jurídico ou económico;
- o quarto, o resumo oral de um texto escrito, que é fornecido pelo júri, bem como as respostas, também orais, às perguntas formuladas sobre o mesmo assunto.

A segunda via, que permite a habilitação directa (sem provas específicas, portanto) aos licenciados universitários em tradução e interpretação, foi o resultado de um processo de negociação muito complexo entre a *Oficina de Interpretación de Lenguas* do Ministério de Asuntos Exteriores (o Ministério dos Negócios Estrangeiros espanhol) e a Conferência de Centros e Departamentos Universitários de Tradução e Interpretação do Estado espanhol. Resultou daquelas negociações um procedimento de habilitação que consiste em fazer a contagem dos créditos obtidos pelos licenciados nas cadeiras de tradução especializada e de interpretação nas combinações B>A>B (quer dizer, nas combinações que incluem a língua materna e a primeira língua estrangeira). O número de créditos não pode ser inferior a 24 no que diz respeito à tradução especializada (jurídica-económica) e a 16 no que diz respeito à interpretação. Atente-se em que as línguas C, como segundas línguas estrangeiras, são omitidas, e assim o português não está sujeito a esta nova via de habilitação, que ficou excluída para todos os centros universitários do Estado espanhol. Repare-se também que, para candidatar-se pela primeira via, nem era preciso contar com mais habilitações universitárias do que o título espanhol de *Diplomado* (equivalente ao *Bacharel* português).

Há, neste momento (Fevereiro de 2001), segundo os dados que nos foram fornecidos pela OIL, 75 tradutores ajuramentados de língua portuguesa, habilitados todos eles, portanto, pela primeira via.

A Catalunha dispõe de um sistema de habilitação de tradutores ajuramentados para catalão independente do âmbito estatal, regulado pelo Decreto autonómico 87/1994, de 19 de Abril, *de traducció i interpretació jurada al català*, que modificou recentemente o Decreto 119/2000, de 20 de Março, *de traducció i interpretació jurades*. Porém, nunca foram, ainda, marcadas provas para a combinação português-catalão. Em termos práticos, isso quer dizer que unicamente podem trabalhar nesse par linguístico os tradutores habilitados para português pelo Ministério e para catalão pelo governo autonómico (a *Generalitat de Catalunya*), ou pelo próprio Ministério, antes de serem transferidas as competências em matéria linguística para as Comunidades Autónomas.

A Galiza e o País Basco ainda não dispõem de registos independentes de tradutores ajuramentados, nem de sistemas de habilitação próprios. O número de tradutores habilitados para galego e basco é certamente reduzido, e correspondem todos eles à via ministerial e não a procedimentos autonómicos específicos.

Conclusões

Os elementos do quadro que acabamos de apresentar, e que ainda poderíamos complementar com outros dados de natureza similar, obrigam-nos a pôr de quarentena o optimismo a que aludíamos nas primeiras linhas deste trabalho. Com efeito, as informações relativas a todas as áreas consideradas (livros, material audiovisual, formação de tradutores, tradução ajuramentada) são sintomas de uma clara falta de interesse pela tradução de português para as línguas oficiais no Estado espanhol. É de justiça, porém, reconhecer o importante contributo neste campo de diversos vultos do mundo cultural e académico que já citámos nos parágrafos anteriores. Infelizmente, ter de salientar o trabalho individual, por importante que seja o nível atingido nele, será mais um novo indicio do desleixo geral, constituindo esses modos de proceder digníssimas excepções.

Devemos fazer notar, todavia, a evidência de não ser esta uma característica exclusiva da tradução de português para as línguas espanholas, antes, um traço distintivo, lamentavelmente, da tradução de português em conjunto. Será significativo, para esses efeitos, reproduzir aqui um trecho da apresentação do V Congresso Internacional de Tradução, recentemente convocado pela Universidade Autónoma de Barcelona (a primeira a oferecer Estudos de Tradução

em Espanha), sob o lema de *Interculturalidade e tradução: as línguas menos traduzidas*:

According to 1994 statistics [tiradas do Relatório Mundial da Cultura, da UNESCO], 28,646 English works were translated into other languages, while less than 300 works were translated from languages such as Arabic, Chinese, and Portuguese.⁵

Pondo de parte este dado funesto, é óbvio que as ligações entre os âmbitos lusófono e hispanófono têm hipóteses de ser, por proximidade geográfica, cultural, e - certamente - linguística, muito mais estreitas do que entre outros pares de línguas. Quais são os motivos para não se verificar essa circunstância? Entre outros, da nossa óptica, os três que se seguem.

Em primeiro lugar, para o público espanhol, o português é uma língua imediatamente acessível a nível escrito e essa constatação fez com que a actividade profissional dos tradutores de português não atingisse ainda uma consideração profissional que fica reservada para combinações aparentemente mais úteis, que incluem o inglês, o alemão ou o francês. Porém, cumpre apurar aqui esta afirmação inicial. Devemos salientar, antes de mais, que a imediata acessibilidade da língua portuguesa atingiria, em todo o caso, unicamente os textos escritos (nem todos, por certo). As manifestações orais da língua de Camões resultam, para a maior parte dos cidadãos espanhóis, uma amálgama enfadonha de fonemas obscuros com que os "irmãos portugueses" teimam em ocultar o seu discurso. Curiosamente, a percepção do português como língua fácil - e, portanto, pouco útil - parece ser directamente proporcional à distância de Portugal a que está situado o centro de formação de tradutores. Na Universidade de Vigo, por exemplo, a 30 quilómetros da ponte internacional de Tui-Valença do Minho, o número de estudantes das combinações linguísticas que incluem o português é insignificante quando comparado com o número de estudantes catalães que escolhem as combinações português-espanhol/catalão na Universidade Autónoma de Barcelona. Quando a língua de um Estado vizinho é tão próxima e, ao mesmo tempo, tem uma presença tão limitada, tem tão pouco valor de uso real, não espanta nada ser considerada pelos cidadãos do segundo Estado em causa (ou da segunda Comunidade Autónoma em causa) uma variedade pouco útil, ou, então,

⁵ Nesse mesmo ano em que a UNESCO detecta menos de 300 traduções de obras portuguesas, detectamos nós no ISBN espanhol 56 traduções do português (5 eram para catalão e 3 para galego; não contamos com dados para o basco, mas é fácil prever que pouco menos de 50 seriam para castelhano). A imensa distância ficam as traduções do inglês (6483), do alemão (880), do italiano (716), ou mesmo do catalão (132, em traduções para as outras línguas do Estado) só em Espanha.

simplesmente inútil. A vontade de orientar o próprio percurso universitário para essa via é, portanto, habitualmente, o resultado de considerar as matérias de português “cadeirinhas” fáceis de superar, ou a simples consequência de não dispor de vagas em combinações linguísticas mais atraentes.

Em segundo lugar, o extraordinário desconhecimento de Portugal é um denominador comum que um observador imparcial detectará imediatamente, com pequenos matizes, nas diferentes nações que conformam o Estado espanhol. Este desconhecimento (por vezes não isento de um bocado de desprezo) poderia ser, paradoxalmente, consequência e causa da “familiaridade” que apontámos no parágrafo anterior. Não parece que exista, apesar dos constantes depoimentos institucionais nesse sentido, qualquer política *efectiva* no Estado espanhol visando uma modificação substancial dessa propensão. Se existisse, a sua eficácia teria sido bem limitada, aliás.

Em terceiro lugar, não parece que a indústria cultural portuguesa tenha recebido dos gestores públicos do primeiro país interessado nela, Portugal, o estímulo e os apoios suficientes para projectar os seus produtos no ambiente mais imediato (a Península Ibérica). Esta observação parece aplicável também ao conjunto do âmbito internacional, alargando, por certo, as responsabilidades para o conjunto da Lusofonia, a acreditarmos nos dados do Relatório da UNESCO apresentados pelos organizadores do Congresso de Tradução que antes citámos.

* * *

Para as pessoas que se interessam pela língua portuguesa, a situação que acabo de descrever é, simplesmente, habitual. Pensar o contrário será um auto-engano em que nem nós já gostamos de cair. Felizmente, e por enquanto, Portugal e Espanha vão continuar a ser vizinhos inevitáveis. Essa realidade geográfica é muito mais obstinada do que a altanaria de um país ou o acanhamento do outro. As pessoas que moram no mesmo prédio, afinal, não podem deixar de falar (mesmo quando falam com sete pedras na mão). E quando as pessoas falam línguas diferentes, embora muito próximas, têm de procurar tradutores.

Para além das grandes palavras dos políticos, os tradutores trabalham com as pequenas palavras de todos os dias. Os caminhos que nós construímos ligarão tão bem os nossos países como as auto-estradas que eles inauguram. Uma sólida actividade tradutora (e de formação de tradutores) indicará, na altura em que não seja uma utopia, uma normalização das relações entre as diversas áreas linguísticas da Ibéria. Gostava imenso de ver isso algum dia.

Referências Bibliográficas

BENÍTEZ EIROA, E. *et alii.* (1997) - *Libro Blanco de la traducción en España*. Madrid: ACE Traductores.

GARRIDO, C. ; C. RIERA (2000) - *Manual de Galego Científico*. Corunha: AGAL.

ILC [Institució de les Lletres Catalanes] (1997) - *Catalan Language Literature Translations, the last 20 years (1977-1996), Literatura en llengua catalana: traduccions, els darrers 20 anys (1977-1996)*. Generalitat de Catalunya. Departament de Cultura: Institució de les Lletres Catalanes.

Panoràmica 1991 = MEC [Ministerio de Cultura] (1992) - *Panoràmica de la Edición Española de Libros 1991*. Madrid: Centro del Libro y de la Lectura. Dirección General del Libro y Bibliotecas, Ministerio de Cultura.

Panoràmica 1992 = Galán Pérez, J.M. [dir] (1993) - *Panoràmica de la Edición Española de Libros 1992*. Madrid: Centro del Libro y de la Lectura. Dirección General del Libro y Bibliotecas, Ministerio de Cultura de España.

Panoràmica 1993 = Martínez-Novillo González, A. [coord] (1994) - *Panoràmica de la Edición Española de Libros 1993*. Madrid: Centro del Libro y de la Lectura, Dirección General del Libro y Bibliotecas, Ministerio de Cultura de España.

Panoràmica 1994 = Pena Sánchez de Rivera, P. [dir] (1995) - *Panoràmica de la Edición Española de Libros 1994*. Madrid: Subdirección General de Promoción del Libro, la Lectura y las Letras Españolas, Dirección General del Libro, Archivos y Bibliotecas, Ministerio de Educación y Cultura.

Panoràmica 1995 = Pena Sánchez de Rivera, P. [dir] (1996) - *Panoràmica de la Edición Española de Libros 1995*. Madrid: Subdirección General Promoción del Libro, la Lectura y las Letras Españolas, Dirección General del Libro, Archivos y Bibliotecas, Ministerio de Educación y Cultura.

Panoràmica 1996 = Pena Sánchez de Rivera, P. [dir] (1997) - *Panoràmica de la Edición Española de Libros 1996*. Madrid: Secretaría General Técnica - Centro de Publicaciones, [Ministerio de Educación y Cultura, Secretaria de Estado de Cultura, Dirección General del Libro, Archivos y Bibliotecas].

Panoràmica 1997 = Herráez Sanz, J. [coord] (1998) - *Panoràmica de la Edición Española de Libros 1997*. Madrid: Secretaría General Técnica - Centro de Publicaciones, [Ministerio de Educación y Cultura, Secretaria de Estado de Cultura, Dirección General del Libro, Archivos y Bibliotecas].

Panoràmica 1998 = MEC [Ministerio de Educación y Cultura] (1999) - *Panoràmica de la Edición Española de Libros 1998*. Madrid: Secretaría General Técnica - Centro de Publicaciones, [Ministerio de Educación y Cultura. Secretaria de Estado de Cultura, Dirección General del Libro, Archivos y Bibliotecas].

- Panorámica 1999* = MEC [Ministerio de Educación, Cultura y Deportes] (2000) – *Panorámica de la Edición Española de Libros 1999*. Madrid: Secretaría General Técnica, Subdirección General de Información y Publicaciones. Ministerio de Educación, Cultura y Deportes.
- PERES RODRIGUES, J. H. (2000) – Especificidades do galego-português como lingua-alvo da tradución na Galiza..In J. L. Rodríguez (ed.) – *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, T. I, pp. 759-770.
- SABIO PINILLA, J. A. (1995) – O Portugués na Universidade de Granada. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 14, pp. 144-147.
- VERNET, J. (1992) – *Normalització lingüística i accés a la funció pública*. Barcelona: Fundació Jaume Callís.

Outras fontes documentais

Centros de Documentação

Arquivo de Documentação de *Televisión de Galicia*.

Centro de Documentação de *Televisión Española, S.A.*

Departamento de Documentação de *Televisió de Catalunya*.

Departamento de Documentação de *Euskal Telebista*.

Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Dirección General del Libro, Archivos y Bibliotecas. Servicio de Estudios y Documentación.

Internet

<http://www.mec.es>

<http://cultura.gencat.es/llengcat>

<http://www.fti.uab.es/ti2001>

CD-ROM

Agencia Española del ISBN. Ministerio de Cultura. Centro del Libro y la Lectura [Espanha].

HELEN KELLER EN TRADUCCIÓN ESPAÑOLA: LA PLUSVALÍA DE UNA MINUSVALÍA

J. J. LANERO

UNIVERSIDAD DE LEÓN

1. Hablar de Helen (Adams) Keller no resulta tarea fácil desde el canon literario norteamericano. Y aunque el *Oxford Companion to American Literature* o la mismísima *Enciclopedia Británica* la incluyen en sus páginas, poco o casi nada, puede sacarse en limpio, a no ser sus datos biográficos y la relación escueta de sus obras; su, digamos, "categoría" literaria. Una vez más, por la traducción, se nos acerca su obra, al tiempo que obtenemos datos y detalles de su trayectoria, imposibles de alcanzar con el intento de acceder directamente a ella por la lectura de cualquiera de sus obras en inglés.

Y lo que acabamos de decir se hace todavía más tangible si nos retrotraemos a comienzos del siglo XX; el ciudadano español de nuestro tiempo, con independencia de ser o no aficionado a la lectura, es probable que haya podido conocer algo de la personalidad de Helen Keller si ha visto la película, en versión española, titulada *El milagro de Ana Sullivan*.

Helen Keller, escritora, conferenciante y educadora sorda, muda y ciega, nació en el estado de Alabama, allá por 1850, en una pequeña ciudad, Tuscumbia. Y murió, no hace mucho tiempo, en 1968, en Easton, Connecticut. Su vida, teniendo en cuenta que fue una mujer nacida en el siglo XIX, representa una victoria extraordinaria sobre las minusvalías que la afectaron tan seriamente.

A los diecinueve meses, una enfermedad la dejó sorda y ciega; poco después se quedó muda. Sus padres, siguiendo los consejos del conocido Alexander Graham Bell, le buscaron una maestra particular. Así, en 1887, Anne Mansfield Sullivan, de la Perkins School for the Blind, de Boston, comenzó a educar a Helen, con la que iba a mantener una estrecha relación. Lenta y de forma penosa, aprendió los nombres de las cosas que podía tocar; aprendió

a hablar y a escuchar con las manos. A los dos años de empezar con sus clases, ya sabía leer y escribir en Braille. Logró ingresar en el Radcliffe College, en donde se graduó con la calificación de *cum laude* en 1904. Sullivan, su profesora, la preparó "dictándole" los apuntes escribiéndolos en la palma de su mano.

Helen Keller dedicó su vida a ayudar a los sordos y a los ciegos. Había aprendido a hablar poniendo sus dedos en la laringe de Anne Sullivan para "escuchar" las vibraciones.

Con la ayuda de un intérprete, al que necesitaba, pues su voz no era demasiado inteligible, recorrió el mundo promoviendo la educación de las personas con deficiencias similares a las suyas. A pesar de que estuvo comprometida con muchos grupos, entre los que podríamos nombrar el partido socialista, los sindicatos, el movimiento a favor del voto de la mujer, el control de la natalidad o la reivindicación de la igualdad racial, llegó a ser famosa por representar el triunfo sobre la adversidad¹.

En sus colaboraciones para revistas y en *The Story of My Life* (1902), nos explica cómo aprendió a leer, escribir y hablar. En obras y conferencias posteriores se esforzó para erradicar el estigma de la ceguera y de la sordera; para liberar a sordos y ciegos de asilos y psiquiátricos; para obtener fondos federales con el fin de grabar libros; y para que la seguridad social se ocupara de los norteamericanos con algún tipo de minusvalía.

Llama la atención el espíritu de superación de esta mujer que supo vencer las secuelas irreversibles de una enfermedad infantil en la sociedad americana de finales del siglo XIX y principios del XX. Los obstáculos que tuvo que superar se resumen muy bien en el prólogo con el que se inicia el libro *Luz en mi oscuridad*.

Se trata de la versión española de su obra *My Religion*, que Helen Keller había publicado en 1927, y que la editorial Las Américas ponía a disposición del lector de lengua castellana en Nueva York, precisamente el año de su muerte, 1968, contando con los auspicios de la Swedenborg Foundation. La labor traductora estuvo a cargo de Asela Gutiérrez Kann².

Luz en mi oscuridad, *My Religion* en versión original, contaba con once ediciones en lengua inglesa y ya había sido traducida al francés, al alemán y a diversas lenguas orientales cuando se publicó la primera traducción española en 1968. No debe sorprender que la Swedenborg Foundation apoyara la publicación en castellano: el pensamiento del científico, filósofo y teólogo sueco influyó mucho en Keller, en su conocimiento del mundo espiritual. Pues bien, en el prólogo, según

¹ Joseph P. Lash, *Helen and Teacher: The Story of Helen Keller and Anne Sullivan Macy*, New York: Delacorte, 1980.

² Helen Keller, *Luz de mi oscuridad*, Traducción de Asela Gutiérrez Kann, Property of the Swedenborg Foundation, New York: Las Americas Publishing Company, 1968.

decíamos, se incluyen unas palabras de Helen Keller que describen lo difícil que fue la vida que le tocó vivir:

Durante casi seis años viví privada del menor concepto sobre la naturaleza o la mente, la muerte o Dios. Puede decirse que pensaba con mi cuerpo y, sin excepción, los recuerdos de aquella época están relacionados con el tacto (...). No había una chispa de emoción o racionalidad en esos recuerdos clarísimos, aunque meramente corporales; podía compararme con un insensible pedazo de corcho. De pronto, sin que recuerde el lugar, el tiempo o el procedimiento exactos, sentí en el cerebro el impacto de otra mente y desperté al lenguaje, el saber, el amor, a las habituales nociones acerca de la naturaleza, el bien y el mal³.

Nada tiene de extraordinario que la versión castellana de *My Religion* apareciera después de once ediciones de la obra en inglés. Por esas coincidencias que marca la vida, el libro se publicó poco antes de su muerte y fue en Estados Unidos. Nada más. Pero si remontamos la historia de las traducciones españolas de Helen Keller, la inmediata anterior es de 1964. La Organización provincial de ciegos de Barcelona editó para sus miembros, en tres volúmenes, una versión española, en Braille, de *The Story of My Life*. Parece estar claro el objetivo de la misma: dar a conocer a los ciegos españoles la obra de alguien que, en sus mismas condiciones, supo dar sentido a su vida.

Pero sigamos retro trayéndonos en el tiempo. Así llegamos a 1904. *The Story of My Life*, como sabemos, se había publicado dos años antes, en 1902. La traducción alemana apareció de forma inmediata bajo el título *Die Geschichte meines Lebens*, con un prólogo de Felix Holländer; la versión es obra del autor P. Seliger. Estamos ante una traducción *autorizada* por Helen Keller, de la que se reproduce una fotografía de estudiante y una dedicatoria impresa en facsímil, y en la que saluda al pueblo alemán, patria de Schiller y Goethe, como apostilla ella: "In dieser Ausgabe meiner 'Lebensgeschichte' grüsse ich meine Freunde im deutschen Vaterlands"⁴.

Se trata de una impresión que tuvo dos tiradas: la popular y una de lujo, con cincuenta ejemplares. El que se conserva en la Biblioteca Nacional de Madrid hace el número veintisiete.

2. La primera traducción española de *The Story of My Life* vio la luz, como señalábamos más arriba, en 1904, bajo el título *Historia de mi vida, sorda, muda, ciega*. La realizó Carmen de Burgos Seguí, escritora más conocida por *Colombine*,

³ *Ibid.*

⁴ Helen Keller, *Die Geschichte meines Lebens* von Helen Keller, Mit einem Vorwort von Felix Holländer, Deutsch von P. Seliger. Autorisiert, Stuttgart: Verlag von Robert Lutz, n.d.

su pseudónimo habitual, aunque en algunos artículos políticos llegó a utilizar el de Gabriel Luisa. Fue profesora de la Escuela Normal de Madrid y de la de sordomudos y ciegos, lo que, en buena medida, justifica su labor. Podría definirse a *Colombine* como una mujer de amplia cultura general. Colaboradora de periódicos y revistas, de sus numerosas obras, algunas, como *Cuentos de Colombine* (1908), han sido traducidos al francés y al italiano. Como traductora puso en nuestra lengua a varios escritores. Se trata de ediciones, por lo general, anotadas. A ella se deben *Los Evangelios y la segunda generación cristiana*, de Renan, y *Dafnis y Cloe*, de Longo⁵.

*Historia de mi vida, sorda, muda, ciega*⁶, según reza la portada interior, está prologada por D. Eloy Bejarano y Sánchez. Este ilustre médico cacereño, oriundo de Zarza de Granadilla, del que, por cierto, es hijo predilecto, ocupó puestos de relevancia en la sociedad de la época. De todos ellos, varios están citados en la mentada portada interior: "Inspector General de Sanidad Interior, Vocal de los Reales Consejos de Sanidad y de Instrucción Pública, Comisario Regio del Colegio nacional de sordomudos y ciegos, Caballero Gran Cruz de Mérito Militar, Académico de Número de la R.A. de Medicina, etc., etc."⁷. Además, el Dr. Bejarano fue un escritor notable que colaboró en muchas publicaciones nacionales y extranjeras. De sus obras podemos citar, entre otras, *La gripe*, *La educación médica integral*, o *Tratamiento pedagógico de los sordomudos*⁸.

Dado el alto cargo del prologuista, nos da la sensación de que el protagonismo de la obra traducida se lo disputan él y la propia traductora, Carmen de Burgos. Y según qué interpretación deseemos darle al prólogo, que se extiende hasta la página xiv, podría llegarse a pensar que prevalece el autor del prefacio sobre la autora de la versión. Al menos así queda reflejado en la tipografía de la portada.

Eloy Bejarano divide su prólogo en tres partes de desigual dimensión. En la primera presenta a la traductora, Carmen de Burgos Seguí. Nos cuenta de sus colaboraciones en periódicos; de dos de sus libros, de reciente aparición en aquel 1904: *La protección y la higiene de los niños* y *El divorcio en España*; de su actividad docente en la Escuela Normal y de su competencia en asuntos pedagógicos relacionados con la niñez. Ésta es la base sobre la que fundamenta la idoneidad para que *Colombine* se ocupe de la versión española de las memorias de, según Bejarano, *Elena Keller*.

⁵ Cfr. *Enciclopedia universal ilustrada europeo-americana*, Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1968, tomo IX, pp. 1478-9.

⁶ Helen Keller, *Historia de mi vida, sorda, muda, ciega*, Prólogo del Excmo. Sr. D. Eloy Bejarano y Sánchez, Traducción de Carmen de Burgos, Madrid: Viuda de Rodríguez Sierra, editor, 1904.

⁷ *Ibid.*

⁸ Cfr. *Enciclopedia universal ilustrada europeo-americana*, Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1966, tomo VII, pp. 1480.

Llama la atención la adjetivación lastimera y misericorde que utiliza el prologuista. Al referirse a las personas que, como Helen Keller, son, además de ciegos, sordomudos, habla de "interesantes y desgraciados seres", de "la triste situación de los desventurados ciegos y sordomudos", de "los infelices privados de oído, de la vista ó de ambos sentidos"⁹. Y cuando alude a la formación de quienes tienen estas minusvalías sigue con un registro condescendiente y caritativo. Parece que considera este tipo de educación especial más una obra de misericordia que un deber social. De ahí que construya frases que resultan hirientes, como cuando cita "esta singular y simpática enseñanza", "la tranquilidad que siempre queda después de ejecutar una obra de misericordia"¹⁰. En síntesis: con eufemismos justifica la existencia de estos minusválidos para que los *normales*, y la palabra no es gratuita, puedan hacer obras de caridad.

En la segunda parte de su prólogo, después de apreciar un cierto mérito en la autora de *The Story of My Life* y adjudicar un valor positivo a la obra, sigue con unas alabanzas que, más que tales, se transforman en ataque:

... no cabe dudar que el pensamiento, la idea, el alma, el plan y la finalidad de la obra, corresponden, de derecho, íntegramente, á la sordomuda y ciega Elena Keller; pero la vestidura, la forma, el estilo, no se conciben, ni se logran en un sordomudo vidente y mucho menos en un sordomudo ciego...¹¹.

Y para poner las cosas peor atribuyendo a Fray Pedro Ponce de León el privilegio de ser pionero en la educación de los sordomudos, concluye el párrafo afirmando, y calificando, más allá de lo prudente, lo que sigue:

... la experiencia acredita que estos subnormales no pueden, sin embargo, construir gramaticalmente con la admirable corrección que se observa en los trabajos de miss Keller. A lo menos en la patria de fray Pedro Ponce de León, monje benedictino, inventor del arte de hacer hablar y escribir á los sordomudos, no se ha llegado á tanto¹².

A renglón seguido, y practicando la vieja costumbre española de *y nosotros más*, nombra el caso de un sordomudo y ciego, natural de Valladolid: Martín de Martín y Ruiz. Aunque la narración que ofrece de su biografía no viene a cuento, globalmente es una breve historia del quehacer del Colegio nacional de sordomudos y ciegos de España. No olvidemos que, como se nos notifica en la portada del libro, Bejarano era Comisario regio de la mencionada institución, en la

⁹ Helen Keller, *Historia de mi vida, sorda, muda, ciega*, ed. cit., pp. vii-viii *passim*.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ *Ibid.*, p. iv.

¹² *Ibid.*, la itálica es nuestra.

que, por cierto, puede advertirse una dignísima precursora de la hoy boyante Organización Nacional de Ciegos de España (ONCE).

Siguiendo con el relato, lo que, en un principio, parece sustanciarse en una excelente labor social realizada en la deprimida España de la década de 1860, en el que se traen a colación nombres de profesores, sistemas educativos, alusiones a Ana Temmermans, una ciega y sordomuda del Colegio de Brujas, el ministro de Fomento y hasta el Rey Amadeo y su esposa María Victoria, finalmente se transforma en una especie de exhibición circense.

El tal Martín de Martín, siempre según Bejarano, fue llevado, en 1873, a la Exposición universal de Viena, a la Exposición nacional de Madrid y a la de Filadelfia tres años más tarde, en 1876, como si se tratase de un fenómeno digno de ser mostrado en las ferias. Y hasta el Emperador de Brasil, Pedro II, acudió a contemplarlo al Colegio, "recogiendo como valiosas *preseas* las planas y dibujos que aquél [Martín de Martín] ejecutó á su presencia con portentosa habilidad"¹³.

El Dr. Bejarano concluye esta segunda parte del prólogo dando cuenta de la muerte de Martín de Martín. Y se nos da la causa de la misma: tuberculosis pulmonar. Nada tiene de extraño el fallecimiento por esta enfermedad, y menos por aquellos tiempos del siglo XIX; lo que sí parece sorprendente es la vinculación que se le otorga a semejante mal: "tan frecuente en los sordomudos"¹⁴. También es chocante que al famoso ciego se le atribuyan cualidades proféticas: "anunció, sin equivocarse, la hora de su muerte"¹⁵.

La tercera y última parte de la introducción es corta y la utiliza su autor para justificar el porqué de haberse extendido catorce páginas. Su propósito, dice, es "reivindicar nuestros triunfos en punto á la educación especial de sordo mudos y de ciegos"¹⁶.

Poco es, como puede apreciarse, lo que Eloy Bejarano dedica a Helen Keller, a excepción de un pequeño párrafo que se encuentra en la primera parte:

... el público (...) no dejará de considerar maravilloso el hecho de que una joven, triplemente desgraciada por carecer de oído, de vista y de palabra, pueda haber adquirido, sin otra fuente de conocimiento que la que facilita el sentido del tacto, la ilustración extraordinaria y la ternura de sentimientos revelados en las hermosas páginas de este libro excepcional¹⁷.

¹³ *Ibid.*, p. xiii. [Por *preseas* se entiende alhajas, joyas o telas preciosas].

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ *Ibid.*, p. xiv.

¹⁷ *Ibid.*, p. vii.

Termina el prólogo con un alegato que reitera la teoría de que en España la formación de sordomudos y ciegos fue anterior y mejor que en Estados Unidos:

*... no hay quien dispute á nuestros compatriotas fray Pedro Ponce de León y don Juan Pablo Bonet, el derecho de prioridad que les asiste, y la gloria que les corresponde por la concepción de la idea y la invención de los procedimientos educativos de los desgraciados seres que carecen del don de la palabra*¹⁸.

Quizá sea oportuno aclarar que cuanto el Dr. Bejarano dice de estos dos españoles es atinado. A Fray Pedro Ponce de León siempre se le ha atribuido el honor de haber sido el inventor de la enseñanza de los sordomudos. Su tratado, por desgracia, se ha perdido, aunque nos queda un instrumento notarial establecido por el propio fraile el 24 de Agosto de 1578; en él dice que tuvo

*... discípulos que eran sordos y mudos de nacimiento, hijos de grandes señores é personas principales, á quienes mostré hablar, y leer, y escribir, y contar y á rezar, y ayudar misa y saber la doctrina cristiana, y saberse por palabra confesar, é algunos latin y griego, y entender la lengua italiana, y este vino á ser ordenado y tener oficio y beneficio por la iglesia, y rezar las horas canónicas...*¹⁹.

Y para seguir dando fe de que la afirmación de Bejarano es documentada, hay que recordar que, aunque la obra escrita de Ponce de León no nos ha llegado, un siglo más tarde, Juan Pablo Bonet, el segundo español antes citado, publicaba en Madrid, en 1620, *Reducción de las letras del alfabeto y arte de enseñar á hablar á los mudos*. Los hay que opinan que se trata de una copia del desaparecido estudio de Fray Pedro²⁰.

3. Por lo que hace al corpus de la traducción, Carmen de Burgos sigue, con éxito desigual, el empeño de ser fiel al texto original, aunque para tal fin tenga que reproducir en español elementos extraños a nuestra lengua. Así, al comienzo del libro, Helen Keller, que da sus primeros pasos en el recorrido de su biografía, habla de las palabras que aprendió con unos pocos meses y de cómo, después de su enfermedad, siguió recordando. El párrafo de Keller, vía *Colombine*, dice:

¹⁸ *Ibid.*, p. xiv.

¹⁹ Cfr. *Enciclopedia universal ilustrada europeo-americana*, Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1966, tomo XLVI, pp. 246-7.

²⁰ Cfr. *Enciclopedia universal ilustrada europeo-americana*, Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1973, tomo VIII, p. 1593.

A los seis meses *¡oh maravilla!* Yo balbuceaba ya, dicen "How d'ye" (¡). Y un día llamé la atención general, gritando *tea, tea, tea* (té), casi distintivamente. Después de mi enfermedad, recordaba aún una de las palabras que aprendí en este primer periodo de mi infancia: *water* (agua), y aunque olvidé las demás, tartamudeaba siempre *wash-wash*, y no cesaba de pronunciar la palabra, que había aprendido á deletrear²¹.

La nota a pie de página a la que la traductora remite al citar *How d'ye* explica: "(1) Por ¿How do yo (sic) do? (¿Cómo está usted?)"²². Puede pasarse por alto alto que Carmen de Burgos haya convertido el "you" inglés en un castizo yo, o que utilice el signo de interrogación al principio y al final de la frase en inglés. No obstante, estas aclaraciones, además de no simplificar en nada el texto original, dificultan la lectura del texto meta. La presencia de *tea*, *water* y *wash-wash*, junto con sus equivalentes castellanos en paréntesis, no contribuyen a una mejor comprensión.

La idea de fidelidad al original lleva a la autora española a trasladar anglicismos y repetir calcos lingüísticos que entorpecen la lectura y son ajenos a las estructuras habituales de la lengua española. "Me han referido que empecé á andar", "me escurri á tierra", "me dejó la fiebre muy temprano", "Ana Mansfield Sullivan vino á instalarse junto a mí" son tan sólo un pequeño grupo de los ejemplos que podrían citarse.

En ocasiones la fidelidad al original hace que el texto meta resulte inexacto. Buscando la correspondencia, la literalidad, como tradicionalmente se denomina, lo que consigue es el efecto contrario, una versión confusa, cuando no errónea: "Posteriormente á la publicación de *La Historia de mi vida*, en el *Ladic's* (sic) *Home Journal* ("Diario del hogar de las señoras") Mr. Anagros ha declarado en una carta á Mr. Macy..."²³. Precisemos: es posible que el error de *Ladic* se deba a la imprenta; lo del "Diario del hogar de las señoras" no necesita comentario y los "Mr." empleados hubieran podido encontrar un buen equivalente en "Sr."

Pero si seguimos rastreando más páginas de la traducción, lo que en un principio parece ser un ánimo de seguir de cerca, de repetir, el texto original, pronto hay que desecharlo. Ese es el caso de cuando "Miss Sullivan me encontró un día en un ángulo de la Biblioteca, engolfada en la lectura de *La Carta Roja*"²⁴. El *ángulo* de la Biblioteca puede entenderse; de más difícil comprensión, o comprensión opuesta, resulta *engolfada*. Los derivados de la palabra golfo, como es sabido, en español suelen tener una carga semántica apreciablemente negativa, en

²¹ Helen Keller, *Historia de mi vida, sorda, muda, ciega*, ed. cit., p. 6.

²² *Ibid.*

²³ *Ibid.*, p. 83.

²⁴ *Ibid.*, p. 123.

la que Helen Keller seguro que no pensaba, aún cuando su lectura fuera *La Carta Roja* que, recuérdese, tiene una protagonista a la que le pudiera venir muy bien ese adjetivo, por haber sido acusada de adúltera en *La letra escarlata*.

Y al hilo de las lecturas de Helen Keller, *Colombine* las transporta al español con título traducido, a pesar de que en las primeras páginas del libro ofrezca título original y traducción:

No tengo presentes todos los libros que he leído, ni el orden en que los leí; pero puedo citar algunos de los que más me han impresionado: Los Héroes Griegos, Las Fábulas de La Fontaine, El Libro de las Maravillas, Historias Bíblicas de Hawthorne; Cuentos Sacados de Shakespeare, por Lamb, una Historia de Inglaterra, para niños, por Dickens; Las mil y una noches, El Robinson Suizo, Robinson Crusoe, Mujercita y Heidi, bonita novelita que más tarde volví a leer en alemán²⁵.

A pesar de todos los pesares, no debería olvidarse que el análisis de la traducción realizada por *Colombine* puede resultar positivo o negativo dependiendo de la perspectiva desde la que se contemple; del público lector al que iba destinada la versión y el efecto que se pretendía generar.

Teniendo en cuenta el canon lingüístico del español, Carmen de Burgos crea palabras y produce elementos extraños, que no impiden al lector, que va siguiendo el argumento biográfico de Keller, la comprensión de una vida tenaz y sacrificada.

Dejando a un lado *La Carta Roja* o *El Lorcito Fauntleroy*, pues seguro que la mayoría de los que leyeron el libro nada habían oído hablar de *La letra escarlata*, a pesar de estar ya disponible en traducción en 1904, el discurso bien pudo llegar a su destinatario.

Resulta, a nuestro modo de ver, mucho más significativo y, desde luego, es más relevante, observar cómo una obra que vio la luz tan sólo dos años antes, estuviera en versión castellana, teniendo en cuenta la labor traductora, de imprenta y de distribución, casi de forma inmediata. Por lo demás, salta a la vista la adecuación de la autora española, que por profesión guardaba una relación estrecha con la educación de sordomudos y ciegos.

Ignoramos a qué tipo de personas se quería dirigir y recomendar la lectura del texto español, aunque puede adivinarse que se trata de dos subgrupos: el de los que, como Helen Keller, estaban afectados de las mismas deficiencias y el de los que podían ver una superación de tintes épicos en su proceso de formación; proceso en el que más que destacar sus méritos, Keller desea conceder un lugar importante a

²⁵ *Ibid.*, p. 126.

los que la educaron y a sus amigos, que supieron hacer de su minusvalía una plusvalía ejemplar. No en vano la obra concluye en esos términos:

Así es cómo mis amigos han hecho la historia de mi vida. De mil diferentes modos han transformado mis imperfecciones físicas en maravillosos privilegios, y me han puesto en estado de caminar tranquila y dichosa en medio de la noche que me rodea²⁶.

²⁶ *Ibid.*, p. 166.

A TRADUÇÃO PORTUGUESA DE *LE JUIF ERRANT* (EUGÈNE SUE), UM CASO SINGULAR DA TRADUÇÃO DO SÉCULO XIX PORTUGUÊS¹

CARLOS CASTILHO PAIS
UNIVERSIDADE ABERTA

1. A disputa pelo leitor

No ano (1844) em que se dava início à publicação em folhetim da primeira tradução portuguesa de *Le Juif Errant*, já dispunha o leitor português de uma outra obra de Eugène Sue (Marie Joseph Sue, 1804-1857) – *Os Mistérios de Paris*, cujo original havia começado a publicar-se em folhetim (Paris, 1842) – traduzida e publicada no Porto entre 1843 e 1846, sem a indicação do nome do tradutor². Desta feita, para *Le Juif Errant*, a tradução portuguesa não fazia esperar tanto tempo o leitor português, dado que o original começou a publicar-se em Paris no mês de Junho de 1844 e a publicação da tradução da obra se iniciou um mês depois no periódico de Lisboa *Restauração*.

Para além desta particularidade, *O Judeu Errante*, obra traduzida pelos irmãos Adriano e José Feliciano de Castilho, enfrentará a concorrência de outras traduções, será elogiada e será motivo de reflexão pública sobre a tradução por parte de um dos maiores teóricos e tradutores do nosso século XIX, António Feliciano de Castilho. Por tudo isto, esta obra de Eugène Sue em português não pode deixar de merecer a atenção do historiador da tradução portuguesa.³

¹ Ofereço ao leitor, alinhavadas, algumas das notas que fui coligindo sobre a História da Tradução, quer sobre o século XIX quer sobre as traduções desta obra de Eugène Sue. Assim se verá que não pretendo aqui encerrar este assunto.

² O *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio Francisco da Silva (Lisboa: Imprensa Nacional, 1860, tomo V, pp. 100-101) indica o nome de José Pereira Reis como tendo sido o tradutor de *Os Mistérios de Paris*.

³ Ainda no ano de 1844 subia ao palco do Teatro do Salitre a obra de Sue *Adelina d'Ornilly*, traduzida por Inácio Maria Feijó. Devo esta informação a Ana Isabel Vasconcelos, especialista em texto dramático.

Logo a 9 de Agosto de 1844, no número 61 d'*O Cosmopolita* - periódico que se publicava na cidade do Porto - assinado apenas com as iniciais J. F., surgia o primeiro artigo crítico sobre a tradução de Adriano e José Feliciano de Castilho. Esta crítica d'*O Cosmopolita* não ficará sem resposta.

Com efeito, em Setembro do mesmo ano era anunciada a segunda edição, reservada aos assinantes e publicada em vários volumes. No primeiro tomo incluía-se um prólogo de António Feliciano de Castilho, no qual se podia ler na íntegra a crítica publicada pel'*O Cosmopolita*. António Feliciano de Castilho apenas se esqueceu de incluir as iniciais do autor do artigo crítico. Infelizmente, não nos foi possível contactar com esta edição. Mas as diligências do filho do escritor romântico - Júlio de Castilho - que reuniu e publicou a *obra completa* do pai, permitem que ainda hoje possamos analisar o prólogo que António Feliciano de Castilho escreveu para a segunda edição da tradução dos seus irmãos⁴.

Curiosamente, o periódico que havia publicado o artigo crítico sobre a tradução dos irmãos Castilho é escolhido para anunciar esta segunda edição, correndo o anúncio a partir do número 76 de 13 de Setembro de 1844. Mas logo no número seguinte, a 16 de Setembro, a mesma publicação anunciava uma outra tradução da mesma obra da seguinte forma:

PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS

O JUDEU ERRANTE

Este romance escripto pelo celebre Eugenio Sue, que tão pregoado tem sido por toda a Europa, e que realmente encerra muita belleza, está-se traduzindo e imprimindo nesta Cidade.

O primeiro volume, impresso em papel superior, contendo quinze folhas de impressão, em formato de 8.º, acha-se á venda, pelo preço de 480 reis, nas lojas de livros de Cruz Coutinho, aos Caldeireiros; e de Novaes, ás Hortas - e na typographia de Faria Guimarães.

Não se vende este volume senão a quem assignar para os seguintes, cuja impressão será em papel, e formato inteiramente igual.

(*O Cosmopolita*, número 77, 16 de Setembro de 1844)

⁴ Recentemente, o prólogo foi incluído por nós em *António Feliciano de Castilho. O Tradutor e a Teoria da Tradução*, Coimbra: Quarteto, 2000, pp. 95-114.

Iniciava-se deste modo a contenda entre duas traduções – a de Lisboa e a do Porto. A denominação das traduções não é nossa, pertence aos autores dos anúncios respectivos, que, aparentemente, assim pretendem uma identificação mais facilitada de edições quase simultâneas e de preço idêntico das duas traduções.

Porém, uma atenção mais cuidada aos anúncios revelará que a designação não encerra apenas uma simples intenção em identificar traduções. Fixemos-nos, por exemplo, no número 101 d' *O Cosmopolita*, de 13 de Novembro de 1844, no qual é inserido o anúncio da venda em Lisboa, Coimbra, Porto e Braga do terceiro volume da tradução de Adriano e José Feliciano de Castilho pelo preço de 480 réis. O anúncio refere ainda que faz parte da obra editada um prólogo da autoria de António Feliciano de Castilho e termina com a seguinte frase: "Pede-se que se não confunda esta versão com a publicação do Porto." Note-se que a tradução anunciada é apresentada enquanto "versão" e a tradução do Porto é designada por "publicação". É esta diferença de termos que nos permite afirmar que sob a capa da identificação de duas traduções se escondia também uma intenção depreciativa.

Respondia o Porto, cinco dias depois, anunciando a venda do seu segundo volume e a impressão do terceiro. No texto do anúncio, identificava-se a tradução com a cidade, mas designando a sua publicação de "tradução". A intenção depreciativa parece ter sido compreendida.

PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS

O JUDEU ERRANTE

O segundo volume do Judeu Errante, tradução do Porto, acha-se á venda nas lojas de livros de Novaes, ás Hortas; Cruz Coutinho, aos Caldeireiros; e Moré, á esquina dos Loyos. Está-se imprimindo o terceiro volume.

(*O Cosmopolita*, número 103, 18 de Novembro de 1844)

E, finalmente, para constatar-mos também que a edição da tradução do Porto não chegou nunca a adiantar-se à edição da tradução dos irmãos Castilho, apresentamos o anúncio incluído no número 114 de 13 de Dezembro de 1844. Não encontramos qualquer novidade em relação ao anúncio anterior no que diz respeito à tradução do Porto; por sua vez, a tradução de Lisboa surge-nos agora designada por "edição".

PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS

O JUDEU ERRANTE

O segundo volume do JUDEU ERRANTE, traducção do Porto, acha-se á venda nas lojas de livros de Novaes, ás Hortas; Cruz Coutinho, aos Caldeireiros; e Moré, á esquina dos Loyos. Está-se imprimindo o terceiro volume.

O terceiro volume do - JUDEU ERRANTE - edição de Lisboa acaba de chegar ao Escriptorio de J. J. Rodrigues dos Santos, na travessa da Fabrica do Tabaco nº 41 e 42. Roga-se aos Snrs. Subscriptores, que ainda o não receberam, queiram manda-lo buscar ao dito Escriptorio.

No corrente mez se espera o 4º volume desta obra.

Alli se acham á venda Folhinhas de Porta e Algibeira para 1845.

(O *Cosmopolita*, numero 114, 13 de Dezembro de 1844)

Não será este o único episódio da concorrência que terá de enfrentar a tradução de Adriano e José Feliciano de Castilho. Ao episódio que acabámos de descrever deveremos voltar quando, mais à frente, recordarmos o "Prólogo" de António Feliciano de Castilho, pedra fundamental desta etapa da vida desta tradução. Adiantemos, desde já, que o autor do "Prólogo" junta às ideias defendidas todo o seu prestígio de escritor romântico e de tradutor das *Metamorfoses* (Ovidio), publicadas três anos antes (1841) da obra em questão. A critica generalizada ao **aluvião de más traduções** que então se faziam torna mais relevante o elogio que algumas (poucas) traduções conseguiam conquistar aos *nossos românticos*. Com efeito, raros são os tradutores elogiados quer por Garrett, quer por Herculano e Castilho durante os primeiros anos do romantismo português. Como vimos, os anúncios da tradução de Adriano e José Feliciano de Castilho não esquecem de mencionar que a edição inclui o "Prólogo" de António Feliciano de Castilho. Independentemente da sua justeza, que não está agora em causa, importa referir o elogio como uma das peças da contenda pela conquista de leitores. Refira-se também que a ausência da inscrição do nome do tradutor, e para mais, não dispendo do *elogio romântico*, não deve ter favorecido as pretensões da tradução do Porto. Nova vida esperava a tradução de Lisboa, como veremos a seguir. A mesma sorte não teve a tradução concorrente.

2. As traduções em livro

Prosseguimos no itinerário da tradução dos irmãos Castilho, como foi nossa intenção desde o início. Daremos agora conta da terceira edição da obra, em livro de pequeno formato, cuja impressão se iniciou logo em 1845 e terminou no ano seguinte na Tipografia Lusitana.

Da tradução de Adriano e José Feliciano de Castilho ouviremos ainda falar, quando, em 1849, a Imprensa Nacional publica nova tradução da obra, em três volumes, no mesmo ano, de resto, em que a tipografia de Elias José da Costa Sanches, também de Lisboa, imprime um *Judeu Errante* que se diz "traduzido livremente". Infelizmente, nenhuma destas edições menciona os nomes dos tradutores, permanecendo assim os irmãos Castilho os **únicos tradutores conhecidos de todo o século XIX desta obra de Eugène Sue**.

A terceira edição da obra dos irmãos Castilho pretendia-se 'popular'; isso mesmo nos é referido em texto introdutório, sem título nem paginação, que aqui se apresenta na íntegra:

Edição sobre edição d'esta obra tem provado que o mesmo acolhimento com que toda a Europa a recebeu, incontrou ella em Portugal.

Não nos vangloriámos de haver concorrido, por mérito da versão, para a estrondosa manifestação do público, que em toda a parte fôra extraordinária, mas em Portugal é sem precedente.

E todavia os honrosísimos juízos que d'esta versão teem publicamente feito os mais competentes, mas, fôrça é disel-o, benevolos juízes, obrigarnos-hiam a aprimorar estes livros, quanto em nossas fôrças coubesse.

Não nol-o permite nem a estreitesa do tempo que o nosso editor nos dá; nem o improvisado de traducção, a qual, como é sabido, acompanhou sempre em Portugal a recepção do original de Pariz; nem outras numerosas e graves occupações.

Apesar d'isso, temos ido melhorando, de edição para edição; e a presente sobreleva muito em correcção ás que a precederam.

*Quis o nosso editor fazer uma obra popular; por isso se resolveu a dal-a por um preço infimo, ao que é devida a inferioridade do papel, e o miúdo do typo. Tambem pelo mesmo motivo foi impossivel transcrever no corpo d'esta edição as mui numerosas peças sobre o *Judeu Errante*, que démos nas anteriores; entretanto a traducção dá completamente todo o original francez. Sollicitamos pois ainda igual benevolencia do público.*

(O JUDEU ERRANTE DE E. SUE TRADUSIDO
POR CASTILHOS (ADRIANO E JOSÉ), Lisboa:
Tipografia Lusitana, 1845-1846)

Como se vê, os autores justificam a edição pelo acolhimento que a obra de E. Sue tem obtido na Europa, afirmam ter melhorado a tradução e colocam na conta do editor a não-inclusão de 'peças' que constavam na edição anterior. De facto, não encontramos nesta edição o "Prólogo" que Antônio Feliciano de Castilho havia escrito para a segunda edição da tradução, por exemplo.

A esta edição em livro da tradução dos irmãos Castilho foi concedido um reino solitário entre 1845 e 1849. Das traduções editadas em 1849, já mencionadas, apenas a da Imprensa Nacional a refere em termos elogiosos. E esse é um facto que não pode deixar de ser assinalado na vida da tradução. Iremos, por isso, debruçar-nos sobre esta tradução, analisando sobretudo o prefácio que a acompanha.

A tradução publicada pela Imprensa Nacional, de 1849 a 1851, apesar de não possuir indicação que nos permita determinar o seu tradutor, inclui um prólogo, que também não é assinado, mas que é, sem dúvida, pertença do tradutor da obra. O prólogo explica o sucesso da obra de Sue, fornece alguns dados bibliográficos sobre o autor, justifica a publicação de uma nova tradução e defende-se de uma possível acusação de "contrafacção" relativamente à "tradução impressa", isto é, a terceira edição da tradução dos irmãos Castilho.

O prólogo remete-nos, por diversas vezes, para a tradução que nos ocupa, desde logo, ao colocar-se de acordo sobre os encômios tecidos por Antônio Feliciano de Castilho a Eugène Sue no "Prólogo" que o escritor romântico escreveu e publicou para a segunda edição da tradução dos irmãos - e, como de tão grande mestre em toda a especie de saber, apreciámos em muito sua opinião tão francamente pronunciada." Todavia, é nas referências explícitas à terceira edição da tradução de Adriano e José de Castilho que encontramos um **propósito idêntico**, que une, de alguma forma, as duas traduções. Também esta, como o pretendia aquela, quer ser popular. A modicidade do preço que ambas advogam atesta a chegada de novos leitores, um dos fenómenos característicos do mercado livreiro do século XIX. Também esta manifesta o empenho em bem traduzir, precavendo-se talvez de ser colocada no âmbito da crítica às más traduções, constante e feroz, que é, também, uma das características do século.

Reproduz-se, em apêndice, a primeira parte do prólogo da tradução publicada pela Imprensa Nacional em 1849. Dele importa reter agora o **elogio** feito à tradução dos irmãos Castilho. Para o autor deste prólogo, a tradução portuguesa impressa era "excelente", daí decorrendo que tenha que defender-se de possíveis acusações, quer de cópia quer de "especulação". Confeccionar nova tradução era o remédio encontrado contra a reprodução. Por sua vez, a justiça e a sensatez do público - informado das dificuldades e da delicadeza da posição - são os remédios encontrados contra uma hipotética acusação de "especulação vergonhosa".

Contudo, é no seguinte parágrafo que podemos encontrar os maiores elogios à tradução de Adriano e José Feliciano de Castilho, que justificam, de resto, que se

afirme encontrar-se na tradução publicada pela Imprensa Nacional um prolongamento ou ainda uma réstia de vida da tradução que nos ocupa:

Dizer que fizemos uma nova traducção não é avançar que nada aproveitámos daquella. Seria um absurdo. Podemos, contudo, asseverar com a mão na consciencia que não fizemos uma contrafacção; o nosso character repelle energicamente tal insinuação, repetimo-lo.

(*O Judeu Errante*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1849, pág. X)

A tradução publicada no mesmo ano pela tipografia de Elias José da Costa Sanches omite qualquer referência à tradução dos irmãos Castilho. Só uma análise pormenorizada da tradução permitirá porventura deslindar aquilo que esta tradução deve à outra. Porém, a opção pela diferença é o seu principal distintivo. Ao leitor e ao crítico cabe a tarefa de ajuizarem se *O Judeu Errante* que se diz ter sido “traduzido livremente” suporta dignamente as liberdades com que se apresenta. Um exemplo dessa ‘liberdade’ pode encontrar-se logo no início da obra, que aqui se apresenta com sublinhado nosso e que cotejamos com o original e com as outras duas traduções:

LES DEUX MONDES
PROLOGUE

L'océan polaire entoure d'une ceinture de glace éternelle les bords déserts de la Sibérie et de l'Amérique du Nord!... ces derniers limites des deux mondes, que separe l'étroit canal de Behring.

Le mois de septembre touche à sa fin.

(...)

(Original)

PROLOGO
ENTRE OS DOUS MUNDOS

Com um cinto de eternos gêlos, abraça o oceano polar as prayas da Siberia e da America do Norte!... extremos limites de dous mundos, separados pelo estreito canal de *Behring*.

O mez de setembro vai quasi transposto.

(...)

(Adriano e José Feliciano de Castilho)

PROLOGO
OS DOIS MUNDOS

O Oceano polar, abraça com um cinto de gelos eternos as desertas praias da Siberia, e da America do Norte!... esses extremos limites dos dois mundos, que o estreito canal de Behring separa.

O mez de Outubro de 1831 toca o seo fim.

(...)

(Edição de Elias José da Costa Sanches)

3. O "Prólogo" de António Feliciano de Castilho

Dentre todos os méritos desta tradução de *Le Juif Errant*, o de ter dado origem a esta peça fundamental da teoria da tradução da primeira metade do século XIX português afigura-se-nos ser o de maior relevo. António Feliciano de Castilho assume neste texto, ao nível da tradução, um **múnus pedagógico** cujas características são de salientar e que se revestem de alguma novidade, se tivermos em conta os seus textos anteriores a este, dos quais se destaca, sem dúvida, o "Prólogo" à sua tradução das *Metamorfoses* de Ovídio, datado de 1841.

Este texto divide-se em nove pequenos capítulos, constituindo-se os primeiros três em apreciação global da obra de Eugène Sue e encerrando os restantes o conjunto dos argumentos teóricos que sustentam a opinião que descreve a tradução realizada por Adriano e José Feliciano de Castilho como "boa", "admiravelmente boa". É nesta última parte que, já a terminar o "prólogo", o autor inclui na íntegra o artigo d'*O Cosmopolita* sobre a tradução dos irmãos Castilho, como já referimos, aproveitando para criticar os jornais que deviam ser, e não são, "o livro do século XIX, o livro do povo, o veículo da ilustração, da verdade, da justiça". Este é o corolário de uma lógica discursiva que tem na prática de traduzir do autor e na opinião favorável sobre a versão em causa as suas etapas fundamentais.

Hoje, este prólogo é de fácil acesso. Remetemos para ele o leitor interessado na visão que António Feliciano de Castilho nos apresenta sobre Eugène Sue. Aqui, em breves traços, realçaremos as ideias que dizem respeito à tradução, que encontramos na última parte do prólogo.

Ao lembrar a sua prática de traduzir, "larga, assídua, e de muitos anos", A. F. de Castilho faz apelo à **autoridade**, que daí lhe advém e lhe permite emitir um juízo credível sobre a tradução dos irmãos. Neste sentido, as ideias expressas sobre a tradução podem e devem ler-se também como a explicitação da teoria do

traduzir do escritor romântico que – evidentemente – para a sua cabal compreensão, não deve confinar-se a este texto e a este momento histórico.

Apoiando-se em La Harpe⁵ (Jean François de la Harpe, 1739-1803), Antônio Feliciano de Castilho defende que a boa tradução deve constituir-se em trunfo de glória para o tradutor abalizado, ser irrepreensível na sua linguagem e fiel ao espírito do autor da obra original. Compreensivelmente, *O Judeu Errante* é analisado em função da “pureza da linguagem” e da “transusão do espírito do autor”. A primeira destas “verdades capitais” decorrerá do cumprimento das outras duas. Existe pureza de linguagem na tradução quando “os bem costumados com o falar da nossa terra nada topam que os desafine”.⁶ Quanto à fidelidade ao espírito do autor, o tradutor, “só depois que se persuadiu haver bem reconhecido tudo, saiu, para nos dar conta, à sua moda e à nossa, de quanto vira e descobrira; sem diminuição, sem acrescentamento, sem mudança na substância, mas livre e senhoril no dizer, como quem já narrava do seu, e por sua conta”⁷.

Traduzir assim é *naturalizar* – concepção da prática de traduzir em uso na época romântica, assunto que requer outro e maior desenvolvimento.

⁵ La Harpe não é o único nome das Letras Francesas citado ou nomeado neste texto. Entre outros, são também citados os tradutores Turreil e Madame Dacier.

⁶ *Op. cit.* p. 103.

⁷ *Idem.* p. 104.

APÊNDICE

PRÓLOGO

Tem-se abusado tão larga e escandalosamente dos prologos, que, certo, nos não atreveríamos nós a inseri-lo na presente edição do *Judeo Errante*, se a nossa situação especialissima para com o público o não tornasse necessario, senão indispensavel.

Explicaremos, pois, o fim que nos propozemos nesta publicação, e os principios por que nella nos guiámos, desviando, por este modo, de nós qualquer imputação que porventura poderia fazer-nos quem, desfavoravelmente prevenido, nos pretendesse julgar.

O *Judeo Errante* teve um successo universal – e ainda entre nós – os do ultimo occidente – extraordinario, e pôde-se mesmo dizer espantoso. Milhares de exemplares se consumiram sem que bastassem a satisfazer a ancia do público.

Não é necessario ser grande pensador, nem dar tractos á imaginação para explicar plausivelmente a causa de tão grande successo.

O *Judeo Errante* deve-se considerar por tres differentes modos – litteraria, politica e socialmente. Como obra litteraria ninguem, que saibâmos, lhe nega o incontestavel, superior merecimento que tem: o mecanismo de toda a composição é admiravel, e o estylo, em todos os pontos, propriissimo, e muitas vezes de uma originalidade rara. O sr. A. F. de Castilho, no prologo á primeira traducção portugueza desta obra, tece merecidos encomios ao nosso auctor, e, como de tão grande mestre em toda a especie de saber, apreciámos em muito sua opinião tão francamente pronunciada.

Politicamente fallando, o seu interesse cresce de ponto. Eugenio Sue conheceu as tendencias que malevolamente se pretendiam desenvolver na sociedade para a reacção theocratica; revela-as e aponta-as, descobrindo, ou antes traçando um quadro eloquentissimo do que podem os manejos subterraneos da temivel associação dos filhos de Loyola, que, repellidos de todo o orbe, pretendem de novo avassalla-lo, sijeitando-o ao seu absoluto poder.

Há talvez muito carregado de tintas neste quadro; mas nem por isso é menos necessario que nos desviemos do abysmo em que facilmente poderemos despenhar-nos.

Considerada socialmente, a sua importancia não é menos, e o interesse da sua leitura cada vez mais consideravel; o *Judeo Errante*, sob as amenas fórmulas do romance, foi um passo tentado para a resolução do grandissimo problema – a *organização do trabalho* – pensamento gigante, generosa aspiração da democracia, embora se pretenda alcunhar de utopia perigosa.

Não é esta a occasião opportuna para traçarmos a nossa profissão de fé; e por consequencia não estudaremos aqui – nem tão pouco isso era possivel – esta

grande e importantissima questão, *que, em breve, absorverá todas as outras* nas suas variadas relações.

O que é certo, porém, ninguém nos pôde vedar que o escrevamos, é que as continuas e desastradas convulsões sociaes, seja qual fôr o seu pretexto ou a sua presumida causa, revelam a imperfeição e insufficiencia das instituições por que nos regemos. Há nellas defeito organico, e grande, seja qual fôr. A sociedade não está bem - vae muito, muito longe d'isso - e quer estar melhor.

É este um facto que se não pôde, de boa fé, contestar, porque as suas consequencias todos infelizmente as sentimos.

Eugenio Sue sentiu-as tambem; foi buscar a origem do mal, e procurou-lhe o remedio que se lhe affigou mais vantajoso.

Podia enganar-se; enganou-se talvez. Mas não é de bom christão negar-lhe a bondade da intenção, e o merito e a coragem da iniciativa.

Todos estes motivos concorreram para o fervor geral com que esta obra foi recebida: é que o *Judeo Errante* podia desagradar a muitos; mas interessava, mais ou menos, a todos.

A publicação da presente edição é destinada a satisfazer aos desejos de muitos que o não puderam ler nas primeiras edições; a sua modicidade de preço torna-a accessivel ás mais pequenas fortunas, e só agora é que affoutamente se pôde dizer que o *Judeo Errante* vae ser popular entre nós.

Cabe fallar dos principios por que nos dirigimos no nosso trabalho: a ideia de reproduzir textualmente a aliás excellente traducção portugueza já impressa, repugnava á nossa consciencia litteraria; nestas circumstancias não havia outro meio a seguir além daquelle que adoptámos: confeccionar uma nova traducção.

As difficuldades essenciaes do genero, accresce termos de emprehender semelhante tarefa, depois de outro que tão honrada e gloriosamente soube sair-se della.

Apraz-nos confessa-lo; para fazer justiça inteira nunca consultaremos as razões de conveniencia que talvez nos aconselhassem de calar o que sentimos.

Dizer que fizemos uma nova traducção não é avançar que nada aproveitámos daquelle. Seria um absurdo. Podemos, contudo, asseverar com a mão na consciencia que não fizemos uma contrafacção; o nosso character repelle energicamente tal insinuação, repetimo-lo.

O público sensato, calculando as difficuldades com que tivemos de lutar, e apreciando a nossa delicadeza, ha-de, de certo, fazer-nos justiça.

Não temos tambem a vaidade de acreditar que fizemos uma traducção melhor; mas se esta consideração nos afflige, conforta-nos a idéa de que, ao menos, nunca se nos poderá lançar em rosto o escandalo de uma especulação vergonhosa.

(*O Judeo Errante*, Imprensa Nacional, 1849, páginas VII a X)

JUAN SEMPERE Y GUARINOS: UN ILUSTRADO ANTE LA TRADUCCIÓN

FRANCISCO LAFARGA

UNIVERSIDAD DE BARCELONA

Juan Sempere y Guarinos, una de las figuras sobresalientes de la intelectualidad española de la época de la Ilustración, fue traductor de uno de los más importantes tratados de estética del siglo XVIII, las *Reflexiones sobre el buen gusto* de Ludovico Antonio Muratori, y autor de distintos escritos sobre política, economía y jurisprudencia. Pero tal vez su obra más meritoria, por la proyección que tuvo en su tiempo y en la posteridad, es el conocido *Ensayo de una biblioteca española de los mejores escritores del reinado de Carlos III*, publicado en 6 tomos por la Imprenta Real, entre 1785 y 1789.

El interés que se le ha concedido a esta obra se pone de manifiesto en el hecho de que en época relativamente reciente hayan aparecido dos ediciones facsimilares: la publicada por Gredos en 1969 y la llevada a cabo por la Junta de Castilla y León en 1999. También puede leerse en el sitio de la Biblioteca Virtual M. de Cervantes (<http://cervantesvirtual.com>).

El objeto de este artículo es rastrear la presencia en tan magna obra de las referencias a obras traducidas, así como intentar captar la actitud del ilustrado ante la traducción, a partir de los comentarios con los que suele acompañar las menciones a trabajos de traducción de los autores que incluye.

El *Ensayo* está organizado a modo de diccionario de autores, aunque cuenta con algunos artículos relativos a sociedades o corporaciones. En ocasiones la disposición resulta sorprendente: así, el duque de Almodóvar se encuentra bajo su anagrama Malo de Luque (Eduardo); Casimiro Gómez Ortega aparece sin su primer apellido y alfabetizado en la letra O; Juan Antonio Pellicer se encuentra por su segundo apellido, Saforcada. Un índice de autores y materias, puesto al final del sexto volumen, ayuda a la localización de temas y personajes, si bien no es exhaustivo.

Aun así, el *Ensayo* ofrece un inmenso caudal de información sobre la producción literaria y científica de la segunda mitad del siglo XVIII español. En el "Discurso preliminar" que antecede a la obra, Sempere insiste en los motivos que lo impulsaron a redactarla: dar a conocer la riqueza cultural de España y salir al paso de la imagen negativa que de ella se había difundido en el extranjero, citando expresamente algunos libros de viajes y, en particular, la *Encyclopédie méthodique*. Su obra debe situarse, pues, entre las que vieron la luz, tanto en España como en el extranjero, a raíz de la publicación del tomo de "Géographie" de la citada enciclopedia, y el nombre de Sempere debe aparecer junto a los de Forner, Cavanilles o Denina, aunque nuestro autor intenta distanciarse de las apologías escritas por ellos, insistiendo en el distinto carácter de su obra:

Las discusiones precisas en este género de escritos [las apologías], los argumentos, la erudición con que se procura amenizarlos, ocupan mucha parte y, por muy bien trabajados que estén, nunca son tenidos más que por unas buenas defensas, en las que siempre se cree que tiene mucho influjo el patriotismo, espíritu de partido, etc. Por lo cual lo más que se consigue con ellos es el hacer problemáticos y probables los asuntos que los ocasionan. (I, 41)

A pesar de tales declaraciones y de la intención de no caer en un patriotismo mal entendido, Sempere utiliza en ocasiones un tono parecido, aun cuando esta muy alejado de su pensamiento el rechazo sistemático de lo extranjero como tal y la creencia en la autosuficiencia de la cultura nacional. Así, en el prólogo al tomo V, comentando la necesidad de una bien fundada historia literaria de España, todavía no realizada según su idea, señala que podría corregir un error muy común entre los españoles, a saber:

el de los que piensan y creen que en España se sabe todo y que en materia de literatura para nada necesitamos los libros extranjeros: error tan perjudicial como ridículo. Perjudicial, porque quien cree que lo sabe todo es un ignorante y no puede dejar de serlo mientras no mude de opinión. Ridículo, porque ¿que mayor ridiculez puede haber que el despreciar a los extranjeros cuando en nuestras universidades, colegios y demás escuelas públicas casi no se estudian otros libros que los suyos, ni se predicán otros sermones, ni se leen otras obras o bien sean de piedad y devoción o de diversión y entretenimiento?(V, 2)

Y, puesto que de los autores extranjeros se pueden sacar, con discernimiento y gusto, muchas y muy buenas lecciones y aprovechamiento, no es extraño que la traducción y las traducciones ocupen un lugar relevante en su *Ensayo*, presentado como un conjunto de elementos apto para escribir esa historia literaria que anhela.

De hecho, al final del tomo VI, en un apartado de "Correcciones y adiciones", Sempere entona un *mea culpa* respecto al tema de la traducción, significando de paso toda la importancia que le concede:

Falta también un artículo de Traductores, sin el cual no puede formarse un conocimiento exacto de nuestra literatura. Los de las lenguas eruditas nadie parece que duda que deben contarse entre los literatos, o bien porque para su inteligencia se necesita mayor estudio y más conocimientos, o acaso también porque la opinión suele tener por mejores y de mayor mérito las cosas más difíciles. Como quiera que sea, los estímulos que se han dado a estas lenguas han empezado a producir obras útiles en su línea, como puede verse en las que se han mencionado y las que deben añadirse de los señores Ayala, García Malo, Valbuena, Villanueva, etc. [...] La mayor parte de los traductores de lenguas vulgares han afeado nuestro idioma con voces y frases nuevas y con cierta languidez muy ajena del carácter y genio de los españoles. Mas, por otra parte, la han enriquecido de ideas y aun en cuanto al estilo han contribuido a purgar este de ciertos vicios que se habían hecho generales en nuestros libros. [...] Algunos pensarán de diverso modo, mas yo creo que no se debe menor gloria a los señores Clavijo y Ortega por sus traducciones de las obras del conde de Buffon, Mr. Duhamel y demás que han hecho, que por las que han escrito los originales. Y que los señores D. Miguel Jerónimo Suárez, D. Bernardo María de Calzada y otros son también dignos de elogio por las suyas. (VI, 229-231)

Resultaría prolijo comentar detalladamente las referencias de Sempere a las traducciones y a los traductores. El apéndice puesto al final de este trabajo da cumplida cuenta tanto de los textos traducidos (ordenados por el nombre de su autor) como de la labor de los traductores mencionados. Una simple ojeada a las dos listas permite apreciar la repetida presencia de determinados autores y la amplia labor, en algunos casos, de ciertos traductores (Ramón de la Cruz, Tomás de Iriarte, Nifo, Cándido M^aTrigueros).

En cuanto a las opiniones y comentarios vertidos por Sempere a lo largo de su *Ensayo*, llama la atención la insistencia con que presenta el trabajo complementario de algunos traductores respecto de las obras que virtieron, en el sentido de clarificar, ampliar o completar el contenido de las mismas. Esta actitud se manifiesta de modo particular -y no es extraño que así sea- con las obras técnicas -históricas, científicas o técnicas- y en menor grado con las estrictamente literarias.

Podrían multiplicarse los ejemplos. Un caso específico es el de la reimpresión, con correcciones y aumentos, de anteriores traducciones. Tal ocurre con la labor de Casimiro Flórez Canseco, académico y catedrático de griego en los Reales Estudios de San Isidro de Madrid, quien en 1778 se ocupó de la reedición de la

Poética de Aristóteles, traducida en 1626 por Alonso o Alfonso Ordóñez de Seijas, y en 1781 de la de las *Obras* de Jenofonte, que había dado en 1552 Diego Gracián de Alderete:

Habiéndose pensado en hacer la reimpresión de la Poética de Aristóteles, traducida por Ordóñez, juntamente con el texto griego, para que éste y aquella salieron más correctos, se encargó la revisión al Sr. Canseco, quien desempeñó su encargo, corrigiendo muchos lugares en que estaba errada la traducción de Ordóñez y sustituyendo la de otros que aquel había dejado de traducir. Además de esto añadió el texto griego, la versión latina y notas de Daniel Heinsio y las del abad Batteux, traducidas del francés. [...] En la presente edición [de Jenofonte] se ha añadido el texto griego, conforme a la edición de Tomás Hutchinson, y corregido por el señor Canseco la traducción del secretario Gracián, que en muchos lugares estaba defectuosa, añadiéndose algunas notas para su mejor inteligencia [y] un prólogo del editor en que da noticia de las mejoras hechas en esta reimpresión. (II, 123-124)

También como una mejora respecto de traducciones anteriores - la de Francisco Vidal y Noya de 1529 y la de Manuel Sueyro de 1615 - se presenta la nueva versión de la *Conjuración de Catilina* y de la *Guerra de Yugurta* de Salustio, publicada en 1772 por el infante Gabriel de Borbón:

Por no haberse hecho aquellas traducciones en los mejores tiempos de nuestra lengua, aunque tienen mucho mérito, ninguna de ellas se acerca al original. El autor de esta, siguiendo en el estilo a nuestros mejores escritores del siglo XVI guarda exactamente el carácter y pureza de nuestra lengua, evitando escrupulosamente el uso de voces y frases extranjeras. [...] El mérito de esta traducción hecha por S. A., sus eruditas notas, corrección del texto original, belleza de los caracteres y láminas, excelente calidad del papel y exquisito gusto en la impresión, honrará eternamente a Cayo Salustio Crispo y a España en la época feliz del reinado de Carlos III. (I, 221-222)

De otros altos personajes alaba Sempere algún trabajo. Así, del conde de Campomanes, a propósito de una ya antigua versión del griego, la del *Periplo del general Hannon* (impresa en 1756), que el académico adornó con una estudio en el que "se explican y declaran muchos lugares oscuros del *Periplo* con erudición exquisita y oportunas reflexiones literarias y políticas" (II, 46). O del duque de Almodóvar, académico y diplomático, en relación a su versión de la *Histoire des deux Indes* de Raynal:

Conociendo su importancia y la necesidad que de ella tenía España, ha emprendido su corrección, purgándola de muchos defectos y añadiendo algunas

cosas útiles, que manifiestan el juicio del autor [es decir, del traductor] y su pericia en las materias de Estado, que con tanto acierto ha manejado en las embajadas y empleos con que lo ha honrado S. M. [...] El estilo del señor duque, tanto en la traducción como en las adiciones, no es menos vivo y animado que el del original. (IV, 1-2)

Las alusiones a la labor de "corrección" de los originales se hallan en otros lugares; por ejemplo, en relación a la traducción realizada por Valentin de Foronda de las *Instituciones políticas* del barón de Bielfeld "con algunas notas en las que aumenta y corrige algunas equivocaciones de aquel autor" (V, 178 n.). Aparece así mismo a menudo la idea de que los traductores españoles han dado en su versión un texto más erudito y documentado que el propio original. Algunos ejemplos ya han sido mencionados; puede añadirse aquí el de la traducción del *Viaje alrededor del mundo* del inglés Byron, publicada en 1769 por Casimiro Gómez Ortega, sobre la que Sempere da el siguiente comentario: "En Londres se apreció mucho más esta traducción que el mismo original por las notas que contiene sobre historia natural y demás adiciones. Y así fue preciso repetir la impresión en el año siguiente" (IV, 159-160). Y también el de la traducción del tratado de electricidad de Mauduit por Vicente Alcalá Galiano, en la cual el traductor, "para mejor inteligencia de la obra, antepuso una introducción en que da una idea general de la electricidad y de sus principales fenómenos, sacada de las obras de Franklin, P. Beccaria y el conde Lapepède" (VI, 20).

En cualquier caso, está planeando en los comentarios de Sempere la idea de que los traductores han aportado mucho de sí mismos y, en general, han hecho un servicio a España, dando a conocer obras útiles para el progreso material y cultural. Tal ocurre, por ejemplo, con la traducción de los tratados sobre pintura de Leonardo de Vinci y L. B. Alberti, en la que Rejón de Silva ha combinado este aspecto con el mencionado anteriormente:

El señor D. Diego Rejón ha hecho un servicio muy importante a España con esta traducción por ser el original una de las obras más útiles y científicas que se han escrito acerca de la pintura, por las importantes notas con que la ha enriquecido, particularmente acerca de la anatomía, que en tiempo de Vinci no estaba tan adelantada como ahora, y por lo que ha mejorado las figuras, valiéndose para uno y otro de hábiles profesores. (V, 2).

Con todo, el trabajo de la traducción no está exento de escollos y dificultades, que han sabido vencer los diestros traductores, animados -por lo común- por esa voluntad de servicio a la que antes aludía. Sempere, muy atento a las versiones de textos científicos, pondera las dificultades de su traducción. Así sucede en la de los tratados de agricultura de Duhamel de Monceau realizada por Gómez Ortega:

El mérito de estas traducciones no debe confundirse con el de otras lenguas vulgares. El asunto de los originales siendo casi enteramente nuevo en España necesitaba en el traductor un gran conocimiento de los dos idiomas francés y castellana, y mucho más de aquella parte de la física para saber la correspondencia de las voces técnicas del uno al otro. (IV, 161)

La misma dificultad de orden técnico tuvo que vencer el P. Terreros al traducir el *Espectáculo de la naturaleza* del P. Pluche, y precisamente las notas que reunió para llevar a cabo su trabajo le sirvieron de base para la parte técnica de su célebre *Diccionario*:

Como esta obra abraza tantos objetivos de historia natural, artes y oficios, en su traducción tuvo muchísimo trabajo para saber la correspondencia de las voces francesas de animales, yerbas, plantas, instrumentos, ingredientes, etc., en el castellano. Habiendo superado aquella dificultad a costa de un impropio trabajo, concluida su traducción se encontró con un gran número de voces que no estaban en el diccionario de nuestra lengua, con lo cual formó la idea de escribir otro nueva en que se comprendieran las voces de las ciencias y artes. (V, 50)¹

De hecho, Sempere se extiende poco en el comentario de traducciones literarias, pues su intención no era -obviamente- la de ejercer de crítico literario. Sin embargo, son relativamente extensas las menciones que incluye en su *Ensayo* a dos traducciones dramáticas de primer orden: la de la *Zaire* de Voltaire por García de la Huerta, y la de la *Athalie* de Racine por Llaguno. En el comentario de la primera, que su traductor tituló *La fe triunfante del amor y cetro* (1784), se refiere en particular a la larga advertencia que García de la Huerta antepuso a su versión, reproduciendo gran parte de la misma, con el cotejo que el propio Huerta hace de fragmentos de su traducción con las de dos versiones anteriores (III, 119-122). Con todo, encuentra un reparo Sempere en el texto de Huerta: el que se hubiera servido de una traducción anterior, sin traducir directamente del francés, según sus propias declaraciones, "lo que es muy reparable, particularmente cuando propone componer la justa idea de una traducción poética" (V, 119).²

Más elogioso es el comentario de la traducción de *Athalie* raciniana que Eugenio de Llaguno y Amírola, académico de la Historia y alto funcionario de Justicia, había realizado en la lejana fecha de 1754. Tras aludir a las dificultades de las versiones poéticas ("Es menester no solo poseer perfectamente la lengua en que se traducen, sino estar animado el traductor casi del mismo fuego y entusiasmo

¹ Así lo expresa el propio Terreros en el vol. I de su *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes*, Madrid: Viuda de Ibarra, 1786 (p. xi del prólogo).

² García de la Huerta había incluido precisamente en la portada de su versión, tras el título, la mención: "Tragedia en que se ofrece a los aficionados la justa idea de una versión poética".

que el autor original', III, 188), pone a la *Atalia* de Llaguno en la más alta cima de la traducción española:

Así entre nosotros es tenido por muy buen poeta don Juan de Jáuregui por haber traducido bien el Aminta de Torquato Tasso. La traducción de la Atalia es superior a esta y a cuantas se han hecho después de ella. Lejos de haber perdido nada el original de Racine en manos del señor Llaguno, está tan conservada la belleza de Atalia en la traducción que a no constar el autor podía dudarse quién lo era. (III, 188-189)

Y para corroborar sus afirmaciones propone el cotejo de dos pasajes de la tragedia con su original raciniano.

Se hace eco también Sempere de dos polémicas sobre traducción, de las varias que se produjeron en su tiempo: la que enfrentó al crítico italiano residente en Madrid Pietro Napoli-Signorelli con Ramón de la Cruz, y la que contrapuso a Tomás de Iriarte con Juan José López de Sedano a propósito de la traducción del *Arte poética* de Horacio.

De hecho, la primera – que fue más suave – está sólo anunciada en el *Ensayo*, puesto que la respuesta de Cruz todavía no se había producido en el momento de publicación del volumen II (1785), donde aparece el artículo dedicado al dramaturgo. Reproduce Sempere la parte de la *Storia critica dei teatri antichi e moderni* (Nápoles, 1777) de Napoli-Signorelli, en la que éste se refiere a los sainetes de Ramón de la Cruz, y en particular el fragmento en que alude a las fuentes del sainetista:

Escasea de imaginación para inventar y disponer un plan y hacer cuadros históricos. Por eso se ha limitado a traducir varias farsas francesas, particularmente de Molière, como Jorge Dandin, el Matrimonio por fuerza, Pourcegnac [sic]. Pero en vez de aprender de tal maestro el arte de formar de varias figuras el cuadro de una acción principal completa, ha escorzado y truncado a lo mejor las fábulas del cómico francés. (II, 233)

D. Ramón, en el prólogo a la edición de su *Teatro*, contestó con cierta displicencia a estas críticas, utilizando las propias palabras de Napoli-Signorelli:

*"No me he limitado a traducir" y cuando he traducido no me he limitado a "varias farsas francesas, particularmente de Molière, como el Jorge Dandin, el Matrimonio por fuerza, Pourcegnac [sic]". De otros poetas franceses e italianos he tomado los argumentos, escenas y pensamientos que me han agradado y los he adaptado al teatro español como me ha parecido.*³

³ *Teatro o colección de los sainetes y demás obras dramáticas de D. Ramón de la Cruz y Cano, entre los Arcades Larisio*, Madrid: Imprenta Real, 1786, vol. I, prólogo, s. p.

Y, para curarse en salud, proporcionó a Sempere una lista de sus obras, “ con la expresión de las piezas que ha tomado en todo o en parte de los autores extranjeros” (II, 234). Con todo, Ramón de la Cruz se quedó corto en el momento de señalarlas, pues distintas investigaciones han demostrado que sus fuentes extranjeras son más numerosas.⁴

Al hacer Sempere la descripción del contenido de las *Obras* de Tomás de Iriarte, publicadas en 1787, se refiere a la traducción del *Arte poética* de Horacio (publicada en 1777) y al prólogo que le puso, lo cual originó una agria polémica literaria con López de Sedano, documentada literariamente en la impugnación que éste publicó en el vol. IX de su antología *Parnaso español* (1778) y en la contundente y amplia respuesta que Iriarte dio en su *Donde las dan las toman* (1778):

Precede un prólogo en que se critican las traducciones que hicieron de la misma obra [el Arte poética] D. Vicente Espinel y el P. Morell, notando en ellas muchos defectos, no obstante que D. Juan Sedano había puesto en el Parnaso español la del primero, calificándola de perfecta y felizmente ajustada a su original; lo cual dio motivos a la contienda literaria que hubo después entre los dos. El señor Iriarte para su traducción ha tenido presentes las mejores ediciones de Horacio y los comentarios de los mejores humanistas que han ilustrado a aquel autor, con lo cual ha dado mayor claridad y energía a su traducción; y ha acompañado a esta con varias notas precisas para la mejor inteligencia del original. (V, 210)⁵

Sempere y Guarinos, como hemos visto, aun proponiéndose constituir una “biblioteca” -diccionario, diríamos hoy- de escritores, no desdeña la traducción. Las referencias a esta actividad son numerosísimas a lo largo de los seis volúmenes de su *Ensayo*, y el reproche que se hace al finalizar su obra, el de no haber incluido un artículo sobre “Traductores” es harto elocuente. Por ello no resulta extraño que mencione, en el artículo reservado al erudito Juan Antonio Pellicer y Saforcada, el *Ensayo de una biblioteca de traductores españoles*, publicado en 1778, obra que, aunque dé menos de lo que promete, resulta de un mérito innegable y es exponente de una sensibilidad particular hacia el tema de la traducción:

El señor Pellicer, aprovechándose útilmente de estas proporciones [su puesto de bibliotecario] y haciéndolas servir en beneficio de su patria ha

⁴ Puede verse un resumen de esas deudas en Lafarga (1994) y, para el caso concreto de los sainetes, en el estudio preliminar a mi edición (Cruz, 1990) y en el libro de M. Coulon (1993), pp. 529-543.

⁵ Sobre la traducción de Iriarte puede verse el reciente trabajo de Salas Salgado (1999).

emprendido la formación de una biblioteca de traductores españoles y para muestra de su importancia ha publicado este ensayo, en el cual da noticias muy exactas de muchas traducciones hechas en nuestra lengua de las obras más clásicas de todas las naciones y de las vidas de los traductores, examinando el mérito respectivo de ellos. (V, 67-68)⁶

⁶ Véase sobre esta obra en Marco García (1999).

Referencias Bibliográficas

- AGUILAR PINAL, FRANCISCO (1981-1999) – *Bibliografía de autores españoles del siglo XVIII*. Madrid: CSIC, 9 vols.
- CARANDE, RAMÓN (1955) – Colección de manuscritos e impresos de Juan Sempere y Guarinos. *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 137, pp. 247-313.
- Catalogue des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale* (1924-). Paris, Bibliothèque Nationale.
- COULON, MIREILLE (1993) – *Le "sainete" à Madrid à l'époque de don Ramón de la Cruz*. Pau: Publications de l'Université de Pau.
- CRUZ, RAMÓN DE LA (1990) – *Sainetes* (Edición de F. Lafarga). Madrid: Cátedra ("Letras hispánicas").
- FROLDI, RINALDO (1985) – Juan Sempere y Guarinos, bibliografo e storiografo dell'età di Carlo III di Borbone. In *I Borboni di Napoli e i Borboni di Spagna*, Nápoles, Guida Editore, II, pp. 375-390.
- FROLDI, RINALDO (1988) – Carlos III y la Ilustración en Sempere y Guarinos. In *La literatura española de la Ilustración. Homenaje a Carlos III*. Madrid: Universidad Complutense, pp. 21-37.
- FROLDI, RINALDO (1999) – Juan Sempere y Guarinos, traductor de las *Riflessioni sul buon gusto* de Ludovico Antonio Muratori. In Francisco Lafarga (ed.), *La traducción en España (1750-1830). Lengua, literatura, cultura*. Lleida: Universitat de Lleida, pp. 187-194.
- LAFARGA, FRANCISCO (1994) – Ramón de la Cruz y el teatro europeo. *Ínsula*, 574 (octubre), pp. 13-14.
- MARCO GARCÍA, ANTONIO (1999) – Sobre el *Ensayo de una biblioteca de traductores españoles* de J. A. Pellicer y Saforcada. In Francisco Lafarga (ed.), *La traducción en España (1750-1830). Lengua, literatura, cultura*. Lleida: Universitat de Lleida, pp. 71-78.
- RICO GIMÉNEZ, JUAN (1997) – *De la Ilustración a liberalismo. El pensamiento de Sempere y Guarinos*. Alicante: Universidad de Alicante.
- SALAS SALGADO, FRANCISCO (1999) – Observaciones sobre la traducción de Tomás de Iriarte de la *Poética* de Horacio. In Francisco Lafarga (ed.), *La traducción en España (1750-1830). Lengua, literatura, cultura*. Lleida: Universitat de Lleida, pp. 253-262.
- SEMPERE Y GUARINOS, JUAN (1785-1789) – *Ensayo de una biblioteca de los mejores escritores del reinado de Carlos III*. Madrid: Imprenta Real, 6 vols. Reimpresiones: (1969), Madrid, Gredos, 3 vols.; (1999), Valladolid, Junta de Castilla y León, 3 vols.

APÉNDICE

Este apéndice consta de tres apartados. En el primero he reunido, siguiendo el orden alfabético de autores originales, las traducciones mencionadas por Sempere. Entre paréntesis, tras el nombre del traductor, aparece la referencia de la mención correspondiente en el *Ensayo*. Todo lo puesto entre [paréntesis cuadrados] no consta en la obra de Sempere y lo he añadido a partir de la información proporcionada, principalmente, por la bibliografía de Aguilar Piñal para los textos españoles y por el catálogo de la Bibliothèque Nationale de Francia para los textos franceses o en francés; también me he servido en algunas ocasiones de la Union Nation Catalogue. En algunos casos me ha sido imposible hallar los datos completos; por otro lado, hay que hacer constar que Sempere no menciona casi nunca los títulos originales, y da algunas atribuciones falsas y más de un título equivocado o aproximado.

El segundo apartado presenta los mismos textos aunque dispuestos bajo el nombre del traductor, y remite – para la mención completa – al primero. En el tercer apartado he colocado algunas obras relativas a la traducción mencionadas así mismo por Sempere.

I. Traducciones

AA. VV.

Biblia (en preparación) [1790-1799]
Felipe Scio de San Miguel (V, 118-119)

AA. VV.

Colección de poesías castellanas, traducidas en verso toscano (1782-1783)
Juan Bautista Conti (II, 226-228)

AA. VV.

El libro de los Salmos
Cándido María Trigueros (V, 104)

AA. VV.

Memorias sobre agricultura, comercio, industria, etc. [1778-1791]
Miguel Jerónimo Suárez (VI, 231 n.)

[?]

El caballero de Medina
Ramón de la Cruz (II, 235)

[?]

El casero burlado

Ramón de la Cruz (II, 235)

[?]

Los cómicos en Argel

Ramón de la Cruz (II, 235)

[?]

La despedida

Ramón de la Cruz (II, 235)

[?]

Discurso sobre cuánto conviene el respetar las costumbres de los Estados (1786)Bernardo M^a de Calzada (VI, 232 n.)

[?]

El fénix de los hijos

Ramón de la Cruz (II, 235)

[?]

Idea sobre la naturaleza, forma y extensión de los socorros que conviene dar a los enfermos pobres en una ciudad populosa (1787)

Vicente Alcalá Galiano (VI, 20)

[?]

Los jesuitas reos de lesa majestad divina y humana (inédito) [perdida]

José Clavijo y Fajardo (II, 189)

[?]

El labrador y el usía

Ramón de la Cruz (II, 236)

[?]

El maestro de rondar

Ramón de la Cruz (II, 236)

[?]

El médico y los cautivos

Ramón de la Cruz (II, 236)

[?]

Pasajes escogidos de la vida de Federico II (1787)Bernardo M^a de Calzada (VI, 232 n.)

[?]

Payos y soldados

Ramón de la Cruz (II, 237)

[?]

Periplo del general Hannon (1756), impreso con *Antigüedad marítima de la República de Cartago* (original)

Pedro Rodríguez Campomanes (II, 44)

[?]

Poner la escala para otro

Ramón de la Cruz (II, 237)

[?]

Las presumidas burladas

Ramón de la Cruz (II, 237)

[?]

Vida de Federico II, rey de Prusia (1788)

Bernardo M^a de Calzada (VI, 232 n.)

[?]

Zelinda

Ramón de la Cruz (II, 238)

ACMET BEN ABDALA

Tratado de las aguas medicinales de Salam-Bir, que comúnmente llaman de Sacedón (1761)

Mariano Pizzi (IV, 205-206) [Se trata de una falsa traducción]

[ADDISON, Joseph]

Catón en Útica (1787) < *Cato* (1713)

Bernardo M^a de Calzada (VI, 232 n.)

ALBERTI, León Bautista

Tres libros sobre la pintura (1784), impreso con *Tratado de la pintura* de L. da Vinci < *De pictura* (1540)

Diego Rejón de Silva (V, 1-2)

[ALLETZ, Pons-Augustin] atribuida a L.-A. Caraccioli

Fundamentos de la religión [*Principios fundamentales de la religión*, 1776] < *Principes de la religion* (1767)

Francisco Mariano Nifo (IV, 148)

ANACREONTE & al.

Odas (trad. parcial) [perdida]

Cándido María Trigueros (V, 105)

ARISTÓTELES

Filosofía moral o Libros a Nicómaco (1772)

Ignacio López de Ayala (I, 156)

ARISTÓTELES

La Poética (1778) [nueva ed. corregida de la traducción de Alonso Ordóñez das Seijas (1626)]

Casimiro Flórez Canseco (II, 123-124)

BALLEXERD [BALLEXSERD, Jacques]

Crianza física de los niños desde su nacimiento hasta la pubertad (1765) <

Dissertation sur l'éducation physique des enfants (1762)

Eugenio Llaguno y Amirola (III, 193-194)

[BEAUMARCHAIS]

Eugenia < *Eugénie* (1767)

Ramón de la Cruz (II, 235)

[BERTOLA, Aurelio de Giorgi], atribuida a L.-A. Caraccioli

Las noches clementinas [1785] < *Le notti clementine* (hay trad. francesa de 1778)

Francisco Mariano Nifo (IV, 148)

BIELFELD, Barón de [Jacob Friedrich]

Instituciones políticas (1781, trad. parcial) < *Institutions politiques* (1760)

Valentín de Foronda (V, 178 n.)

BIELFELD, Barón de [Jacob Friedrich]

Instituciones políticas (texto completo) < *Institutions politiques* (1760)

Valentín de Foronda (V, 178 n.)

[BOISSY, Louis de]

El hablador < *Le babillard* (1725)

Ramón de la Cruz (II, 236)

[BRUEYS, D.-A. & J. PALAPRAT]

El mercader vendido < *L'avocat Pathelin* (1715)

Ramón de la Cruz (II, 236)

[BRUEYS, D.-A. & J. PALAPRAT]

El pleito del pastor < *L'avocat Pathelin* (1715)

Ramón de la Cruz (II, 237)

BUFFON

Historia natural, general y particular (en curso de publicación) [1786-1805] < *Histoire naturelle* (1749-1767)

José Clavijo y Fajardo (II, 188)

BUSCHING [Anton Friedrich]

El imperio de Osmán, comúnmente llamado otomano [1785] < *Das osmannische Reich in Europa* (1767)

Juan López (III, 198)

BYRON [John]

Viaje del comandante Byron hecho alrededor del mundo (1769) < *A journal of a voyage round the world* (1767)

Casimiro Gómez Ortega (IV, 159)

CARACCIOLI [Louis-Antoine]

Los caracteres de la amistad [1780] < *Les caractères de l'amitié* (1760)

Cartas de dicho Sumo Pontífice [Clemente XIV] [1777] < *Lettres intéressantes du pape Clément XIV* (1776)

Clamor de la verdad [1775] < *Le cri de la vérité* (1765)

La conversación consigo mismo [1782] < *La conversation avec soi-même* (1754)

Despedida de la marisala [Última despedida de la marisala a sus hijos, 1779] < *Les derniers adieux de la maréchale de "" à ses enfants* (1761)

El cristiano de estos tiempos [1777] < *Le chrétien du temps* (1766)

Fundamentos de la religión [Principios fundamentales de la religión, 1776] < (17)

Grandeza del alma [1775] < *La grandeur de l'âme* (1761)

Idioma de la razón [1775] < *Le langage de la raison* (1763)

Idioma de la religión [1775] < *Le langage de la religion* (1763)

La pintura de la muerte [1783] < *Le tableau de la mort* (1761)

La posesión de sí mismo [El goce o posesión de sí mismo, 1777] < *La jouissance de soi-même* (1759)

Religión del hombre de bien [1775] < *La religion de l'honnête homme* (1766)

El universo enigmático [1778] < *L'univers énigmatique* (1759)

La verdadera alegría [La alegría, 1782] < *De la gaieté* (1762)

El verdadero Mentor [1783] < *Le véritable Mentor* (1759)

Los verdaderos intereses de la patria [1785] < (17)

El viaje de la razón por Europa [1783] < *Le voyage de la raison en Europe* (1772)

Vida del papa Clemente XIV [1776] < *La vie du pape Clément XIV* (1775)

Francisco Mariano Nifo (IV, 148)

[Semperere adjudica también a Caraccioli las siguientes obras:

Fundamentos de la religión [*Principios fundamentales de la religión*, 1776]: es de P.-A. Alletz (véase)

Las noches clementinas [1785]: es de Aurelio de Giorgi Bertola (véase)

Los verdaderos intereses de la patria [1785]: es del caballero de Forges (véase)]

[CARMONTELLE]

El aderezo bien pagado [*Pagar la burla a buen precio*] < *Le diamant* (1768)

El pretendiente hablador [*El padrino y el pretendiente*] < *Le bavard* (1768)

El retrato < *Le portrait* (1768)

El veneno fingido [*El burlador burlado*] < *Le faux empoisonnement* (1769)

La viuda hipócrita < *La veuve avare* (1768)

Ramón de la Cruz (II, 234-238)

CICERÓN

Oraciones selectas [1776-1781]

Andrés Merino de Jesucristo (IV, 66)

COLUMELA

De la economía rústica (inconclusa) [*Tratado del gobierno de las cosas del campo*, ms. 1777]

Cándido María Trigueros (V, 105)

COLUTO DE LICÓPOLIS

De raptu Helenae libellus (1770)

Felipe Scio de San Miguel (V, 116-117)

El rapto de Elena

Ignacio García de San Antonio (V, 116-117)

CONDILLAC

La Lógica (1784) < *La Logique* (1780)

Bernardo M^a de Calzada (VI, 232 n.)

CROISSET [Jean]

El año cristiano [1753-1773] < *Exercices de piété* (1713-1720)

José Francisco de Isla (II, 131)

[CHAMFORT, Nicolas]

La indiana < *La jeune Indienne* (1764)

Ramón de la Cruz (II, 236)

[CHAMFORT, Nicolas]

El mercader de Esmirna [ms. 1773] < *Le marchand de Smyrne* (1770)

Tomás de Iriarte (V, 191)

DAVENANT, [Charles]

Aritmética política (1779) < *Of theme of political arithmetic en Discourses on the public revenues* (1698)

Nicolás de Arriquibar (I, 115-116)

[DESTOUCHES, Philippe Néricault]

El vanaglorioso [s. a.] < *Le glorieux* (1732)

José Clavijo y Fajardo (II, 188)

[DESTOUCHES, Philippe Néricault]

El filósofo casado (1787) < *Le philosophe marié* (1727)

Tomás de Iriarte (V, 191, 214)

DUCHESNE [Jean-Baptiste]

Compendio de la historia de España (1782) [1ª ed. 1754] < *Abrégé de l'histoire d'Espagne* (1741)

José Francisco de Isla (II, 130)

[DUHAMEL DE MONCEAU, Henri-Louis]

Física de los árboles (1772) < *La physique des arbres* (1758)

Casimiro Gómez Ortega (IV, 160)

[DUHAMEL DE MONCEAU, Henri-Louis]

Tratado del beneficio y aprovechamiento de los montes (1773-1774) < *Traité de la culture des terres* (1750-1761)

Casimiro Gómez Ortega (IV, 161)

[EBERTS, J.-H.]

La subordinación (1785) < *Le comte de Waltron ou la subordination* (1781)

Bernardo M^a de Calzada (VI, 232 n.)

EBU EL AUAM [ABU ZACARIA]

Sobre cultivo de las tierras (1751) [*Tratado de agricultura*] < [?]

Pedro Rodríguez Campomanes, en colaboración con Miguel Casiri (II, 44)

[FAGAN, Barthélemy-Christophe]

La pupila juiciosa [ms.] < *La pupille* (1734)

Tomás de Iriarte (V, 191)

[FAVART, Charles-Simon]

El novio rifado < *Le coq de village* (1743)

Los payos hechizados < *Les ensorcelés* (1758)

El premio de las doncellas < *La rosière de Salency* (1769)

Ramón de la Cruz (II, 237)

FEDRO

Fábulas escogidas (1787) [no impresas hasta 1851]

Tomás de Iriarte (V, 209)

FLECHIER [Esprit]

Vida del gran Teodosio [1731] < *Histoire de Théodose le Grand* (1679)

José Francisco de Isla (II, 131)

FLEURY [Claude]

Costumbres de los israelitas y de los cristianos (1737, mencionado por la reimpr. de 1769) [en realidad, 2 vols. independientes: *Costumbres de los israelitas* y *Costumbres de los cristianos*] < *Mœurs des israélites* (1681), *Mœurs des chrétiens* (1682)

Manuel Martínez Pingarrón (II, 200)

FONTENELLE [Bernard de]

Descripción del imperio de la poesía [perdida] < *Description de l'empire de la poésie* in *Œuvres* (1758)

Tomás de Iriarte (V, 191)

[FORBONNAIS, François Duverger de]

Elementos del comercio (1765) < *Éléments du commerce* (1754)

Carlos Le Maur (III, 219-220)

[FORGE, Caballero de], atribuida a L.-A. Caraccioli

Los verdaderos intereses de la patria [1785] < *Des véritables intérêts de la patrie* (1764)

Francisco Mariano Nifo (IV, 148)

FRUGONI, Francesco

Retrato de la corte y del cortesano (1752) < extraído de *De ritratti critici* (1669)

Francisco Mariano Nifo (IV, 146)

[GENLIS, Mme de]

Adela y Teodoro (1786) < *Adèle et Théodore* (1782)

Bernardo M^a de Calzada (VI, 232 n.)

[GOLDONI, Carlo]

Las pescadoras < *Le pescatrici* (1752)

Los portentosos efectos de la naturaleza < *I portentosi effetti della madre Natura* (1752)

Ramón de la Cruz (II, 237)

[GRESSET, Jean-Baptiste]

El malgastador [s. a.] < *Le dissipateur* (1736)

Tomás de Iriarte (V, 191)

[GRESSET, Jean-Baptiste]

El mal hombre [ms.] < *Le méchant* (1747)

Tomás de Iriarte (V, 191)

GUILLEMBORG, Gustavo Adolfo & Juan Gotschalk WALLERIO [GYLLENBORG, Gustav Adolf & Johan Gottschalk WALLERIUS]

Elementos naturales y químicos de agricultura (1775) < *The natural and chemical elements of agriculture* (1770) < *Agriculturae fundamenta chemica* (1761)

Casimiro Gómez Ortega (IV, 161)

[HARNY DE GUERVILLE]

Juanito y Juanita < *Georget et Georgette* (1761)

Ramón de la Cruz (II, 236)

HIPÓCRATES

Obras (1775-1770)

Andrés Piquer (IV, 202)

HOMERO

Iliada y Odisea (varios pasajes) [perdido]

Cándido María Trigueros (V, 105)

HORACIO

Epístola a los Pisones (1787) [*Arte poética o Epístola a los Pisones*, 1ª ed. 1777]

Tomás de Iriarte (V, 210)

HORACIO & al.

Odas (trad. parcial) [perdida]

Cándido María Trigueros (V, 105)

HORACIO

Oda ix del libro III [perdida]

Vicente de los Ríos (V, 20)

HORACIO

Sátiras I,1 (1787) [perdida]

Tomás de Iriarte (V, 209)

JANIN, señor de Comble-Blanche [Jean]

El antimefítico o licor antipútrido y perfectamente correctivo de los vapores perniciosísimos (1782) < *L'antiméphitique ou moyens de détruire les exhalations pernicieuses* (1782)

Casimiro Gómez Ortega (IV, 164)

JENOFONTE

Obras (1781, 2ª ed.) [reedición de la trad. de Diego Gracián de Alderete (1552)]

Casimiro Flórez Canseco (II, 124-125)

JUAN CRISÓSTOMO, San

Los seis libros de S. Juan Crisóstomo sobre el sacerdocio (1776)

Felipe Scio de San Miguel (V, 118)

LA FONTAINE

Fábulas (1788) < *Fables* (1668-1679)

Bernardo Mª de Calzada (VI, 231 n.)

[LEGRAND, Marc-Antoine]

El amigo de todos < *Le philanthrope ou L'ami de tout le monde* (1724)

Las arracadas [El chasco de las arracadas] < *Les nouveaux débarqués* (1726)

Las botellas del olvido < *Le fleuve de l'oubli* (1723)

Doncella, viuda y casada [Casada, viuda y soltera] < *La femme, fille et veuve* (1707)

Ramón de la Cruz (II, 234-235)

[LEGRAND & DOMINIQUE]

Inesilla la de Pinto < *Agnès de Chaillot* (1723)

Ramón de la Cruz (II, 236)

[LESAGE, Alain-René]

Historia de Gil Blas de Santillana (inédita) [1787-1788] < *Histoire de Gil Blas de Santillane* (1715-1735)

José Francisco de Isla (II, 131)

LINNEO, Carlos

Parte práctica del caballero C. Linneo (1784) < *Fundamenta botanica* (1736)

Antonio Palau y Verdera (IV, 176)

MABLEY [MABLY, Gabriel Bonnot de]

Derecho público de la Europa [1746] < *Le droit public de l'Europe* (1740)

José Antonio Abreu, marqués de la Regalia (I, 52)

[MARIVAUX]

El heredero loco < *L'héritier de village* (1729)

El triunfo del interés < *Le triomphe de Plutus* (1739)

Ramón de la Cruz (II, 236-238)

[MARMONTEL, Jean-François]

La marquesita o el divorcio feliz < [?]

Ramón de la Cruz (II, 236)

MAUDUIT [?]

Memoria sobre los diferentes modos de administrar la electricidad (1786) < [?]

Vicente Alcalá Galiano (VI, 20)

MARCO AURELIO

Los doce libros del emperador Marco Aurelio (1785)

Jacinto Díaz de Miranda (II, 246)

MARMONTEL [Jean-François]

Belisario < *Bélisaire* (1767)

Valentin de Foronda (V, 178 n.)

MARMONTEL [Jean-François]

La mala madre (1788) < *La mauvaise mère* in *Contes moraux* (1763)

Vicente María Santibáñez (V, 153)

MASSILLON [Jean-Baptiste]

Conferencias y discursos sinodales [1769-1773] < *Conférences et discours synodaux* (1746)

José Clavijo y Fajardo (II, 189)

METASTASIO

Hipsipile [1764] < *Issipile* (1732)

Francisco Mariano Nifo (IV, 147)

METASTASIO

Las furias de Orlando (imitación) [ms. 1776] < *Angelica* (1722)

Cándido María Trigueros (V, 104)

METASTASIO

La muerte de Abel (imitación) [ms. 1773] < *La morte d'Abele* (1732)

Cándido María Trigueros (V, 104)

METASTASIO

Ecio [*Ecio triunfante en Roma*] < *Ezio* (1728)

La isla desierta < *L'isola disabitata* (1752)

La Olimpiada [*Competencias de amistad, amor, furor y piedad*] < *L'Olimpiade* (1733)

El rey pastor [*No hay mudanza ni ambición donde hay verdadero amor*] < *Il re pastore* (1751)

Ramón de la Cruz (II, 238)

MILTON [John]

Paraiso perdido (libro I) [ms.] < *Lost Paradise* (1667)

Gaspar Melchor de Jovellanos (III, 132)

MOLIÈRE

El gazmoño o Juan de Buen Alma [ms. 1775] < *Tartuffe* (1667)

Cándido María Trigueros (V, 104)

[MOLIÈRE]

El aprensivo o enfermo imaginario [perdida] < *Le malade imaginaire* (1673)

Tomás de Iriarte (V, 191)

[MOLIÈRE]

El casado por fuerza < *Le mariage forcé* (1664)

Gutibambas y Mucibarrenas [*El casamiento desigual*] < *Georges Dandin* (1668)

El mal de la niña < *L'amour médecin* (1666)

Ramón de la Cruz (II, 235-236)

NOLLET [Jean-Antoine]

Tratado de la electricidad < *Essai sur l'électricité* (1746)

Casimiro Gómez Ortega (IV, 157)

[no consta entre las obras de Gómez Ortega; hubo una traducción de José Vázquez Morales con el título *Ensayo sobre la electricidad de los cuerpos* (1747)]

[PANNARD, Charles-François]

El sueño < *Le rêve* (1763)

Ramón de la Cruz (II, 238)

PECQUET [Antoine]

Arte de negociar con los soberanos [1741] < *De l'art de négocier avec les souverains* (1738)

José Antonio Abreu, marqués de la Regalia (I, 51)

PINDARO & al.

Odas (trad. parcial) [perdida]

Cándido María Trigueros (V, 105)

PLUCHE [Antoine]

Espectáculo de la naturaleza [1753-1755] < *Le spectacle de la nature* (1732-1750)

Esteban Terreros y Pando (V, 50)

PLUQUET [François-André-Adrien]

"Discurso preliminar" a *Diccionario de las herejías* [*Diccionario histórico de las herejías, errores y cismas o Memorias históricas acerca de los errores del entendimiento humano* (1792)] < *Mémoires pour servir à l'histoire des égarements de l'esprit humain ou Dictionnaire des hérésies* (1762)

José Clavijo y Fajardo (II, 189) [no mencionado entre las obras de Clavijo]

POREE [Charles]

Oración sobre el peligro de la lectura < sacado de *Orationes* (1747)

Tomás de Iriarte (V, 191)

[PRADON, Nicolas] [atribuida a Metastasio]

Bayaceto < *Tamerlan ou la mort de Bajazet* (1676)

Ramón de la Cruz (II, 238)

RACINE [Jean]

Andrómaca [perdida] < *Andromaque* (1667)

José Clavijo y Fajardo (II, 188)

RACINE, Juan

Atalia (1754) < *Athalie* (1691)

Eugenio Llaguno y Amirola (II, 188-193)

RACINE, Luis

La religión (1786) < *La Religion* (1742)

Bernardo M^a de Calzada (VI, 231 n.)

[RAYNAL, Guillaume-Thomas]

Historia política de los establecimientos ultramarinos de las naciones europeas (1784-1786) < *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes* (1770)

Duque de Almodovar [Pedro de Góngora y Luján] (IV, 1-2)

[REGNARD, Jean]

El heredero universal [s. a.] < *Le légataire universel* (1708)

José Clavijo y Fajardo (II, 188)

SAFO & al.

Odas (trad. parcial) [perdida]

Cándido María Trigueros (V, 105)

SAGE [Balthasar-George]

Experiencias del álcali volátil en la curación de las asfixias (1776) < Expériences propres à faire connaitre que l'alkali volatil fluor est le remède le plus efficace dans les asphyxies (?)

Casimiro Gómez Ortega (IV, 162)

SAGE [Balthasar-George]

Arte de ensayar oro y plata (1785) < L'art d'essayer l'or et l'argent (1780)

Casimiro Gómez Ortega (IV, 165)

SALUSTIO

Conjuración de Catilina y guerra de Yugurta [1772]

Gabriel de Borbón (I, 220-222)

SALUSTIO

De los dioses y del mundo [perdida]

Pedro Rodríguez Campomanes (II, 46)

SANCHEZ [SANCHES, António Nunes Ribeiro]

Tratado de la conservación de la salud de los pueblos (1781) < Tratado de conservação da saúde dos povos (1757)

Benito Bails (I, 182-183)

[SÓFOCLES]

Edipo rey [perdida]

Cándido María Trigueros (V, 103)

[TERENCIO]

Heautontimorumenos o El que se atormenta a sí mismo [perdida]

Cándido María Trigueros (V, 104)

TOALDO, José

La meteorología aplicada a la agricultura (1786) < La meteorologia applicata all'agricoltura (1775)

Vicente Alcalá Galiano (VI, 19)

TOURNEFORT [Joseph de]

Tablas botánicas (1783) < Élémets de botanique (1694)

Casimiro Gómez Ortega (IV, 165)

[LE TOURNEUX, Nicolas]

Instrucciones cristianas sobre el sacramento del matrimonio [1774] < Instructions chrétiennes sur le sacrement du mariage (?)

Condesa del Montijo [M^a Francisca de Sales Portocarrero] (II, 206-207)

TULL [Jethro]

Tratado de agricultura < *Traité de la culture des terres* (1750) < *The horse-hoing husbandry* (1733)

Anónimo (II, 44)

[Uz, Johann Peter]

Arte de ser feliz (1787) < ? [en el mismo volumen se hallan dos epístolas de Christian Gellert]

Bernardo M^a de Calzada (VI, 232 n.)

VINCI, Leonardo de

Tratado de la pintura (1784), impreso con *Tres libros sobre la pintura* de L. A. Alberti < *Trattato della pittura* (1651)

Diego Rejón de Silva (V, 1-2)

VIRGILIO

Églogas [perdida]

Cándido María Trigueros (V, 105)

VIRGILIO

La Eneida (en fase de trad.) [inacabada y no impresa]

Cándido María Trigueros (V, 105)

VIRGILIO

La Eneida, libros I-IV (1787)

Tomás de Iriarte (V, 210)

[VOLTAIRE]

Alcira o los americanos (1788) < *Alzire* (1736)

Bernardo M^a de Calzada (VI, 232 n.)

[VOLTAIRE]

Don Amador [ms.] < *L'ndiscret* (1725)

Cándido María Trigueros (V, 104)

[VOLTAIRE]

La escocesa (impresa) [1769] < *L'Écossaise* (1760)

Tomás de Iriarte (V, 191)

VOLTAIRE

La fe triunfante del amor y cetro (1784) < *Zaire* (1732)

Vicente García de la Huerta (II, 118-122)

[VOLTAIRE]

El huérfano de la China (1787) < *L'orphelin de la Chine* (1755)
Tomás de Iriarte (V, 191, 214)

[ZENO, Apostolo] [atribuidas a Metastasio]

Sesostris < *Sesostris* (1709)
El severo dictador < *Lucio Papirio dittatore* (1719)
Ramón de la Cruz (II, 238)

II. Traductores

ANONIMO

Tull, *Tratado de agricultura*

ABREU, José Antonio

Mabley/Mably, *Derecho público de la Europa*
Pecquet, *Arte de negociar con los soberanos*

ALCALA GALLIANO, Vicente

[?], *Idea sobre la naturaleza, forma y extensión de los socorros que conviene dar a los enfermos pobres en una ciudad populosa*
Mauduit, *Memoria sobre los diferentes modos de administrar la electricidad*
Toaldo, *La meteorología aplicada a la agricultura*

ALMODOVAR, Duque de

Raynal, *Historia política de los establecimientos ultramarinos de las naciones europeas*

ARRIQUIBAR, Nicolás de

Davenant, *Aritmética política*

BAILS, Benito

Sanchez, *Tratado de la conservación de la salud de los pueblos*

CALZADA, Bernardo M^a de

[?], *Discurso sobre cuánto conviene el respetar las costumbres de los Estados*
[?], *Pasajes escogidos de la vida de Federico II*
[?], *Vida de Federico II, rey de Prusia*
Addison, *Catón en Útica*
Condillac, *La Lógica*
Eberts, *La subordinación*
Genlis, *Adela y Teodoro*

La Fontaine, *Fábulas*
Racine, *La religión*
Uz, *Arte de ser feliz*
Voltaire, *Alcira o los americanos*

CAMPOMANES

Véase Rodríguez Campomanes

CASIRI, Miguel

bu El Auam, *Sobre cultivo de las tierras*

CLAVIJO Y FAJARDO, José

[?], *Los jesuitas reos de lesa majestad divina y humana*
Buffon, *Historia natural, general y particular*
Destouches, *El vanaglorioso*
Massillon, *Conferencias y discursos sinodales*
Pluquet, "Discurso preliminar" a *Diccionario de las herejías*
Racine, *Andrómaca*
Regnard, *El heredero universal*

CONTI, Juan Bautista

AA. VV., *Colección de poesías castellanas, traducidas en verso toscano*

CRUZ, Ramón de la

[?], *El casero burlado*
[?], *Los cómicos en Argel*
[?], *El caballero de Medina*
[?], *La despedida*
[?], *El fénix de los hijos*
[?], *El labrador y el usía*
[?], *El maestro de rondar*
[?], *El médico y los cautivos*
[?], *Payos y soldados*
[?], *Poner la escala para otro*
[?], *Las presumidas burladas*
[?], *Zelinda*
Beaumarchais, *Eugenia*
Boissy, *El hablador*
Brueys & Palaprat, *El mercader vendido*
Brueys & Palaprat, *El pleito del pastor*
Carmontelle, *El aderezo bien pagado*
Carmontelle, *El pretendiente hablador*
Carmontelle, *El retrato*
Carmontelle, *El veneno fingido*

Carmontelle, *La viuda hipócrita*
 Chamfort, *La indiana*
 Favart, *El novio rifado*
 Favart, *Los payos hechizados*
 Favart, *El premio de las doncellas*
 Goldoni, *Las pescadoras*
 Goldoni, *Los portentosos efectos de la naturaleza*
 Harny de Guerville, *Juanito y Juanita*
 Legrand, *El amigo de todos*
 Legrand, *Las arracadas*
 Legrand, *Las botellas del olvido*
 Legrand, *Doncella, viuda y casada*
 Legrand & Dominique, *Inesilla la de Pinto*
 Marivaux, *El heredero loco*
 Marivaux, *El triunfo del interés*
 Marmontel, *La marquesita o el divorcio feliz*
 Metastasio, *Ecio*
 Metastasio, *La isla desierta*
 Metastasio, *La Olimpiada*
 Metastasio, *El rey pastor*
 Molière, *El casado por fuerza*
 Molière, *Gutibambas y Mucibarrenas*
 Molière, *El mal de la niña*
 Pannard, *El sueño*
 Pradon, *Bayaceto*
 Zeno, *Sesostris*
 Zeno, *El severo dictador*

DÍAZ DE MIRANDA, Jacinto

Marco Aurelio, *Los doce libros del emperador Marco Aurelio*

FLOREZ CANSECO, Casimiro

Aristóteles, *La Poética*

Jenofonte, *Obras*

FORONDA, Valentin de

Bielfeld, *Instituciones políticas*

Marmontel, *Belisario*

GABRIEL DE BORBÓN

Salustio, *Conjuración de Catilina y guerra de Yugurta*

GARCIA DE LA HUERTA, Vicente

Voltaire, *La fe triunfante del amor y cetro*

GARCÍA DE SAN ANTONIO, Ignacio

Coluto de Licópolis, *El rapto de Elena*

GÓMEZ ORTEGA, Casimiro

Byron, *Viaje del comandante Byron hecho alrededor del mundo*

Duhamel de Monceau, *Física de los árboles*

Duhamel de Monceau, *Tratado del beneficio y aprovechamiento de los montes*

Guillembourg & Wallerio, *Elementos naturales y químicos de agricultura*

Janin, *El antimefítico o licor antipútrido y perfectamente correctivo de los vapores perniciosísimos*

Nollet, *Tratado de la electricidad*

Sage, *Arte de ensayar oro y plata*

Sage, *Experiencias del álcali volátil en la curación de las asfixias*

Tournefort, *Tablas botánicas*

IRIARTE, Tomás de

Chamfort, *El mercader de Esmirna*

Destouches, *El filósofo casado*

Fagan, *La pupila juiciosa*

Fedro, *Fábulas escogidas*

Fontenelle, *Descripción del imperio de la poesía*

Gresset, *El mal hombre*

Gresset, *El malgastador*

Horacio, *Epístola a los Pisones*

Horacio, *Sátiras*

Molière *El aprensivo o enfermo imaginario*

Porée, *Oración sobre el peligro de la lectura*

Virgilio, *La Eneida*

Voltaire, *La escocesa*

Voltaire, *El huérfano de la China*

ISLA, José Francisco de

Croiset, *El año cristiano*

Duchesne, *Compendio de la historia de España*

Fléchier, *Vida del gran Teodosio*

Lesage, *Historia de Gil Blas de Santillana*

JOVELLANOS, Gaspar Melchor de

Milton, *Paraíso perdido*

LE MAUR, Carlos

Forbonnais, *Elementos del comercio*

- LOPEZ, Juan
 Busching, *El imperio de Osmán, comúnmente llamado otomano*
- LÓPEZ DE AYALA, Ignacio
 Aristóteles, *Filosofía moral o Libros a Nicómaco*
- LLAGUNO Y AMIROLA, Eugenio
 Ballexer, *Crianza física de los niños desde su nacimiento hasta la pubertad*
 Racine, *Atalia*
- MARTINEZ PINGARRÓN, Manuel
 Fleury, *Costumbres de los israelitas y de los cristianos*
- MERINO DE JESUCRISTO, Andrés
 Cicerón, *Oraciones selectas*
- MONTUJO, Condesa del
 Le Tourneux, *Instrucciones cristianas sobre el sacramento del matrimonio*
- NIFO, Francisco Mariano
 Alletz, *Fundamentos de la religión*
 Bertola, *Las noches clementinas*
 Caraccioli, *Los caracteres de la amistad*
 Caraccioli, *Cartas de dicho Sumo Pontífice*
 Caraccioli, *Clamor de la verdad*
 Caraccioli, *La conversación consigo mismo*
 Caraccioli, *Despedida de la mariscala*
 Caraccioli, *El cristiano de estos tiempos*
 Caraccioli, *Grandeza del alma*
 Caraccioli, *Idioma de la razón*
 Caraccioli, *Idioma de la religión*
 Caraccioli, *La pintura de la muerte*
 Caraccioli, *La posesión de sí mismo*
 Caraccioli, *Religión del hombre de bien*
 Caraccioli, *El universo enigmático*
 Caraccioli, *La verdadera alegría*
 Caraccioli, *El verdadero Mentor*
 Caraccioli, *Los verdaderos intereses de la patria*
 Caraccioli, *El viaje de la razón por Europa*
 Caraccioli, *Vida del papa Clemente XIV*
 Forge, *Los verdaderos intereses de la patria*
 Frugoni, *Retrato de la corte y del cortesano*
 Metastasio, *Hipsipile*

PALAU Y VERDERA, Antonio

Linneo, *Parte práctica del caballero C. Linneo*

PIQUER, Andrés

Hipócrates, *Obras*

PIZZI, Mariano

Acmet ben Abdala, *Tratado de las aguas medicinales de Salam-Bir, que comúnmente llaman de Sacedón*

REJÓN DE SILVA Diego

Alberti, *Tres libros sobre la pintura*

Vinci, *Tratado de la pintura*

RÍOS, Vicente de los

Horacio, *Oda*

RODRÍGUEZ CAMPOMANES, Pedro

[?], *Periplo del general Hannon*

Ebu El Auam, *Sobre cultivo de las tierras*

Salustio, *De los dioses y del mundo*

SANTIBÁNEZ, Vicente María

Marmontel, *La mala madre*

SCIO DE SAN MIGUEL, Felipe

AA. VV., *Biblia*

Coluto de Licópolis, *De raptu Helenae libellus*

Juan Crisóstomo, San, *Los seis libros sobre el sacerdocio*

SUÁREZ, Miguel Jerónimo

AA. VV., *Memorias sobre agricultura, comercio, industria*

TERREROS Y PANDO, Esteban

Pluche, *Espectáculo de la naturaleza*

TRIGUEROS, Cándido María

AA. VV., *El libro de los Salmos*

Anacreonte, *Odas*

Columela, *De la economía rústica*

Homero, *Iliada*

Homero, *Odisea*

Horacio, *Odas*

Metastasio, *Las furias de Orlando*
Metastasio, *La muerte de Abel*
Molière, *El gazmoño o Juan de Buen Alma*
Pindaro, *Odas*
Safo, *Odas*
Sófocles, *Edipo rey*
Terencio, *Heautontimorumenos*
Virgilio, *Églogas*
Virgilio, *La Eneida*
Voltaire, *Don Amador*

II. Obras sobre traducción

CAPMANY, Antonio de
Arte de traducir del idioma francés al castellano (1776)
II, 136

CAPMANY, Antonio de
Discursos analíticos sobre la formación y perfección de las lenguas y sobre la castellana en particular (ms.)
II, 142

PELLICER Y SAFORCADA, Juan Antonio
Ensayo de una biblioteca de traductores españoles (1778)
V, 67-68

O MARCO PAULO DE VALENTIM FERNANDES: UMA CONTRIBUIÇÃO SINGULAR PARA A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO PENINSULAR

JOSÉ ANTONIO SABIO PINILLA

MARÍA MANUELA FERNÁNDEZ SÁNCHEZ

UNIVERSIDADE DE GRANADA

1. Introdução

Desde o momento em que decidimos estudar a reflexão teórica sobre a tradução em Portugal, num determinado período histórico e através de um *corpus* de textos¹, estivemos conscientes das dificuldades conceptuais e metodológicas que um trabalho destas características podia apresentar. Entre os desafios que tínhamos que enfrentar, destacava-se um de grande envergadura, que determinava todas as decisões posteriores na elaboração do trabalho, e que se resumia numa simples frase a modo de slogan: contra a banalização do discurso histórico. A opção historiográfica que seguimos, uma antologia elaborada segundo critérios discursivos, pretendia evitar a enumeração acumulativa de dados em redor dos grandes nomes e das suas grandes obras. Para nós, não se tratava apenas de dar a conhecer alguns textos, na sua maioria desconhecidos, ordenados cronologicamente e agrupados numa selecção mais ou menos bem conseguida. Interessava-nos, acima de tudo, favorecer uma leitura interpretativa das fontes que elucidasse quanto à complexidade do fenómeno que estudávamos e chamasse a atenção para os factores culturais e ideológicos que determinam práticas sociais como a tradução. Este objectivo exigia, no primeiro tipo de textos que considerámos, os textos preliminares, que tivéssemos em atenção fórmulas discursivas dispersas, de difícil acesso e origem distinta (dedicatórias de príncipes como o Infante D. Pedro, prólogos de letrados da Corte como Vasco

¹ José Antonio Sabio Pinilla e Maria Manuela Fernández Sánchez, *O Discurso sobre a Tradução em Portugal: o proveito, o ensino e a crítica. Antologia (c. 1429-1818)*, Lisboa: Colibri, 1998.

Fernandes de Lucena, proémios de impressores como Valentim Fernandes, cartas de tradutores tão conhecidos como Duarte de Resende ou Damião de Góis, etc.), para tentarmos descobrir o valor justificativo, defensivo, retórico ou argumentativo da reflexão teórica sobre a tradução. Desta maneira, poderíamos reconstruir o contexto histórico e cultural das próprias traduções e de outras práticas textuais, literárias e didáticas com as quais se relacionam, no período estudado (ca. 1429-1818). Nesta perspectiva, o interesse dos textos seleccionados residiria nas pistas contextuais que oferecem sobre a situação histórica e cultural em que se inserem e não tanto no seu valor criativo ou literário.

Neste trabalho, iremos aprofundar a perspectiva de investigação histórica que adoptámos no início, e à qual acabamos de nos referir, e fá-lo-emos a partir dos textos compilados e publicados em 1502 pelo impressor Valentim Fernandes, conhecidos na história da literatura portuguesa pelo nome genérico de *Marco Paulo*². Concentrar-nos-emos nesta compilação por constituir uma excelente contribuição da singularidade portuguesa para a história da tradução peninsular, documentando um renovado interesse pelos relatos de viagens em plena época dos descobrimentos, uma nova modalidade de difusão de textos através da imprensa, cujas origens na Península Ibérica remontam ao último terço do século XV³, sem esquecer, graças aos textos preliminares que acompanham as traduções, a familiaridade com os lugares-comuns que aparecem nas traduções da matéria clássica no âmbito peninsular e europeu, nem a dívida contraída com letrados castelhanos nas referências sobre a tradução. E tudo isto está representado numa personalidade tão complexa e multifacetada como a de Valentim Fernandes.

2. Valentim Fernandes: impressor, autor, intérprete e tradutor

Valentim Fernandes é a figura mais importante da tipografia portuguesa dos finais do século XV e princípios do século XVI não só pela quantidade e qualidade das obras que saíram da sua oficina lisboeta de 1495 a 1518, mas também pelo protagonismo que obteve na sociedade portuguesa da época, a começar pelo que a Casa Real lhe concedeu. A actividade tipográfica deste impressor inicia-se no

² Tal como o reproduz a edição que seguimos neste trabalho a cargo de Francisco Maria Esteves Pereira, *Marco Paulo. O Livro de Marco Paulo - O Livro de Nicolao Veneto - Carta de Jeronimo de Santo Estevam*, Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922.

³ A introdução da imprensa com caracteres móveis documenta-se em 1472 em Espanha e em 1487 em Portugal. Neste estudo, seguimos a obra de Artur Anselmo, *As Origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981. A actividade tipográfica de Valentim Fernandes é descrita nas pp. 146-198.

último ano do reinado de D. João II e desenvolve-se ao longo de quase todo o reinado de D. Manuel I. Durante estes anos, participa activamente na vida cultural, sobretudo como impressor (com mais de vinte obras editadas), mas também como autor, intérprete e tradutor.

Nascido na Morávia, uma região da Europa Central de influência alemã, é provável que se tenha instalado em Lisboa depois de 1493, data em que se encontrava em Sevilha a adquirir material para montar a sua oficina em Lisboa⁴. A oficina era o centro da actividade comercial de qualquer impressor, que podia efectuar a venda dos livros impressos como complemento da sua actividade principal, razão pela qual também era denominado de «livreiro». Valentim Fernandes foi um dos poucos impressores no Portugal de então que trabalharam por conta própria depois de conseguirem um certo capital com a impressão de obras feitas por encomenda⁵. A primeira obra que saiu da sua oficina foi a tradução portuguesa da *Vita Christi* de Ludolfo da Saxónia, o Cartusiano, elaborada em 1445 por frei Bernardo de Alcobaça, que deu continuidade à versão de frei Nicolau Vieira. A impressão foi realizada em colaboração com Nicolau da Saxónia, impressor também alemão, por encomenda da rainha D. Leonor. Esta obra-prima da tipografia portuguesa, foi considerada até 1965 o primeiro livro impresso em português⁶. Além disso, Valentim Fernandes usufruiu do favor da Casa Real, da qual obteve os dois primeiros «privilégios reais» concedidos a um impressor em Portugal (o da *Glosa famosissima* das *Coplas* de Jorge Manrique em 1501 e o do *Marco Paulo* em 1502), o que evitava a concorrência desleal e assegurava a venda da edição, dado que não podia ser impressa nem vendida em Portugal sem a sua permissão; foi nomeado escudeiro da rainha D. Leonor em 1502 e tabelião dos mercadores alemães em Lisboa em 1503, com poderes para redigir e assinar documentos públicos e traduzi-los para latim ou português, sempre que fosse entre comerciantes alemães, dos quais também foi intérprete. Neste sentido, interessa realçar o seu papel no desenvolvimento das relações comerciais luso-alemãs, graças à sua faceta de mediador linguístico e à confiança nele depositada pela Casa Real⁷.

⁴ Cfr. A. Anselmo, *op. cit.*, p. 150.

⁵ Cfr. A. Anselmo, "Os primeiros impressores que trabalharam em Portugal", *Revista da Biblioteca Nacional*, Série 2, vol. 2, n.º 2, Jul.-Dez. 1987 (7-14), pp. 12-13.

⁶ A aparição em 1965 do livro *Tratado da Confissão* (Chaves, 1489) veio recolocar a questão das origens da imprensa em Portugal ao situar, depois da tipografia de origem hebraica, a tipografia de origem hispânica antes da germânica. Cfr. José V. de Pina Martins, "O primeiro livro impresso em português", *Revista da Biblioteca Nacional*, Série 2, vol. 2, n.º 2, Jul.-Dez. 1987 (161-166), p. 162.

⁷ Cfr. A. Anselmo, "Valentim Fernandes ou a mediação na alteridade", *Revista da Biblioteca Nacional*, Série 2, vol. 2, n.º 2, Jul.-Dez. 1987 (27-32), p. 29.

Uma das principais qualidades do impressor Valentim Fernandes era a sua habilidade comercial para tirar o máximo de rentabilidade das suas edições sem arriscar muito. Este facto pode comprovar-se em toda a sua produção: desde a impressão da *Vita Christi* financiada pela rainha D. Leonor, passando pela sua continuação de 1505, o *Auto dos Apóstolos*, até à impressão das *Ordenações*, monumental codicilo do ordenamento jurídico português, que imprimiu, juntamente com João Pedro de Cremona, entre 1512 e 1514 por encomenda de D. Manuel I. No que diz respeito aos incunábulos que imprimiu em latim entre 1496 e 1500, todos eles destinados a um público restrito que conhecia essa língua, ou eram trabalhos encomendados (como é o caso do livro litúrgico *Vitiale missarum* de 1496, financiado pela Cúria de Lisboa) ou livros que tinham a sua venda assegurada (caso da *Grammatica Pastranae* de 1497, que se dirigia aos professores e alunos dos «Estudos Gerais» de Lisboa) ou eram livros do gosto dos humanistas da Corte (caso das *Epistolae et Orationes* de Cataldo Siculo em 1500)⁸. O mesmo sentido comercial encontramos nos livros impressos em língua vulgar financiados pelo próprio impressor: não só porque intuía a resposta favorável do mercado (a tradução da *Estoria do muy nobre Vespasiano emperador de Roma*, 1496, um dos romances de cavalaria mais populares na Europa; o *Regimento proueytoso contra a pestença*, 1496, um manual sobre a peste, num tempo em que as epidemias eram frequentes, ou o *Marco Paulo* de 1502, que fazia eco da curiosidade suscitada pelos descobrimentos marítimos ou pelos conhecimentos náuticos, como no caso do *Reportorio dos têpos* publicado em 1518), mas também porque eram livros que se encaixavam no bilinguismo reinante nos meios cultos lisboetas (caso da já referida *Glosa famosissima das Coplas* de Jorge Manrique em 1501 ou dos *Proverbios* do Marquês de Santillana, possivelmente nesse mesmo ano, ambos em espanhol).

Porém, a par do impressor e livreiro de aguçada visão comercial, devemos destacar, segundo Pina Martins, o Valentim Fernandes filólogo, erudito e geógrafo, que pode equiparar-se a impressores da categoria de Aldo Manúcio ou Robert Estienne⁹. A figura de Valentim Fernandes sobressai igualmente pelo seu desejo de abarcar temas que foram de proveito e utilidade a um público que já não sabia latim, situando-se na tradição do humanismo em língua vulgar que, sem descurar o uso da língua latina, procurava transmitir o conhecimento a um público cada vez mais numeroso. Esta atitude está presente na maioria das obras em língua vulgar

⁸ Cfr. A. Anselmo, "Incunábulos portugueses em latim", *Humanitas*, XXXI-XXXII, 1979-80 (167-196), p. 170.

⁹ Cfr. J. V. de Pina Martins, "Les origines de la typographie et la Renaissance au Portugal" (XI-XIX), prefácio da versão em francês do livro de Artur Anselmo, *Les origines de l'imprimerie au Portugal*, Braga: Barbosa & Xavier, Limitada, Editores, 1983, p. XIX.

impressas por Valentim Fernandes e fica bem definida desde a «Prohemial epistola» da *Vita Christi*, ao justificar a impressão ordenada pela rainha D. Leonor da seguinte maneira:

e consirando sua alteza quã grande he ho premio daquelles que os outros a salvaçam das suas almas per vertuosos meos provocã: e visto como nestes regnos som muyto mais os vulgares que os que a lingua latina conhecem, (...) mandou estãpar e de forma fazer em lingoa materna e portugues linguagem: como de feito com divino favor per obra comprio: com muyta dispeza de sua fazenda: por serviço do nosso senhor e proveito comũ: as quatro partes do livro intitulado vita xpi¹⁰,

- até ao prólogo do *Reportorio dos tẽpos*, obra que imprimiu e traduziu em 1518 a partir do original castelhano de André de Li, publicado em Saragoça em 1490. Apesar dos muitos trabalhos em que estava envolvido (como a recompilação de relatos de viagens e documentos sobre os descobrimentos que menciona no prólogo do *Reportorio*) e do cansaço próprio da idade, encontra tempo para

tresladar este presente Reportorio de Castelhana em Portugues, sendo eu alheo em a lingoa, mais que em a vontade, (...) quero eu aproueitar aos simprizes, que em a lingoa Castelhana não sam tã espertos. Seguindo a doutrina dos heroicos varões que dizem que todas as obras deũ ser feytas pera o comũ proueito¹¹.

Toda esta actividade não teria sido possível sem uma formação literária baseada no conhecimento das linguas latina, portuguesa, castelhana e, naturalmente, alemã, bem como sem uma curiosidade insaciável pelos livros e pela nova situação histórica derivada da expansão ultramarina portuguesa, curiosidade essa não isenta de um forte sentido de oportunidade comercial e que implicava um trabalho de manipulação de materiais que passamos a comentar.

¹⁰ *Vita Christi*, Lisboa: 1495, liv. I, fl. 2v.

¹¹ «Prólogo» do *Reportorio dos tẽpos*, Lisboa: 1518. Este livro, dedicado a António Carneiro, secretário de D. Manuel I, conheceu, durante o século XVI, treze reimpressões: 1521, 1524, 1528, 1538, 1552, 1557, 1563, 1570, 1573, 1574, 1579, 1582 e 1585. Uma prova mais da visão comercial de Valentim Fernandes, veja-se A. A. Gonçalves Rodrigues, *A Tradução em Portugal. Volume Primeiro 1495-1834*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

3. O Marco Paulo português

Com a visão comercial que o caracterizava e o extraordinário conhecimento que possuía do seu ofício, Valentim Fernandes reuniu sob este título uma série de documentos que imprimiu em 1502, aproveitando, nesta ocasião, a expectativa suscitada pelos descobrimentos marítimos após a viagem de Vasco de Gama à Índia e a falta de textos portugueses sobre as novas terras descobertas. O ponto de partida foi o relato de viagens mais famoso de toda a Idade Média, na versão latina de frei Francisco Pipino elaborada por volta de 1320 e impressa pela primeira vez em 1485 em Antuérpia. Da versão latina existia, segundo a tradição, uma cópia manuscrita na biblioteca real de D. Duarte trazida de Veneza em 1428 pelo Infante D. Pedro como presente para o seu irmão, o Infante D. Henrique, e cuja tradução é atribuída por alguns autores ao próprio Infante D. Pedro, possibilidade que Esteves Pereira rejeita a favor de algum dos seus letrados¹². Do que não há dúvida é de que Valentim Fernandes não foi o tradutor, mas sim o impressor de uma das primeiras traduções numa língua vulgar do *Livro de Marco Paulo* a partir do texto latino¹³. Cabe também destacar a atitude com que Valentim Fernandes enfrentava o seu trabalho, principalmente de impressor, mas também de autor, tradutor e, definitivamente, compilador. Embora não fizesse mais do que seguir uma tradição de difusão textual, que tinha presente o tipo de público ao qual se dirigiam os textos e que exigia todo um processo prévio de selecção, tradução e compilação dos mesmos, há que reconhecer a concepção unitária e divulgadora a que presidiu o seu projecto ao reunir num só volume uma série de relatos de viagens e outras obras de carácter informativo que se complementavam mutuamente. Consideramos igualmente digna de mérito a visão ampla que tinha do seu ofício, respaldada por uma grande sede de conhecimentos, respondendo com este livro ao interesse da sociedade do seu tempo por alargar o mundo conhecido, no marco das empresas de exploração e conquista patrocinadas pela coroa portuguesa. Os textos que compõem esta recompilação são os seguintes:

- a) Epístola de Valentim Fernandes sobre a tradução do Livro de Marco Paulo, dirigida ao rei D. Manuel I.
- b) Introdução ao Livro de Marco Paulo feita por Valentim Fernandes.

¹² Cfr. F. M. Esteves Pereira, ed. cit., "Introdução", p. XXI. Esta versão, feita ou, melhor, mandada fazer pelo Infante D. Pedro, foi, sem dúvida, consultada por Zurara, dado que a cita na sua *Crónica da Guiné*.

¹³ Segundo A. Anselmo, op. cit., p. 172: «A edição portuguesa é tradução literal desse texto latino [o texto de frei Francisco Pipino], quer fosse realizada através de uma cópia manuscrita anterior e devidamente actualizada, como pretende Esteves Pereira, quer directamente sobre a edição de Antuérpia.»

- c) Capítulos das províncias de título real: Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, traduzidos por Valentim Fernandes.
- d) Prólogo de quem traduziu o Marco Paulo de italiano para latim.
- e) O Livro de Marco Paulo: três livros precedidos por um índice cada um.
- f) Proémio do Livro de Nicolao Veneto.
- g) Prólogo de Poggio Bracciolini ao Livro de Nicolao Veneto.
- h) O Livro de Nicolao Veneto em tradução de Valentim Fernandes.
- i) Carta do genovês Jeronimo de Santo Estevam dirigida a Jacome Mayer, traduzida por Valentim Fernandes.

Para apreciar o valor desta obra dentro da produção de Valentim Fernandes, devemos recordar outras obras que escreveu em português como o proémio à *Vita Christi*, o prólogo do *Auto dos Apóstolos*, o prólogo da sua tradução *Reportorio dos t-epos*, e uma série de manuscritos relacionados com os descobrimentos e relatos de navegadores que se conservam num volumoso códice na Biblioteca do Estado da Baviera de Munique e que António Baião publicou em 1940 com o título, segundo Artur Anselmo pouco feliz, de *O Manuscrito «Valentim Fernandes»*¹⁴. Salvo estas obras e as contidas no *Marco Paulo*, todas as outras são trabalhos exclusivamente de impressão. A modo de recapitulação, podemos dizer que no *Marco Paulo* encontramos grande parte daquilo que foi a sua actividade como autor e tradutor com o objectivo prático de compilar uma informação útil ao público português daquele tempo.

Se nos detivermos nos diferentes-textos preliminares deste livro, poderemos comprovar a finalidade prática que perseguia, o interesse que sentia pelas empresas dos descobrimentos em terras orientais e a familiaridade que tinha com os livros de viagens medievais e com a tradição clássica e peninsular. Com efeito, a epístola dedicada a D. Manuel I, assim como a introdução ao *Livro de Marco Paulo*, reflecte o fascínio do impressor pelas transformações geradas pelos descobrimentos. Dentro de uma retórica cheia de lugares-comuns, surgem alguns aspectos que estarão presentes na literatura de viagens e, mais tarde, na epopeia camoniana: as maravilhas das terras descobertas, a expansão do império português a novos mundos, a importância do porto de Lisboa no comércio de especiarias e pedras preciosas, a enumeração das riquezas orientais, qual Terra Prometida, e a ideia da evangelização dos pagãos com que conclui a epístola e que desenvolve na introdução. Esta ideia já estava presente no proémio da *Vita Christi*, obra que, segundo Samuel Berger, se tornou numa espécie de Bíblia para os portugueses da Índia¹⁵.

¹⁴ Cfr. A. Anselmo, "Valentim Fernandes ou a mediação na alteridade", art. cit., p. 28.

¹⁵ Cfr. Samuel Berger, "Les Bibles castillanes et portugaises", *Romania*, 28, 1899, pp. 551-552.

Para o historiador da tradução, a introdução ao *Livro de Marco Paulo* também possui interesse porque mostra uma preocupação com o aspecto linguístico (como acontece no prólogo da *Vita Christi* e no prólogo do *Auto dos Apóstolos*), ao referir as dificuldades do autor em escrever correctamente os nomes das terras orientais dada a grande diversidade de formas correntes e a corrupção que sofriam devida à passagem de uma língua para outra, transmitida pelas traduções e, sobretudo, pelos maus copistas. Chama também a atenção porque atesta a existência na Torre do Tombo do manuscrito latino do *Livro de Marco Paulo* trazido pelo Infante D. Pedro de Veneza em 1428, e porque informa dos aditamentos que introduz ao principio do livro sobre «certos capitulos das provincias de titulo real», que ele mesmo traduz para português de um livro em latim e que promete traduzir na integra. Antes de concluir, justifica a inclusão desses aditamentos, não para melhorar o livro, mas para proveito e utilidade dos não letrados:

E nom ponho aqui estas adições pera emendar a presente obra, que tam boã e perfecta he. mas porque os simprizes e nom letrados melhor sejam informados das repartições daquellas prouincias do vosso titulo real¹⁶.

Uma intenção semelhante está implícita no «Prohemio» da sua tradução do *Livro de Nicolao Veneto*, que inclui ao lado do *Livro de Marco Paulo* com uma justificação eminentemente prática, como é a de prevenir e informar os navegadores dos perigos e riquezas das terras orientais:

E me moueo de tralladar e ajuntar ho presente liuro ao de Marco Paulo. ho seruico que nyssso espero de fazer a vossa Serenísima magestade. em auisar e amoestar os vossos subditos de cousas perijgosas que em as Indias ha. e onde ha christaãos e onde mouros ou ydolatras. e dos grandes proueitos e riquezas .s. pedras preciosas e espeçias aromaticas. ouro e prata. onde e em que lugar cada huñ naçe. pera receberem alguñ refrigerio e consolaçom aquelles que vossa reall Senhoria manda em busca dellas por tam longo e trabalhoso caminho. E ajnda porque este liuro falla mais particularmente de algũas çidades de India a nos outros já descobertas, como som as de Calicud e Cochym etc. E mais por dar testemunho ao liuro de Marco Paulo. que andou em as partes orientaes no tempo do papa Gregorio ho .x. e foy ho seu caminho contra a parte do norte pera as terras do gram Cham. E este outro despoys em ho tempo deste papa / Eugenio ho quarto se foy pera parte do sull e achou as sobreditas terras. e estas foram as causas da presente tralladaçam¹⁷.

¹⁶ F. M. Esteves Pereira, ed. cit., Aijj v.

¹⁷ *Id.*, 78, v-79, r.

Se o que acrescentava ao princípio do *Livro de Marco Paulo* eram notícias sobre a Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia para divulgar as posses do rei D. Manuel I entre os menos cultos, no *Livro de Nicolao Veneto* o que pretende é prestar, com a sua tradução, um serviço público. Trata-se de uma tradução literal elaborada, muito provavelmente, a partir da edição impressa em 1492, do texto que Poggio Bracciolini escreveu em latim sobre a viagem de Nicolo dei Conti a terras asiáticas em princípios do século XV e que Bracciolini incluiu no volume IV do seu tratado *Historiae de varietate fortunae*, composto entre 1431 e 1448. A escolha do título realça mais a figura do comerciante e viajante veneziano do que o título da obra original de Bracciolini. No entanto, o mais significativo é que estamos perante a primeira tradução deste quarto livro para uma língua vulgar. No âmbito peninsular, à compilação feita por Valentim Fernandes seguiu-se a primeira tradução espanhola do livro de Marco Polo, obra do arcediogo da Catedral de Sevilha, Rodrigo de Santaella, impressa em 1503 nessa mesma cidade e reproduzida ao longo de todo o século XVI em Espanha. Como Rafael Benítez Claros demonstrou, o tradutor espanhol usou a edição portuguesa como modelo, incluindo o Livro de Marco Paulo e o de Nicolao Veneto, de acordo com a ordenação e disposição realizadas por Valentim Fernandes¹⁸.

O próêmio do *Livro de Nicolao Veneto* foi considerado «uma peça curiosa de meditação filosófica e de retórica literária»¹⁹ e também um exemplo da desenvoltura alcançada por Fernandes no uso da língua portuguesa²⁰. Permitir-nos-emos fazer uma chamada de atenção a esse respeito e tentaremos demonstrar que a singularidade do referido próêmio deriva precisamente da manipulação das fontes que o constituem, o que reforça a hipótese da formação literária do impressor, a sua familiaridade com as ideias portuguesas e castelhanas sobre a tradução e com as convenções retóricas que precediam os textos traduzidos. Se lermos o próêmio com atenção, verificaremos que é um texto composto, pelo menos, por cinco partes: a primeira retoma a ideia clássica que contrapõe à brevidade da vida a memória deixada pelo homem que cultiva o espírito, sendo esta ideia uma tradução implícita de uma passagem da introdução de Salústio ao *De coniuratione Catilinae*²¹ com a qual justifica a sua versão. Na segunda, passa a referir as condições em que Poggio Bracciolini redigiu o relato de Nicolo dei Conti, mas introduz uma informação que não consta do texto original: que foi o papa Eugénio IV quem impôs ao veneziano, como penitência por ter

¹⁸ *Apud*. Anca Crivat-Vasile, "El viaje de Nicolo dei Conti en los relatos de Pero Tafur y Poggio Bracciolini", *Revista de Filología Románica*, 13, 1996 (231-252), p. 242.

¹⁹ A. Anselmo, *op. cit.*, p. 174.

²⁰ Cfr. A. Anselmo, "Valentim Fernandes ou a mediação na alteridade", *art. cit.*, p. 30.

²¹ Cfr. A. Anselmo, *op. cit.*, p. 175, nota 93. A fonte foi assinalada por José Saraiva em 1961.

abjurado do cristianismo, ditar ao seu secretário a relação das suas viagens²². Na terceira, expressa a finalidade que preside a esta tradução, que é a de servir de guia aos navegadores portugueses, para passar, na quarta, a formular algumas considerações sobre as dificuldades de traduzir de latim para português, que procedem, desta vez, de Alfonso de Palencia, como veremos mais adiante, procurando distanciar-se do estilo pesado e de explicações desnecessárias que entorpecem o estilo equilibrado que procura, em consonância com o ideal de divulgação que o orientava. E antes de se despedir do rei, desculpa-se por não ter podido fazer melhor a sua tradução: «Por ysso me val mais escuytar ho soom dos outros que o diguam melhor, e non tangendo que se quebrem as cordas». Finalmente, na quinta parte, conclui com uma fórmula de modéstia, qualificando a sua tradução como «pequena e grosseira», e despede-se, tomando como referência o *Esopete ystoriado*, a sublinhar a virtude do mecenato exercido sobre a obra pelo rei D. Manuel I.

O último texto do *Marco Paulo* é a *Carta de Jeronimo de Santo Estevam*, escrita no dia 1 de Setembro de 1499 em Tripoli, na qual o viajante genovês relata a Jacome Mayer as suas viagens em finais do século XV pelo Sri Lanka e pela Sumatra.

Da descrição dos textos que compõem o *Marco Paulo*, parece que se depreendem algumas questões dignas de interesse. A primeira é o trabalho de compilação realizado por Fernandes, recorrendo a diversos textos e à manipulação, em maior ou menor medida, dos mesmos, com uma clara finalidade informativa em alguns deles e como meio de apoiar a veracidade do *Livro de Marco Paulo*, noutros. Por outro lado, não há dúvida de que esta compilação pretendia chamar a atenção do público com o objectivo de vender a obra e divulgá-la entre muitos. Para isso, Fernandes não só prepara os materiais apresentando o livro de maneira atraente para os leitores, como também procura a protecção real mediante o «privilégio» de impressão, que lhe garantia a venda do livro sem concorrência alguma. Por último, não podemos esquecer o seu entroncamento com a tradição peninsular, que permite relacionar os plágios assinalados com convenções retóricas e textuais conhecidas, e reconhecer ao autor – que não era nem letrado, nem membro da nobreza, nem clérigo, nem uma personalidade do meio universitário – uma formação linguística e literária fora do comum e da qual deu provas não só no *Marco Paulo*²³.

²² Cfr. A. Crivat-Vasile, art. cit., pp. 241-242.

²³ Por exemplo, na «Proemial epistola ao Príncipe D. João II» da *Vita Christi*, veja-se J. A. Sabio Pinilla e M. M. Fernández Sánchez, *op. cit.*, pp. 51-52.

4. O proémio do Livro de Nicolao Veneto: algumas ideias sobre a tradução

Como já foi referido, este proémio inicia-se com a tradução de uma passagem da introdução do *De coniuratione Catilinae* de Salústio, que Valentim Fernandes toma sem citar a fonte, seguindo uma prática habitual na época. Nas palavras de Artur Anselmo, «o impressor não cita a fonte, o que não é de estranhar numa época em que toda a arte literária afinava pelo diapasão imitativo»²⁴. Reproduzimos agora o texto latino e a tradução de Fernandes:

Omnis homines qui sese student praestare ceteris animalibus summa opem niti decet ne uitam silentio transeant ueluti pecora, quae natura prona atque uentri oboedientia finxit. Sed nostra omnis uis in animo et corpore sita est; animi imperio, corporis seruitio magis utimur; alterunt nobis cum diis, alterum cum beluis commune est. Quo mihi rectius uidetur ingeni quam uirium opibus gloriam quaerere et, quoniam uita ipsa qua fruimur breuis est, memoriam nostram quam maxime longam efficere. Nam diuitiarum et formae gloria fluxa atque fragilis est, uirtus clara aeternaque habetur. (...) Quae homines arant, nauigant, aedificant, uirtuti omnia parent. Sed multi mortales, dediti uentri atque somno, indocti incultique uitam sicuti peregrinantes transiere. Quibus profecto contra naturam corpus uoluptati, anima oneri fuit. Eorum ego uitam mortemque iuxta aestumo, quoniam de utraque siletur. Verum enim uero is demum mihi uiuere atque frui anima uidetur; qui aliquo negotio intentus praeclari facinoris aut artis bonae famam quaerit²⁵.

Todollos homes que desejam ser melhores que as outras alimarias. com suma diligencia deuem trabalhar que nom passem a vida em silencio como as bestas, as quaes a natureza formou inclinadas a obedecer aa sensualidade e apetito do ventre. Mas toda nossa força sta no animo e no corpo. Do animo husamos pera mandar. do corpo pera seruir e obedecer. Em ho huã participamos com a primeira causa que he Deos. ho outro teemos comuã com as bestas. Pello qual com as forças do ingenho buscamos gloria. E poys a vida que teemos he breue leyxar memoria de nos a mais longa que podemos me parece melhor que nom com as forças do corpo. Ca a gloria das riquezas e fremosura he transitoria e quebradiça, e soo a virtude he stimada esclarecida e eterna. E assy as cousas por as quaes os homeãs trabalham nauegam e edificam. todas aa virtude obedecem. Mas muytos dos nascidos foram dados ao ventre e a sono. sem saber policia. e como peregrinos passaram a vida. aos quaaes contra natura lhes foy dado ho corpo em prazer e a alma em nojo. daquestes a vida e a morte estymo por huã

²⁴ A. Anselmo, "Valentim Fernandes ou a mediação na alteridade", art. cit., p. 30.

²⁵ A. Anselmo, *op. cit.*, p. 175, nota 93.

*ygal. porque de hũa nem de outra nom se falla. E soo aquelle me parece que viue e se aproueyta da alma. ho qual em algua cousa ocupado busca fama, ou de algũa arte boõa esclareçida façanha*²⁶.

Valentim Fernandes conhecia as convenções retóricas que estruturavam os textos preliminares das traduções de obras clássicas. Pensemos, por exemplo, em todo o movimento de tradução da tradição clássica empreendido pela Corte de Avis. Fernandes recorre aos mesmos tópicos para justificar a tradução deste livro de viagens que incorpora aos que formam o *Marco Paulo*. Salústio oferece-lhe uma excelente oportunidade: a passagem que traduz enumera, de maneira implícita, as considerações morais mais privilegiadas que deviam acompanhar as práticas literárias da época. Fernandes incorpora-as ao seu discurso, subtilmente, como variante de outro grande lugar-comum dos prólogos e proémios de toda a tradução didáctica, o *otium*, que reivindicava o estudo no tempo livre:

*E por ysso consijrando que a nos / sa vida nom deue passar em silencio. tomey por descanso antre os grandes trabalhos corporaes que tenho por sustentamento de vida e honrra em a muy noble arte impressoria. e quis ocupar ho engenho e tralladar este presente liuro de Nycolao veneto de latim em lingoagem portugues*²⁷.

O texto continua com as circunstâncias em que Bracciolini redigiu a obra e refere o castigo imposto a Nicolao dei Conti pelo papa Eugénio IV para dar más crédito al texto recopilado de un renegado²⁸. E, recorrendo à fórmula estereotipada da falsa modéstia linguística, Fernandes reconhece que a sua tradução não pode igualar o original, dado que Poggio o escreveu por hu-u stilo muy mais eloquente que ho eu tralladey. Também reproduz a ideia da primazia da experiência directa e vivida que aparece no texto de Bracciolini, situando-se assim numa perspectiva humanista que anuncia alguns aspectos do poema de Camões. Logo depois de justificar a inclusão desta obra ao lado do *Livro de Marco Paulo*, detém-se nas dificuldades de traduzir, talvez a passagem mais citada e elogiada pelos investigadores que se ocuparam deste proémio. No entanto, que nós saibamos, ninguém indicou que se trata, em grande medida, de uma tradução do prólogo que Alfonso de Palencia escreveu em 1457 para a sua tradução *Batalla campal de los perros contra los lobos*, obra escrita originalmente em latim pelo próprio Palencia em 1455. Compare-se o início do texto de Valentim Fernandes com o de Alfonso de Palencia:

²⁶ F. M. Esteves Pereira, ed. cit., 78, r.

²⁷ *Id.*, 78, v.

²⁸ A. Crivat-Vasile, art. cit., p. 242.

Ajnda que se me faz muy graue ho tralladar de latym em lingoagem. conhecendo os defectos que assy em ho soom das clausulas. como em a verdadeira significaçom de muytos vocabulos. que de neçessario vem as tralladações de hũa lingoa em outra conuem de fallar per çircunloçuções ou rodeos²⁹.

Et como quiera que mucho se me faga grave el romanzar, sabiendo las faltas que así en el són de las cláusulas, como en la verdadera significación de muchos vocablos, de necesario vienen en las translaciones de una lengua á otra, mayormente en lo que de latin á nuestro corto hablar se convierte³⁰.

A ideia manifestada por Valentim Fernandes sobre o receio de que a sua tradução fosse objecto de crítica pode proceder da mesma fonte. Comparem-se de novo os dois textos:

Et así mesmo dióme osadia para que sin recelo de mucha reprehensión tomase este cargo, que tengo de romanzar lo que yo mesmo compuse; ca si tratado por otro compuesto hobiera de vulgarizar, primero te rogara que no me mandases cosa, em que fuese con razón después de los varones letrados reprehendido, ni creo que tú insistieras en lo que reprehensión me pudiera traer³¹.

Ca ho stilo dos muy eloquentes oradores he augmentar e diminuir as pallauras pera afremosentar o seu ornado latym. E eu que som alheo em ho fallar e no saber. me foy necesario em a dita tralladaçom algũas pallauras leyxar e outras ajuntar. daquellas que o autor pressupunha. com todo nom dando nem tomando do seu nenhũa cousa. Ca muytos que de muy doctos querem tralladar suas obras em stilo tam alto, que tambem de muytos ficam reprehendidos. fazendo nelles taaes figuras ou rodeos que lhes empacham ho entendimento. porque ho simprez leedor nom pode percalçar ou conhecer a verdade de sua sentença. E assy huũ por estilo chaão, e outros de muy ornado sempre ficam reprehendidos³².

Alfonso de Palencia (1423-1492), um dos grandes humanistas castelhanos, muito activo na vida política do seu tempo, escreveu em latim esta obra narrativa,

²⁹ F. M. Esteves Pereira, ed. cit., 79, r.

³⁰ Alfonso de Palencia, «Prólogo a la traducción» de *Batalla campal de los perros y lobos*, em *Antología de Humanistas Españoles*, edição revista por Ana M. Arancón, Madrid: Editora Nacional, 1980, p. 15.

³¹ *Id.*, p. 16.

³² F. M. Esteves Pereira, ed. cit., 79, r.

que os estudiosos qualificam como fábula política³³, e traduziu-a depois para castelhano a pedido de Alfonso de Herrera, secretário de Henrique IV. Para Alfonso de Palencia, todas as traduções equivalem a uma perda³⁴, incluindo as de latim para língua vulgar. Não obstante, a sua tradução merece-lhe uma justificação porque, ao tratar-se de um texto da sua autoria, as críticas que tal tarefa suscita não são assim tão importantes. Podemos supor que Valentim Fernandes conhecia esta obra e apreciava a prosa elegante e equilibrada do letrado castelhano. Deste modo, toma como ponto de partida as ideias sobre a dificuldade da tradução elaboradas por Palencia e desenvolve-as, expondo, desta vez à sua maneira, a concepção tipicamente peninsular da tradução como um assunto de conteúdo expresso num estilo leve e o empenho em levar a cabo a sua tarefa apesar das críticas que tal trabalho recebe. Reproduzimos, pela sua naturalidade, esta última ideia:

E por yssso bem vejo que ha hi portas patentes aa reprehensam. empero por esso nom leixarey folguar a penna. sabendo por çerto que nom escusarei ho que nenhuñ escusar pode. proseguindo o começado. e deixando os louuores que acostumam de poer aquelles a quem enderençam os autores suas obras ou liuros³⁵.

Quanto à parte final do próêmio, ela é extraída por Valentim Fernandes sem que seja mencionada a fonte, tal como acontece nos casos anteriores, do prólogo do *Esopete ystoriado*, uma tradução castelhana anónima que apareceu em 1488 em Toulouse, elaborada a partir da edição bilingue em latim e alemão de Heinrich Steinhöwel (1476?) e que teve numerosas reedições nos dois séculos seguintes. O tradutor anónimo dirige-se ao Infante D. Henrique de Aragão com estas palavras, que Valentim Fernandes não hesita em aproveitar:

conosciendo que la obra non sea rreputada por digna para que della pueda ser jnformada & jnstruida su esclarecida señoria, mas porque de su superhabundante discrecion & muy begnjvola nobleza rresciba auctoridade et sea distribujda alos vulgares et personas non tanto doctas & letradas, como de muy piadoso padre alos fijos³⁶.

³³ Cfr. A. M. Arancón, ed. cit., p. 112.

³⁴ Cfr. José Francisco Ruiz Casanova, *Aproximación a una historia de la traducción en España*, Madrid: Cátedra, 2000, p. 123.

³⁵ F. M. Esteves Pereira, ed. cit., 79, r.

³⁶ Victoria A. Burrus, "The *Esopete ystoriado* and the Art of Translation in Late Fifteenth-Century Spain", *Livius*, 6, 1994 (149-160), p. 152. Este texto pode ser consultado também em *Esopete ystoriado* (Toulouse 1488). Ed. Victoria A. Burrus and Harriet Goldberg. Spanish Series 61. Madison, Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1990.

Conhecendo que a obra nom seja reputada por digna pera que della auia de ser informada e instruida sua esclareci / da senhoria. mas porque de vossa superabundante discreçam e muy benévola nobreza receba autoridade, e seja distribuida aos vulgares, e aas pessoas nom tanto doctas e letradas. como de muy piadoso padre a muy amados filhos³⁷.

Encontramos, uma vez mais, os tópicos da falsa modéstia, da necessidade de divulgar o saber entre os menos letrados e do panegirico final dirigido ao soberano.

5. Conclusões

Numa das histórias da literatura portuguesa mais conhecidas³⁸, o *Livro de Marco Paulo* aparece mencionado na parte dedicada à literatura de viagens. Curiosamente, não faz referência à riqueza dos materiais que o compõem nem à personalidade complexa do seu autor e impressor. Só encontramos o nome de Valentim Fernandes numa frase sobre o valor literário de alguns dos seus relatos contidos no manuscrito que leva o seu nome e numa nota bibliográfica. Neste trabalho, concentrámos a nossa atenção numa das suas obras, o *Marco Paulo*, o que nos levou a descrever cada elemento que a compõe na sua singularidade e a avaliar a compilação na sua totalidade. Talvez seja necessário insistir aqui na visão de conjunto, planificada pelo autor, e na preparação e manipulação de materiais que a difusão da obra implicava, com uma clara finalidade divulgadora, para os leitores portugueses não letrados do seu tempo. Do ponto de vista da história da tradução, quisemos destacar a singularidade da obra, um excelente exemplo da nova mentalidade do Humanismo científico interessado pelas traduções para a língua vulgar de relatos de viagens e textos geográficos e científicos³⁹. Por isso mesmo, interessámo-nos também pelo autor Valentim Fernandes. A sua posição privilegiada perante a Corte e no mundo comercial da época, unida à sua capacidade de trabalho e à sua inegável formação literária, são aspectos da sua personalidade que se vêem reflectidos nos diversos materiais que compõem o *Marco Paulo*, documentando a continuidade de uma tradição na prática da tradução e na reflexão sobre a mesma, que se iniciou na Corte de Avis; a identidade peninsular no que se refere às ideias sobre a tradução e uma grande familiaridade com os textos peninsulares.

³⁷ F. M. Esteves Pereira, ed. cit., 79, r-79, v.

³⁸ Cfr. António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto: Porto Editora, 1982 (12.ª edição), pp. 306-307, 320.

³⁹ J. A. Sabio Pinilla e M. M. Fernández Sánchez, op. cit., «Prólogo» do *Tratado da Esfera* de Pedro Nunes, p. 65.

Vale a pena determo-nos nestas observações finais, porque nos conduzirão facilmente à avaliação requerida em todo o trabalho histórico. A nosso ver, Valentim Fernandes representa a continuidade de uma tradição portuguesa relacionada com a divulgação do saber em língua vulgar, promovida e apoiada pela Corte, mediante traduções e distintas manipulações e apropriações textuais dirigidas a um grupo restrito de leitores na Corte de Avis e a um público mais amplo, posteriormente, com a chegada da imprensa e a expansão ultramarina. Esta tradição portuguesa caracteriza-se também, tal como pudemos verificar em trabalhos anteriores⁴⁰, pela atenção concedida ao aspecto linguístico, às instruções de leitura e à recepção dos textos da perspectiva dos leitores (pense-se, por exemplo, nos casos do Infante D. Pedro e do rei D. Duarte). Observamos em Valentim Fernandes estas mesmas preocupações, embora a sua mentalidade seja outra, mais humanista do que medieval. Quanto à identidade peninsular subjacente na manipulação das fontes dos textos preliminares que considerámos, não podia ser de outra forma numa época tão marcada pelo bilinguismo e as estreitas relações culturais entre ambos os países. As reflexões sobre a tradução que aparecem no prólogo ao *Livro de Nicolao Veneto* são, por conseguinte, as suas, as da sua época. Outra questão é que escolha para as expressar a prosa de um dos humanistas castelhanos com mais elegância e desenvoltura no seu ofício.

(Tradução de Zilda Beatriz, revista pelos autores)

⁴⁰ M. M. Fernández Sánchez e J. A. Sabio Pinilla, "Tradición clásica y reflexiones sobre la traducción en la Corte de Aviz", *Trans*, nº 3, 1998 (23-36).

COMENTARIOS Y LENGUAS VERNÁCULAS: LA TRADUCCIÓN COMO VEHÍCULO CULTURAL Y PROPAGANDÍSTICO

ROXANA RECIO

CREIGHTON UNIVERSITY

Normalmente cuando se habla de los comentarios medievales, no se trata de las traducciones de las mismas. Por otra parte, la mayoría de los estudios que existen se aproximan a los comentarios desde un ángulo formal: las partes, la ideología, la manera en que el comentarista la ha escrito. Se trata de un punto de vista retórico. Además se han estudiado mucho más los comentarios en latín que los que están escritos en lenguas vernáculas.¹

La crítica ya ha demostrado la relevancia de las traducciones en la literatura didáctica y en algunos textos con comentario. A lo largo del siglo XV el texto glosado, especialmente el que traducía de una obra originalmente en latín, era algo muy común. Esto se aprecia en traductores como Pero López de Ayala, Alonso de Cartagena, Enrique de Villena, Fray Alonso de Cristóbal y Gómez García del Castillo, entre otros². También puede verse el mismo asunto en las traducciones que se hicieron de Illicino, de Vellutello y de Landino, tanto en castellano como en catalán. En este trabajo voy a analizar los traductores y las traducciones de esos comentaristas que se ocuparon tanto de Petrarca como de Dante.

A este efecto llevaré a cabo un cotejo entre los textos y utilizo para ello manuscritos y ediciones que provienen de diferentes bibliotecas: la Biblioteca Nacional de Madrid, la Biblioteca Nacional de París, la Biblioteca de Catalunya en Barcelona y la Biblioteca de Cornell University. No se trata de un cotejo a nivel lingüístico, como tradicionalmente se

¹ Francisco Rico, *Alfonso el Sabio y la General Estoria*, Barcelona: Ariel, 1984, p. 167.

² Julian Weiss, *The Poet's Art: Literary Theory in Castile c. 1400-1600*, Medium Aevum New Series 14, Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 121.

ha venido haciendo con las traducciones, sino que voy a investigar la dimensión de su carácter cultural, lo que lleva a ocuparse de cuestiones relacionadas con la sociedad y el tipo de lector al que van dirigidas las obras.

Por otra parte, hay que especificar que el concepto de comentario lleva irremediablemente a hablar de “amplificación” puesto que es un utensilio indispensable para muchos comentaristas. No obstante como me he ocupado de “la amplificación” en otro trabajo, aquí trataré ese concepto de una manera muy limitada³.

El comentario no respondía solamente a una labor didáctica o explicatoria. Algunas veces con un comentario se embellecía un texto, realzando imágenes y ofreciendo explicaciones psicológicas⁴. En lo que al campo de la traducción se refiere, el comentario está relacionado con dos factores fundamentales: el desprecio hacia la lengua vernácula y la aceptación de traducciones oscuras.

Hay que tener en cuenta que las lenguas romances, por venir del latín, eran inmediatamente consideradas inferiores. Al considerarse el latín una lengua perfecta y, más aún, al considerársele el origen de todas las lenguas romances, se tendía a ver como imperfectas y faltas de capacidad lingüística para expresar los conceptos latinos a todas las lenguas romances. Por eso, cualquiera de estas lenguas romances, incluyendo el castellano, cada vez que servían de vehículo para expresar conceptos latinos necesitaban de grandes explicaciones, puesto que ellas no tenían conceptos equivalentes a los latinos. Peter Russell ya ha dado bastantes testimonios como ejemplo⁵. Entre los ejemplos de Russell, además de Cartagena, destacan latinistas como Alfonso de Palencia. Sin embargo, esta actitud en relación a la lengua vernácula y el latín no la encontramos sólo entre latinistas y teóricos, sino que también la compartían los poetas más famosos de la Castilla de aquel tiempo. Por ejemplo, Juan de Mena, en su prólogo a la traducción de la *Yliada*⁶, sigue a Cartagena en aceptar la pérdida en romance de la «dulzura» latina, pues éste ya lo había especificado en su *Rethorica*⁷.

³ Roxana Recio, “Approaches to Medieval Translation in the Iberian Peninsula: Glosses and Amplifications,” *Fifteenth-Century Studies* 1998, en prensa

⁴ Rico, pp. 183-87.

⁵ Peter Russell, *Traducciones y traductores en la Península Ibérica (1400-1550)*, Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 1985. Especialmente los cuatro primeros capítulos, pp. 5-26.

⁶ Juan de Mena, *Obras completas*, ed. Miguel Ángel Pérez Priego, Barcelona: Planeta, 1989, p. 334.

⁷ Alonso de Cartagena, *La Rethorica de Marco Tullio Cicerón*, ed. Rosalba Mascagna, Napoli: Liguori, 1969, p. 31.

Esta actitud cerrada chocaba con las ideas de San Jerónimo sobre la traducción⁸. Hace ya algunos años Margherita Morreale hablaba de una corriente liberal patrocinada por el santo⁹. Esta corriente es algo indiscutible a la luz de la tradición sobre la traducción. Dice San Jerónimo: «Sensum exprimere de sensu»¹⁰. El interés estaba cifrado en el sentido del texto, no en las palabras. Las ideas eran lo fundamental. El verdadero traductor según San Jerónimo es aquel que es capaz de entender en su propia lengua el significado del texto del que se traduce.

Esto nos lleva a tratar el segundo de los factores arriba mencionados: las traducciones oscuras. A medida que se va adentrando el siglo XV, se siente la necesidad de romper con la oscuridad de los textos y se intenta hacer más claras y familiares las traducciones. Poco a poco penetran los autores y las ideas italianos, humanistas. Dentro de este proceso cobran sentido retrospectivamente algunas manifestaciones de Enrique de Villena¹¹. De alguna manera había que suplir esa falta de «dulzura y gracia», o sea, de la elocuencia latina en las traducciones, dado que en éstas, como decía Alfonso de Palencia, «lo agudo se torna grosero y lo muy vivo se amortece del todo»¹². Es precisamente en el intento de seguir a San Jerónimo sin romper con la autoridad de los latinistas cuando se utiliza el comentario en función de las traducciones. Cada vez hay una necesidad más imperiosa de que la traducción quede clara, es decir, entendible y familiar, cercana al lector peninsular. Ahora es cuando en muchas ocasiones la amplificación será un factor decisivo con respecto a la naturaleza de la traducción.

La utilización del comentario está en función del tipo de traducción que se lleva a cabo. Se entra en otra dimensión, la de la problemática de las traducciones que se ajustan o se distancian del texto base, o en otras palabras, la problemática de las traducciones literales o libres¹³.

Con respecto a estos dos tipos de traducciones el testimonio más conocido que nos ha llegado es el de Alfonso de Madrigal. Ya es sabido que El Tostado distingue entre la interpretación, es decir, traducción ajustada al texto base, y la

⁸ Para ver más testimonios con respecto a esta postura de los latinistas frente al castellano puede consultarse a Julio César Santoyo, *Teoría y crítica de la traducción: Antología*, Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 1987, pp. 23-44.

⁹ Margherita Morreale, *Castiglione y Boscán: el ideal cortesano en el renacimiento español*, 2 vols., Madrid: BRAE, 1959, vol. I, p. 19.

¹⁰ Saint Jérôme, «A Pammachius; la meilleure méthode de traduction», *Lettres*, ed. Jérôme Labourt, 8 vols., París: Les Belles Lettres, 1953, vol. 3, p. 59.

¹¹ Me ocupó de Villena en un trabajo aparte: «Por la orden que mejor suena: traducción y Enrique de Villena», *La Corónica* 24.2, Spring 1996, pp. 140-53.

¹² Alfonso de Palencia, *Batalla campal de los perros*, Sevilla: 1490, fol. aij(r). Cito de Peter Russell, p. 29.

¹³ Russell da un panorama general del asunto. Véase específicamente el capítulo 5, pp. 26-35.

glosa, la traducción que se permite cambios, añadidos y supresiones, la propia de «menores ingenios». Como creo haber demostrado en otra parte, esta distinción es artificial y responde a un acto de respeto en relación a las teorías establecidas con respecto a la fidelidad al texto por parte de los latinistas¹⁴. La obra de la que se traducía era ya considerada otro mundo aparte. Por ese motivo se aceptan todos los cambios necesarios en el transvase, y en esos cambios se incluyen las ampliaciones y las explicaciones pertinentes, pero ya como parte del andamiaje de la traducción en sí. Esto le daba libertad al traductor al presentar su texto¹⁵.

En el ámbito peninsular aparecen dos tendencias a lo largo del siglo XV en el campo de la traducción. La primera se desarrolla más en la Corona de Aragón. Existen traducciones ajustadas al texto base y otras de carácter independiente en donde predomina el criterio del traductor. Así nos encontramos con traducciones como las de la *Fiammetta* de Boccaccio¹⁶ o la *Cárcel de Amor* de Diego de San Pedro¹⁷. Esto en las traducciones de vulgar a vulgar viene facilitado por la cercanía lingüística. No obstante, hay otras traducciones muy libres, de las que también ya he hablado en otros lugares, como la anónima catalana del *Decamerón*¹⁸. Por esa independencia del traductor esta traducción ha sido considerada por la crítica una traducción mala. Otros casos curiosos son los comentarios y las paráfrasis de Dante, como la de Ferrer de Blanes¹⁹.

Quizá tanto los casos curiosos como las producciones de traducciones ajustadas al texto base en Aragón son posibles gracias a la existencia de una larga tradición que comenzó con los predicadores, afectó a historiadores como Antoni Canals y luego pasó a la literatura como, por ejemplo, la *Vita Christi* de Isabel de Villena²⁰. Si el caso de Canals es interesante, el caso de Villena no deja de ser menos. Las explicaciones que de la vida de Cristo da Sor Isabel no solamente atañen a

¹⁴ «Alfonso de Madrigal (El Tostado): la traducción como teoría entre lo medieval y lo renacentista», *La Corónica* 19.2, 1992, pp. 112-131.

¹⁵ Para estos aspectos de El Tostado véase también mi artículo «El concepto de la belleza de Alfonso de Madrigal (El Tostado): la problemática de la traducción literal y libre», *La traducción en España (ss. XIV-XVII)*, ed. Roxana Recio, León: Universidad de León, 1995, pp. 59-68.

¹⁶ Estoy terminando un trabajo sobre esta traducción.

¹⁷ Para esta obra véase mi trabajo «La literalidad y el caso de la *Cárcel de Amor*: el quehacer del traductor catalán y del traductor italiano», *Hispanic Journal* 17.2, Fall 1996, pp. 271-83.

¹⁸ «Del latín al vernáculo: la difusión peninsular del Decamerón», *Livius* 9, 1997, pp. 109-19.

¹⁹ Me he ocupado de este autor y de su obra en dos trabajos: «Humanismo y exégesis medieval: el caso de Ferrer de Blanes», *Actas del XII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas; Birmingham, 1995*, ed. Aengus M. Ward, 5 vols., Birmingham: The University of Birmingham, 1998, vol. 1, pp. 293-301; y «La interrelación intelectual en la Península: Santillana y Ferrer de Blanes», *Anuario Medieval* 6, 1994, pp. 159-73.

²⁰ Trato de estas cuestiones en «Las interpolaciones latinas de Sor Isabel de Villena: ¿traducciones, glosas o ampliaciones?», *Anuario Medieval* 5, 1993, pp. 126-40.

cuestiones de traducción, amplificación o glosa y a la utilización del latín en el marco de una producción en romance, sino también a la utilización de un lenguaje familiar en función de un público determinado.

La segunda tendencia peninsular aparece sobre todo en Castilla en donde, a pesar de lo ya escrito por El Tostado, prevalece la autoridad de los latinistas y no se acepta del todo a San Jerónimo. Aquí abunda el comentario. La raíz es toda una gama de preceptos de cómo traducir el verso y la prosa.

Pero las ideas sobre traducción van cambiando a medida que transcurre el siglo. Cada vez son más los traductores que aceptan a San Jerónimo en Castilla, incluso traductores de obras escritas en latín. Un ejemplo de esto lo ofrece Peter Russell cuando nos deja saber que el príncipe de Viana recurre al santo para la defensa de su traducción de la *Ética* de Aristóteles, la cual tenía como base la versión en latín de Bruni²¹.

En los traductores de los comentaristas italianos esta problemática está presente. Por ejemplo en el caso de Illicino las aproximaciones de los traductores peninsulares son muy particulares. Un ejemplo lo tenemos en la traducción catalana de *I Trionfi* del siglo XV. Aquí, el comentario de Illicino, cuando introduce la explicación de los seis triunfos, se presenta de una manera escueta y con un vocabulario muy moral. Precisamente esa presentación de los triunfos, de la que ya he hablado en otro lugar²², es la que da paso a su conclusión. Si miramos con detenimiento el texto italiano se ve el intento de Illicino de ofrecer una explicación de la obra de Petrarca más filosófica que poética o literaria en general, con la intención de poner en primer plano una connotación cristiana ortodoxa:

Explanato adunque qual sia l' universale soggetto del libro conueniente cosa e condescendere hormai a vedere qual sia la vtilita che ne contribuisce la presente dottrina. Se vera e la sententia de tutti gli moraliche le operatione virtuose e vera essa virtu sia sommo bene e quello si diffinisca essere utile che per dextra via si conduce a la possessione di tal bene. Certamente nessuna cosa ad noi po dimostrarsi piu vtile che la presente dottrina. Imperoche chi fara quello che conosciuta la ignobilita de le illecebre humane inteso etiamdio la excellentia del ragione uolmente operare non sottometta lo sfrenato appetito a la moderata ragione²³.

²¹ Russell, p. 29.

²² Roxana Recio, 'Puntualizaciones sobre la traducción catalana del *Triunfo de Amor* de Petrarca según el manuscrito 534 de la Biblioteca Nacional de París', *Actas del XIII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas; Madrid 1998*, en prensa.

²³ Bernardo Illicino, *Triumpho de meser Francesco Petrarca*, Venezia: 1475, fol. a2. Todas las citas serán de esta edición.

La traducción catalana del pasaje es la siguiente:

Explanant demonstra donchs que tal sia lo universal subieste del libre conuenient cosa es condecendre a veure qual es la utilitat que en la present doctrina contribuyex. Si bera es la doctrina de tots los morals que les birtuoses operacions e aquesta birtut sia sobixan be allo se determene esser util que por recta bia a la possessio de tal bens porre certament neguna cosa da nosaltres mes util que la present doctrina por demostrarse. Empero quy sera aquell que coneguna la ignobilitat de la humana operacio entesa encara la excellencia del rahonahement obrar no so tiniesta lo desfrenat apetit a la moderada raho²⁴.

Como puede observarse, no existen alteraciones, intervenciones del traductor, ampliaciones, o añadidos de cualquier indole. Tampoco existen explicaciones, ni tan siquiera sobre algunas de las palabras. Estamos ante lo que se suele llamar tradicionalmente una traducción literal de Illicino, dado que las palabras son casi las mismas y existe la misma connotación dialéctica. Resulta ahora interesante ver cómo aparece este pasaje en la traducción castellana de 1512. En esa fecha Antonio de Obregón también traduce por primera vez los seis triunfos de Petrarca al castellano²⁵. Dentro de la sección que acabamos de ver tanto en italiano como en catalán, hay cambios sustanciosos que afectan al traslado como tal y a la ideología. Obregón aclara, lo que convierte su traducción del comentario en algo singular, dado que hay ya una intervención personal de su parte. Entonces, no puede hablar de todas las cosas que hablan los antiguos y resumirá todo el asunto en cuatro conceptos: 1) 'sugeto' y materia de la obra; 2) utilidad de la misma; 3) explicación del origen del autor a través de su nombre, y generalidades del texto que presenta al lector castellano; 4) división de los capítulos. Lo que hay que destacar aquí con respecto a cómo se traducían los comentarios en la Península Ibérica es que, a diferencia del traductor catalán, Obregón reelabora todo el pasaje de Illicino introduciendo en la explicación de los distintos triunfos la filosofía, la moral y la doctrina ortodoxa. Si en el texto italiano, y en el catalán, son dos partes diferenciadas, el comentario en castellano lo presenta todo junto. Resulta inevitable pensar en un público diferente. El texto castellano es el siguiente:

Quanto a la intencion y sugeto que es la primera digo que considerando nuestro poeta seys estados de nuestra vida compuso seys triumphos con muy artificiosa fiction poetica. El primero de los cuales es el de Amor, porque

²⁴ Francesco Petrarca, *Triumpho*, ms. 534 de la Biblioteca Nacional de París, fol. ii.

²⁵ Antonio de Obregón, *Francisco Petrarca, con los seys triunfos del toscano sacados en castellano con el comento que sobrellos se hizo*, Logroño: Arnau Guillén de Brocar, 1512. Las citas serán de esta edición.

naturalmente en la juventud son todas las gentes sujetas al apetito sensitivo y, porque en la semejante edad tiene la sensualidad su señorío muy poderoso, finge nuestro poeta que venía amor sobre un carro triumphal con infinitos presioneros en muy estrechas presiones. El segundo triumpho es de la Razon o castidad, donde en persona de la razon viene figurada madona Laura trivnphando del amor despues de haverle vencido, lo qual naturalmente acaesce en la edad perfecta y en la vejez quando los deleytes sensitivos se an resfriado por auer el calor natural perdido parte de sus fuerças, y avn porque los hombres vienen a caer en el verdadero conoscimiento y emiendan los yerros passados con las virtudes presentes y desta manera trivnpha la razon de la sensualidad. El tercero triumpho se llama de muerte, porque, como los hombres llegan a la virilidad y despues a la vejez obrando virtuosamente y teniendo sometido la voluntad a la razon, llega la muerte y acaba las vidas de los mortales quedando ella en el campo como vencedora vniuersal, y asi veremos en el processo de la obra como triunfa la muerte quando mata a madona Laura que viene en persona de la razon. En el quarto lugar triunfa la fama de la muerte, pues, avn que el cuerpo este apartado de la anima y no pueda obrar, parece que por la fama de sus obras passadas es tornado de nuevo en la vida, pues viue su nombre por alabança y por exemplo suyo se mueuen otros a virtud, y, porque la fama resucita lo que la muerte mata y es mas poderosa que ella, llamamos a este quarto estado el triumpho de fama. En la quinta parte es mas poderoso el tiempo que la fama, porque, dando muchas bueltas el sol y passando muchos dias meses y años acabanse las memorias donde se conseruauan los hechos famosos, pierdense los libros donde las claras hazañas estauan escritas, caense los edificios en que los nombres magnificos con grandes letreros esculpidos vienen a ser encubiertos de oscuras tinieblas y oluido perpetuo. Finalmente toda cosa mortal viene por tiempo a ser corruumpida, y desta manera triumpha tambien de la fama (fol. a3).

Éste es un claro ejemplo de una manipulación en la traducción del comentario. Se aprecia con facilidad que la "doctrina" que Illicino ofrece de un modo seco, intelectual, con la idea de escribir un tratado más bien de carácter filosófico para posiblemente un lector escogido y culto, aquí se transforma en un lenguaje llano, conocido del lector castellano y con un claro afán divulgativo. Vemos ya que hay dos tipos de traducciones de comentarios. La que lleva a cabo el traductor anónimo catalán, que puede ser tomada simplemente como un ejercicio académico, y esta traducción de Obregón que, al recrear las ideas principales con la materia del libro, casi podría decirse que deja a un lado el estilo y la forma de lo que daríamos en llamar una traducción para llegar a algo nuevo, a un texto manejado de una manera libre. Se continúa viendo lo mismo cuando habla del sexto triunfo. Dice lo siguiente:

El sexto triumpho se llama de la diuinidad, porque despues del juyzio final no correrá el sol como agora haze, mas siempre estará parado en vn lugar, de donde

se seguira que no aura tiempo passado ni por venir pues siempre sera presente. y desta suerte triumphara la diuinidad del tiempo, segun mas largamente veremos en su lugar; y pues tengo ya dicho a vuestra muy magnifica señoria la materia y sugeto Vniuersal del libro presente. quiero agora dezir le el prouecho que del le podra seguir a quien leyere (fol. a3).

Obregón, aparte de mostrar un interés innegable por su lector, traduce el comentario de una manera distinta. Esto en el contexto peninsular es importante señalarlo porque lo que estoy destacando en este trabajo es algo que no mencioné cuando, al hablar de su traducción en general tomando como base el *Triunfo de Amor*, ya apunté algunas diferencias entre la traducción del verso y la de la prosa²⁶. Obregón, cuando traduce la "doctrina" de Illicino, es mucho menos "fiel" que cuando traduce lo que Illicino dice estrictamente sobre la obra de Petrarca. Según podemos observar, es cierto que pone de manifiesto que los seis triunfos son seis estados del alma, pero también lo es que no habla tanto de un tránsito filosófico. En segundo lugar, nos encontramos con su descripción del *Triunfo de Amor*:

Muy poderoso finge nuestro poeta que venia amor sobre vn carro trivmphal con infinitos presioneros en muy estrechas presiones.

También, algo parecido lo encontramos cuando Obregón habla del *Triunfo del Tiempo*, en donde la recreación es evidente, como quedó señalado. Vemos cómo el autor habla de edificios que se caen, de que todo lo humano pasa y las grandes hazañas son olvidadas. No se aleja de un tono de un tono de púlpito, pero es indiscutible que no sigue a Illicino como el comentario catalán. Esta traducción del comentario de Illicino en realidad es un comentario tradicional. El hecho de que recree no significa que rompe esquemas o estructuras ya prefijadas. Es un comentario tradicional. Se puede constatar este asunto cuando se lee lo que la crítica considera las partes de un comentario. En Obregón encontramos todo lo que Quain señala como propio de un comentario:

La costumbre en los comentaristas medievales de autores clásicos de anteponer a sus obras un "esquema" generalmente llamado accessus es conocida desde hace mucho tiempo. En esa nota preliminar se trataban temas como los siguientes: vita auctoris, titulus operis, intentio scribentis, materia operis, utilitas, y qui parti philosophiae supponatur. En diferentes obras el número de estos temas podía abreviarse o expandirse, pero el propósito común de proveer un resumen introductorio a la obra en cuestión está presente en todas las formas de los accessus.

²⁶ "El concepto 'intérprete tan fiel' de Antonio de Obregón", *Bulletin of Hispanic Studies* 83, 1996, 225-37.

[The custom of medieval commentators on classical authors of prefixing to their works a "schema" generally called an *accessus* has long been known. In such a prefatory note they treated of items such as the following: *vita auctoris, titulus operis, intentio scribentis, materia operis, utilitas*, and *qui parti philosophiae supponatur*. In different works the number of these items might be curtailed or expanded, but the common purpose of providing an introductory summary to the work in question, is present in all forms of the *accessus*.]²⁷

No se aparta, sino que presenta un texto propio y de más asequible lectura. El contenido filosófico va unido a la utilidad del libro. Se puede ver en el pasaje donde trata precisamente este punto, pues es original pero no se aparta del texto base:

Sentencia muy aprouada es por todos los mortales que las obras virtuosas o la misma virtud sea el sumo bien, y aquella cosa es juzgada por muy prouechosa que por camino derecho nos guia a tal possession; y pues esto asi esta aueriguado, que cosa a nosotros se nos puede mostrar de mas vtilidad del apetito y de la claridad de la razon (fol. a3).

Con respecto al Vellutello, la traducción castellana a su comentario es muy particular. Hernando de Hozes presenta en 1554 una traducción con comentario que ya ha asimilado todas las tendencias aperturistas con respecto a la traducción en la época²⁸. Lo que Vellutello presenta como una cuestión de filosofía muy útil al hombre para su propio beneficio espiritual (B iii)²⁹, Hozes lo presenta como una recreación en lo que predomina no es la filosofía sino la poética de Petrarca. Deja a un lado las cuestiones del tiempo, las pasiones, y comienza así su comentario:

Todo lo contenido en estos seys Triumphos finge nuestro Poeta auer sido vn sueño o vision, y dize nos agora al principio dellos como le fue mostrada en otro tal tiempo como en el que se auia enamorado de su madona Laura; y que esto fuesse a los seys de Abril el mismo Poeta lo muestra en el Triumpho de la muerte y en alguno de sus sonetos y canciones (fol. 1).

Como puede observarse, en realidad el comentario no es una traducción al gusto latinista. Es totalmente una recreación, es decir, una traducción que se lleva a cabo según el criterio del traductor. Si Obregón se permitía ciertas libertades,

²⁷ E. A. Quain, "The Medieval Accessus ad auctores," *Traditio* 3, 1945, pp. 215-64.

²⁸ Hernando de Hozes, *Los triuñphos de Francisco Petrarca, ahora todo nueuamente traduzidos en lengua castellana, en la medida, y numero de versos, que tienen en el toscano, y con nueva glosa*, Medina del Campo: Guillermo de Millis, 1554. Las citas serán de esta edición.

²⁹ Alexandro Vellutello, *Sopra I Triomphi del Petrarca*, Venezia: 1545. Las citas son de esta edición.

Hozes ya transforma el comentario. Se deja de lado una traducción 'literal' como la catalana y se llega a la creación de un comentario nuevo, en donde se destacan más las cuestiones poéticas más que las de la doctrina. Ése énfasis en lo poético es indiscutible que responde a las modas literarias de la época. Recordemos que estamos en la Castilla que sigue la herencia de Boscán y Garcilaso. Ahora se está presentando al Petrarca poeta ante el lector, lo cual se debe quizá no sólo a la popularidad de Petrarca en la época, sino también a las ideas que sobre la traducción se fueron desarrollando en la Península. Dentro de este amplio panorama hay una figura de capital importancia, que es la de Fernández de Villegas. Ya en 1516 se atrevió a afirmar abiertamente que para su traducción de los versos había utilizado información contenida en el comentario que traduce de Landino³⁰. Además, llega a decir, haciendo suya la teoría de Alfonso de Madrigal, que es imposible traducir por las mismas palabras:

Debese notar que el Dante escribe su obra en coplas de tercetos (que así los nombra el toscano), correspondiente el tercero pié al primero, y despues el primero del terceto siguiente al segundo: de manera que aquellos quatro farian una media copla de arte mayor, que, como es de ocho piés, viniera así justo al talle; pero como escribe de tres en tres, en dos tercetos faltan dos piés para una copla del arte mayor ya dicha: yo probé á los facer así en tercetos, la cual manera no es en nuestro uso: y paresciame una cosa tan desdonada, que lo dejé. Quedo el defeto ya dicho de faltar en cada terceto un pié para la media copla, y dos piés en cada una entera: éstos yo acordé de los suplir desta manera: que algunas veces, ocurriendo de mio algund buen pié, que más aclare su texto ó confirme su sentencia, póngole; y haya paciencia el Dante que en su brocado se ponga algund remiendo de sayal, que más le faga lucir; y el filósofo dice, que de misérrimo ingenio es siempre usar de lo fallado. Otras veces suplo aquellos piés de lo que alguno de sus glosadores dice; y otras también (y las más, cuando buenamente se puede facer) tomo el primero y segundo pié del terceto siguiente, y así se facen sus dos, y á las veces tres, tercetos, una copla de ocho piés. Nótese también que el que treslada de otro anda tras él con sueltas, y no puede ir cómo ni cuánto quiere; y así van, algunas veces, piés algunos forcejados, que no se pudo ó no se supo mejor facer: rescibase la buena voluntad; que ninguno da más de lo que tiene. Ansimesmo se debe notar que tresladarse una lengua en otra, no solamente en verso, pero ni en oración soluta, ó prosa que algunos llaman, es imposible tresladarse por las mismas palabras, que no fuese la más desabrida cosa del mundo; porque en una lengua tiene una cosa gracia, y dicho en otra por aquellas palabras seria muy frio: por ende aquí, en todo quanto de las mesmas palabras se puede usar, se face; pero en muchas partes se toma el sentido y intencion, más que no las palabras³¹.

³⁰ Cristophoro Landino, *Dante Alighieri fiorentino historiado*, Venezia: 1502.
³¹ Esta transcripción proviene de la edición del siglo XIX que se conserva en la Biblioteca de

Es evidente que Fernández de Villegas en esta cita, siguiendo sin duda a El Tostado, hace una diferenciación clara entre traducir verso y prosa. Sin embargo, ya ha quedado claro que en su traducción de Dante él ha modificado los versos valiéndose del texto de Landino. Con respecto a su traducción del comentario de este exégeta italiano, hay que dejar en claro que en muchas ocasiones se permite libertades notorias. Un ejemplo lo encontramos al comienzo del Canto V cuando comenta su traducción de los versos de una manera muy diferente a Landino:

Mas donde mas llanto y dolor se sentia: en el texto del Dante dize y mas pungian guayo; ya diximos como se dize en lengua ytaliana y lo vsa este auctor dezir este vocablo guay y guayo, mas que en nuestra lengua es vicablo muy util y no hemos de vsar del; de la gravedad y dolor de la pena de estos dañados carnales este auctor no pone sino fuego y ayre, y tempestad ardiente que los lleuaba de vnas partes a otras para demostrar la ligereza y inconstancia; mas en la verdad no solamente fuego ay en aquellas infernales penas, segund en muchos logares de la Sagrada Escripura se dize del fuego, mas ay otras muchas penas y tormentos intolerables; asy mentales y del espiritu, como tan bien corporeas y sensibles para las animas, y despues de su triste resurreccion tan bien para los cuerpos; de las espirituales es la carencia perpetua de la vision de Dios y de la gloria eternal que les es mas penosa que no el fuego (fol. i ii).

Se trata de toda una amplificación sobre el fuego, que no aparece ni en Dante ni en Landino. Fernández de Villegas hace una manipulación del texto italiano que llega a crear escuela en el ámbito castellano, pues es el mismo método que más tarde seguiría Hernando de Hozes. En Fernández de Villegas es algo típico y en Castilla es algo nuevo. El pasaje con los versos de Dante es comentado de una manera muy distinta por Landino, según se ve en el folio 31 de su comentario³². En lo que a traducción se refiere Fernández de Villegas está en la línea de los traductores europeos. Dado que su traducción encierra una interpretación por su parte, se le puede relacionar con ellos, dado que éstos efectuaban el mismo proceso según indica Rita Copeland³³. Con respecto a lo que aquí estamos tratando, la

la Universidad de Cornell: Pero Fernández de Villegas, *La Divina Comedia de Dante*, Madrid: Tomás Rey, 1868, xi. La signatura actual es PQ/4318/.2/f36/1868. La transcripción la llevó a cabo el escritor romántico Juan Eugenio Hartzenbusch. Es un ejemplar interesante que debe consultarse. Para el manuscrito, consúltese el ejemplar de la Biblioteca Nacional de Madrid cuya signatura es R.30767. Como me ocupo de esta obra y de este ejemplar de la Biblioteca Nacional de Madrid en otro trabajo, aquí me ha parecido válida la transcripción de Hartzenbusch, que no deja de ser una curiosidad bibliográfica.

³² Landino, *Danthe*...

³³ Rita Copeland, *Rhetoric, Hermeneutics and Translation in the Middle Ages: Academic Traditions and Vernacular Texts*, Cambridge Studies in Medieval Literature II, Cambridge: Cambridge University Press, 1991, pp. 10-27.

misma idea aparece también en Carne-Ross, pero de una manera mucho más clara, al afirmar que la traducción verdadera es más que nada un comentario y no un sustituto de ese texto, y además su papel es interpretativo³⁴.

Puede afirmarse que los comentaristas italianos sufren un transvasse que presenta varias características. Haciendo un resumen, se deben citar tres: 1) supresión de personajes históricos y mitológicos; 2) mentalidad de divulgación popular frente a erudición filosófica para unos elegidos; 3) recreaciones individuales y de diversas índoles con fines muy concretos (Villegas). Estas traducciones ponen en primer plano, entre otras cosas, el valor que los traductores le daban a su público y, por lo que a Castilla se refiere, es algo hasta ahora no dicho y muy a tener en cuenta.

Por los motivos arriba expuestos, las traducciones de comentarios también deben considerarse fundamentales para comprender el método de traducción que se siguió durante un período de tiempo. Está claro que hay una diferencia entre traducir verso y prosa. Debe señalarse el significado que tenía la práctica de la traducción en cada época y en cada lengua. Es necesario salirse de los encasillamientos de "literal" y "libre", dado que el asunto es más complicado y su base son conceptos bastante concretos. Un ejemplo de esto es el papel que el traductor le da a su público. Desde esta perspectiva hay que replantearse el estudio de textos que hasta ahora han sido arrinconados o catalogados descuidadamente. Quizá lo que verdaderamente debe estudiarse son estas producciones que constituyen un ejemplo de una manera peculiar y determinada de traducir y de toda una problemática en la Península.

³⁴ D.S. Carne-Ross, "Translation and transposition", *The Craft and Context of Translation*, eds. William Arrowsmith y Roger Shattuck, Austin: U of Texas P, 1961, pp. 3-21.

Referencias Bibliográficas

- CARNE-ROSS, D. S. (1961) – Translation and transposition, *The Craft and Context of Translation*, eds. William Arrowsmith y Roger Shattuck, Austin, U. of Texas P., pp.3-21.
- CARTAGENA, Alonso de (1969) – *La Rethorica de Marco Tullio Cicerón*. Ed. Rosalba Mascagna. Napoli: Liguori.
- COPELAND, Rita (1991) – *Rhetoric, Hermeneutics and Translation in the Middle Ages: Academic Traditions and Vernacular Texts*. Cambridge Studies in Medieval Literature II. Cambridge, Cambridge University Press.
- FERNÁNDEZ DE VILLEGAS, Pero (1868) – *La Divina Comedia de Dante*. Madrid: Tomás Rey.
- HOZES, Hernando de (1554) – *Los trivmphos de Francisco Petrarca, ahora todo nueuamente traduzidos en lengua castellana, en la medida, y numero de versos, que tienen en el toscano, y con nueua glosa*. Medina del Campo: Guillermo de Millis.
- ILICINO, Bernardo (1475) – *Triomphi de meser Francesco Petrarca*. Venezia.
- LANDINO, Cristophoro (1502) – *Danthe Alighieri fiorentino historiado*. Venezia.
- MENA, Juan de (1989) – *Obras completas*. Ed. Miguel Angel Pérez Priego. Barcelona: Planeta.
- MORREALE, Margherita (1959) – *Castiglione y Boscán: el ideal cortesano en el renacimiento español*. Madrid: BRAE, 2 vols.
- OBREGÓN, Antonio de (1512) – *Francisco Petrarca, con los seys triunfos del toscano sacados en castellano con el comento que sobrellos se hizo*. Logroño: Arnau Guillén de Brocar.
- PALENCIA, Alfonso de (1490) – *Batalla campal de los perros*. Sevilla.
- PETRARCA, Francesco, *Triumph*, ms. 534 de la Biblioteca Nacional de Paris.
- QUAIN, E. A. (1945) – *The Medieval Accessus ad auctores. Traditio* 3, pp. 215-64.
- RICO, Francisco (1984) – *Alfonso el Sabio y la General Estoria*. Barcelona: Ariel.
- RECIO, Roxana (1992) – Alfonso de Madrigal (El Tostado): la traducción como teoría entre lo medieval y lo renacentista. *La Corónica* 19. 2, pp. 112-131.
- (1993) – Las interpolaciones latinas de Sor Isabel de Villena: ¿traducciones, glosas o amplificaciones?. *Anuario Medieval* 5, pp. 126-40.
- (1994) – La interrelación intelectual en la Península: Santillana y Ferrer de Blanes. *Anuario Medieval* 6, pp. 159-73.
- (1995) – El concepto de la belleza de Alfonso de Madrigal (El Tostado): la problemática de la traducción literal y libre. *La traducción en España (ss. XIV-XVI)*. Ed. Roxana Recio. León, Universidad de León, pp. 59-68.

- (1996) – El concepto 'intérprete tan fiel' de Antonio de Obregón. *Bulletin of Hispanic Studies* 83, pp. 225-37.
 - (1996) – La literalidad y el caso de la *Cárcel de Amor*: el quehacer del traductor catalán y del traductor italiano. *Hispanic Journal* 17. 2, Fall, pp. 271-83.
 - (1996) – 'Por la orden que mejor suena': traducción y Enrique de Villena. *La Corónica* 24. 2, Spring, pp. 140-53.
 - (1997) – Del latín al vernáculo: la difusión peninsular del *Decamerón*. *Livius* 9, pp. 109-19.
 - (1998) – Humanismo y exégesis medieval: el caso de Ferrer de Blanes. *Actas del XII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas; Birmingham, 1995*. Ed. Aengus M. Ward, 5 vols. Birmingham, The University of Birmingham, vol. 1, pp. 293-301.
 - (1998) – Approaches to Medieval Translation in the Iberian Peninsula: Glosses and Amplifications. *Fifteenth-Century Studies*, en prensa.
 - (1998) – Puntualizaciones sobre la traducción catalana del *Triunfo de Amor* de Petrarca según el manuscrito 534 de la Biblioteca Nacional de París. *Actas del XIII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, Madrid, en prensa.
- RUSSELL, Peter (1985) – *Traducciones y traductores en la Península Ibérica (1400-1550)*. Bellaterra. Universitat Autònoma de Barcelona.
- SAINT JEROME (1953) – A Pammachius; la meilleure méthode de traduction. *Lettres*, ed. Jérôme Labourt, Paris, Les Belles Lettres, 8 vols.
- SANTOVO, Julio César (1987) – *Teoría y crítica de la traducción: Antología*. Bellaterra. Universitat Autònoma de Barcelona.
- VELLUTELLO, Alexandro (1545) – *Sopra I Triomphi del Petrarca*. Venezia.
- WEISS, Julian (1990) – *The Poet's Art: Literary Theory in Castile c. 1400-1600*. Medium Aevum New Series 14. Oxford: Oxford University Press.

ENTREVISTA COM MARGARIDA VALE DE GATO

Este espaço de ESTUDOS DE TRADUÇÃO é um espaço para a palavra dos tradutores. Apenas um critério prevalecerá na escolha do tradutor entrevistado: a actualidade, a publicação recente de determinada obra traduzida. A entrevista constitui-se por um questionário-tipo, que será enviado ao tradutor, e pelas respectivas respostas que o entrevistado fará chegar, também por escrito, à redacção da revista.

*

Margarida Vale de Gato publicou recentemente duas obras traduzidas, *Furor e Mistério* (René Char) e *O Mercado dos Duendes e Outros Poemas* (Christina Rossetti), na editora Relógio d'Água, uma editora que tem dado particular atenção à tradução de poesia.

Margarida, talvez seja oportuno, para começar, lembrar aqui outras obras suas publicadas, para além daquelas que acabam de ser mencionadas.

Até ao corrente ano, fui tradutora profissional e tenciono retomar a actividade em breve. Tenho traduzido maioritariamente para editoras, vertendo vários géneros: literatura infantil, ficção, poesia e ensaio. Dentro deste leque, gostaria talvez de destacar, do francês, a tradução de uma antologia de Henri Michaux (Relógio d'Água, 1999) e do livro *Palavras em Aberto* (*Ouvrez*, no original) de Nathalie Sarraute (Editorial Notícias, 1999). Do inglês, saliento *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde (Relógio d'Água, 1998); *Boneca de Luxo* (*Breakfast at Tiffany's*, no original) de Truman Capote (Editorial Notícias, 1998); *Os Vagabundos do Dharma*, de Jack Kerouac (Relógio d'Água, 2000); *Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*, de Llewys Carroll (Relógio d'Água, 2000); *Onde Nada Existe*, uma selecção de contos de W. B. Yeats (Relógio d'Água, 2000); e *As Ilhas Encantadas* de Herman Melville (Relógio d'Água, 2000).

Descreva-nos o caminho que a levou à prática da tradução: evidentemente, a sua formação de base, como e onde adquiriu o conhecimento das línguas das quais traduz e, também, se for caso disso, como lhe surgiu o gosto pelo traduzir.

Sou licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Português-Ínglês, pela Faculdade de Letras de Lisboa, e fiz o mestrado em Literatura e Cultura Norte-Americana na mesma faculdade. O Inglês adquiri-o sobretudo na adolescência quando vivi na Califórnia e foi essa experiência que me levou a seguir os estudos universitários em Portugal nas letras anglo-saxónicas. O Francês aprendi-o como toda a gente na escola, e julgo que o interiorizei a ouvir e a traduzir de ouvido as canções do Brel, de que fui fanática. Depois, fiz o curso da Alliance Française até ao Diplôme de Hautes Etudes.

O gosto por traduzir não me veio só por causa do Brel, mas por causa de todos os textos que me fascinavam e eu queria saber como funcionavam. Ainda hoje é assim. Traduzo muitas encomendas, mas felizmente a oferta de trabalho é suficiente para ter uma certa liberdade de escolha. E, salvo casos pontuais, procuro sempre traduzir textos sedutores que me ajudem a crescer e a aprender, seja pelo trabalho da linguagem, seja pelas temáticas abordadas. Trata-se, também, de uma forma de ler.

Como chegou à tradução das obras que acima foram referidas: foram propostas suas ou foram propostas pela editora?

Ambos os livros foram propostas da editora. Agradeço, aliás, à Relógio d'Água permitir-me fazer uma selecção entre vários livros de qualidade.

Quando iniciou a tradução destas obras já existiam outras obras destes poetas traduzidas para português? Que avaliação faz dessas traduções. Serviram-lhe, de alguma maneira, de ajuda à sua tradução?

No caso de René Char, havia uma antologia traduzida por Yvette Centeno para a Cotovia há cinco anos, e encontrei dois poemas vertidos por António Ramos Rosa. Servi-me também de traduções do inglês e do italiano. Todos os trabalhos que consultei foram feitos por excelentes tradutores e considero que o acesso a esses textos foi para mim uma vantagem. Nem me parece que deva ocultar que, quando posso, recorro a traduções já existentes para resolver dúvidas semânticas. No entanto, não é sobretudo por isso que as procuro. Faço-o para ver que problemas suscitaram aos outros tradutores, para saber, se possível, que questões colocaram eles ao texto, que pressupostos assumiram, que percurso os levou à língua de chegada. Anda tudo ligado ao tal deslumbramento de esmiuçar mecanismos.

Tento aprender com o percurso dos outros, ainda que eu venha de um sítio diverso e parta sempre para um caminho diferente.

No caso de Christina Rossetti, só depois de a minha tradução ter sido publicada é que vim a descobrir que havia alguns poemas traduzidos pelo brasileiro Manuel da Bandeira, e, para mim, ver que em certos instantes os nossos percursos se tocavam foi tão entusiasmante como descortinar os pontos de divergência.

Esta é também uma forma de tentar partilhar a solidão em que consiste o trabalho de tradutor. Há várias maneiras de resolver um problema, tal como há problemas diferentes para cada intérprete, e um tradutor nem sempre tem a oportunidade de discutir os seus com um interlocutor válido. É por isso que também gosto de co-traduzir.

Fez acompanhar a sua tradução Furor e Mistério de um prefácio da sua autoria. Foi exigência do editor ou foi sugestão sua, que o editor aceitou? O seu prefácio destina-se mais à explicitação da sua relação com o poeta que traduz ou mais à justificação da sua tradução?

O prefácio foi sugestão minha, bem como a biografia cronológica que completa o volume. Ambos estes paratextos cumprem uma função que eu gosto de chamar de *divulgação científica*, oferecendo ao leitor que por isso se interessar uma contextualização do autor e da obra que acabou de ler ou vai ler. É claro que na *coisa* literária a cientificidade é um critério subjectivo, a que acresce o facto de, como escreveu recentemente João Barrento no seu *Pequeno Livro dos Prefácios*, um prefácio se inscrever numa escrita dos afectos. De qualquer forma, julgo também que um prefácio pode ser um texto de utilidade pública, contribuindo para um público leitor mais informado.

Por outro lado, enquanto tradutora sinto bastantes vezes a necessidade de esclarecer as minhas opções, não só para defender o meu trabalho (é verdade que às vezes há críticas irreflectidas, e uma trabalhadora independente como eu pode deixar de ter trabalho por coisas dessas...), mas também para que os leitores saibam aquilo com que podem contar. Quer se queira quer não, é também a admissão da impossibilidade de se dizer tudo o que está no texto, como lá está. E a sugestão de que eventualmente se digam outras coisas...

Mas, em *O Mercado dos Duendes e Outros Poemas*, o prefácio traz uma assinatura que não é a sua. É da sua autoria apenas uma "Nota de Tradução", que encontramos em final de volume. O facto deve ter algum significado. Pode explicar?

A meu pedido e do editor, o prefácio de *O Mercado dos Duendes* foi feito por Ana Rosa Nobre, que está actualmente a completar uma dissertação de mestrado sobre Christina Rossetti. Pareceu-me que ela seria mais competente do que eu para garantir a “divulgação científica” de que lhe falei.

Perdoe a insistência. Entre outros ‘índices de intromissão’ do tradutor, o prefácio, o nome do tradutor na capa do livro, como é o caso, indicam, logo no primeiro contacto com o leitor, que determinada obra é uma tradução. Como sabe, há quem defenda a invisibilidade do tradutor. A tradução dita ‘técnica’ não goza dos privilégios da tradução literária. Acha que a situação desta última pode, neste aspecto, vir a alterar-se no sentido de uma maior visibilidade do tradutor?

Como já disse, traduzir é uma forma de ler, de interpretar. Quem comprar a minha tradução, fará já a leitura de uma leitura, e penso que é uma questão de honestidade explicitá-lo tanto quanto possível.

O nome do tradutor na capa do livro é uma opção editorial relativamente à colecção de poesia em que se inserem os volumes. Não é costume fazerem-no para a ficção. Talvez porque haja uma ideia, quanto a mim falaciosa, de que é mais difícil traduzir poesia do que ficção – segundo essa lógica, um poeta teria mais valor do que um romancista...

Quanto à tradução técnica, embora não seja habilitada para falar do assunto, julgo que se pode dar maior visibilidade ao facto de determinado texto constituir uma tradução – já que, por exemplo, a sua distância do texto original pode ser vital para o utilizador. Agora não vejo por que se deva dar uma maior visibilidade ao tradutor, uma vez que o autor também não costuma vir mencionado.

No seu prefácio, faz alusão às dificuldades do trabalho do tradutor. Quer agora explicitar melhor? E as mesmas dificuldades surgiram ao traduzir a obra de Christina Rossetti?

Cada texto suscita problemas de tradução diferentes. No caso de Char, a minha principal dificuldade residiu no conflito entre a indeterminação e a estabilização do sentido. Cada palavra usada por Char pode significar uma coisa, mas também muitas outras, sendo que a noção de *sentido plausível* não é funcional para este poeta hermético. A questão que se me colocou com mais frequência foi, pois, a de manter o justo equilíbrio entre a polissemia e a opacidade do discurso.

No caso de Rossetti, o problema foi sobretudo o da adequação do conteúdo às exigências formais dos sonetos em decassílabos, das canções em redondilhas, etc., sabendo que estava a fazer uma transposição algo abusiva do metro inglês para o

português... Foi um trabalho muito estimulante em termos dos tais mecanismos que compõem o texto.

Alguma das Teorias conhecidas da tradução a tem ajudado na sua prática da tradução? Pode explicitar a sua relação com essas Teorias?

Gosto de ler os prefácios e as notas de tradução dos outros tradutores. É uma forma de partilha, e, como já disse, a experiência dos outros constitui para mim uma aprendizagem.

Embora me considere tradutora profissional, nunca tirei nenhum curso de tradução, e confesso que às vezes sinto a falta de pequenos "truques" que talvez aí se aprendam. Quanto às teorias, ainda não li tanto quanto deveria, mas estou a fazer progressos. Li o Steiner e um pouco de Susan Bassnett e Peter Newmark. Estou actualmente a ler Lawrence Venuti, que espelha algumas das minhas próprias reflexões. Mas as teorias normativas são sempre muito redutoras no que toca à tradução literária, e as descritivas sucedem-se sempre à *praxis*.

Em Portugal, existe uma já longa tradição de os poetas traduzirem poetas. Considera-se poeta pelo facto de traduzir poesia?

Considero que a tradução é um importante exercício propedêutico para a criação literária, mas um tradutor não é um escritor. Para se ser escritor, é necessário criar um universo próprio, e o tradutor é um satélite dos universos dos outros.

Houve, em todo o caso, a par da preocupação com o sentido, a atenção à forma na língua de chegada. Como é que essa atenção se concretizou? Teve em linha de conta, por exemplo, alguma da poesia contemporânea portuguesa, algum poeta em particular?

Em certos casos, procuro ler alguns autores contemporâneos daqueles que traduzo, ou cujo estilo ou temas abordados se assemelhem aos deles. Este é um exercício útil para nos apropriarmos de certas constelações lexicais, por exemplo. No entanto, afasto-me da tentação de utilizar tais leituras para «aportuguesar» ou colonizar culturalmente os textos estrangeiros – o que é uma forma de neutralização não só dos textos como da língua de chegada.

Há um tradutor inglês que admiro, Willard Trask, que diz que uma tradução deve, tanto quanto possível, respeitar a ordem das palavras no original, visto esta determinar a ordem pela qual ocorrem os pensamentos. Ora, isto pode causar uma violência insuportável na língua de chegada, visto que, por exemplo, numa

tradução portuguesa do inglês significaria que todos os adjetivos tinham de vir antes dos substantivos. No entanto, julgo que é necessário manter alguma dessa violência, e é um pouco essa a ideia de Venuti quando defende a visibilidade da tradução. Julgo que uma tradução literária deve trabalhar nos limites da aceitabilidade da língua de chegada e esse pode ser um importante contributo para o seu enriquecimento e vitalidade.

Para terminar, agradecendo, tem a palavra para abordar ainda mais alguns assuntos que considere importantes para os nossos leitores.

Gostaria apenas de retribuir o agradecimento e salientar o quanto julgo importante existirem revistas como esta que, para além de valorizarem e dinamizarem os estudos de tradução, podem servir para mitigar o isolamento dos tradutores, promovendo a discussão tanto de experiências como de teorias.

Vrie deison. Chuste
ikvrie deison.

Ater noster quies in ce
ctificetur nomen tuum
regnum tuum. Fiat v
sicut in celo et in terra. I
rum quotidianum da no
bis debita nostra sicut
bis nostris: Et ne nos
Sed libera nos amal

TEORIA(S)

TRADUÇÃO RECÍPROCA E DOUBLE BIND – TRANSBORDAMENTO E MULTIPLICIDADE DE LÍNGUAS *

PAULO OTTONI

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

Eis o que nos ensina uma tradução, não o sentido contido num texto traduzido, nem isso ou aquilo, mas que há língua, que a língua é língua e há uma pluralidade de línguas que têm entre elas este parentesco de ser línguas.

Jacques Derrida^{**}

A literatura aspira ao idiomático. O texto literário, que é certamente sobre-determinado por todo tipo de coisas, só tem definição não institucional (mas o literário aqui vai suspender qualquer instituição, inclusive a da literatura) como idioma.

Geoffrey Bennington^{***}

As discussões recentes em torno da tradução, que não compartilham com a ciência lingüística seus princípios estruturais e formais, surgiram comprometidas principalmente com as relações entre sujeito e linguagem, possibilitando uma reviravolta significativa na reflexão sobre o papel exercido pelo tradutor. Discuto e destaco, neste trabalho, a contribuição do tradutor enquanto um sujeito que interfere na língua transformando e produzindo significados, um sujeito que intervém nas línguas envolvidas na tradução.

À medida que as novas posturas frente à tradução se fortalecem, é fundamental nos debruçarmos sobre os pressupostos que sustentam estas reflexões. Descartada a abordagem estrutural e formal de base lingüística, não é fácil traçar uma linha divisória e simplesmente passarmos a considerar tudo o que se faz atualmente a partir das concepções pós-estruturalistas da linguagem, em oposição

* Este texto é uma versão modificada da conferência, com o mesmo título, proferida na Universidade de Heidelberg - Alemanha - no Institut für Übersetzen und Dolmetschen em 4 de fevereiro, e na Unión Latina em Havana - Cuba - em 4 de julho de 1997.

** *L'Oreille de L'Autre*, 1982, p. 164

*** Jacques Derrida, 1991, p. 128.

ao que se fazia anteriormente, como possíveis soluções às questões que a tradução traz. Quero dizer que esta atitude de dividir em dois momentos os estudos da tradução é apressada e deve ser tratada com mais prudência. As reflexões de base lingüística sobre a tradução têm pressupostos teóricos que diferem muito daqueles das abordagens pós-estruturalistas, mas nem por isso essas reflexões devem ser deixadas de lado de maneira radical¹. Se, por um lado, uma lingüística estrutural e formal não dá conta de sistematizar e teorizar a tradução no interior de uma ciência, por outro, na abordagem pós-estruturalista a tradução passa a ser considerada como uma questão ideológica e filosófica.

A respeito dessa mudança de uma abordagem para outra, não analisarei esta possível linha teórica divisória, por considerá-la até certo ponto irrelevante para este trabalho. A tradução não é domesticável em si, ela resiste a qualquer tentativa de sistematização em qualquer postura teórica ou histórica. Discutirei, então, a tradução enquanto acontecimento da linguagem que deflagra a existência das línguas, a partir da reflexão de dimensão desconstrutivista, proposta por Jacques Derrida.

A tradução não é uma relação entre dois sistemas lingüísticos autônomos, nem uma relação que envolve duas línguas distintas, mas um acontecimento que evidencia que há sistemas lingüísticos que comportam em si várias línguas. Quero dizer que não vou privilegiar a diferença institucional prevista para as línguas, ou seja, uma oposição, um antagonismo, entre as duas línguas envolvidas na tradução; mas sim, suas semelhanças e suas proximidades. A tradução é um acontecimento que deflagra a língua e as várias línguas presentes num mesmo sistema lingüístico. Esta postura de Derrida (cf. 1982, p.134) frente à tradução vai numa direção diferente da postura estrutural e da pós-estruturalista ao chamar a atenção para o jogo de significação entre as línguas que ocorre em qualquer tradução - desconstrução.

Volto à afirmação anterior de que há dificuldades em se traçar uma linha divisória entre duas abordagens sobre a tradução, uma estrutural e formal, e uma outra pós-estruturalista: quero dizer que a questão principal está na relação de oposição e de semelhanças entre as línguas envolvidas na tradução e no modo como cada uma destas abordagens concebe esta relação. Na abordagem estrutural

¹ Dois livros exemplificam de maneiras distintas a resistência da tradução a modelos teóricos. *Les Problèmes Théoriques de la Traduction*, de George Mounin (1963) já evidenciava, de certo modo, no interior da ciência lingüística esta resistência, ao colocar a questão da impossibilidade da tradução a partir do ponto de vista teórico de uma lingüística estrutural e formal. *Translation and The Nature of Philosophy - A New Theory of Words* de Andrew Benjamin (1989) reflete também uma espécie de resistência, através de uma reflexão que estabelece uma relação entre a tradução e a filosofia, a partir de uma postura pós-estruturalista.

as diferenças e oposições formais entre as línguas criam e mantêm certas dicotomias, como por exemplo: sujeito e objeto, teoria e prática, e forma e conteúdo. Estas dicotomias são encaradas, então, como inerentes ao fenômeno da tradução. A abordagem pós-estruturalista surge justamente para questionar estas dicotomias que serão analisadas como construções teóricas e filosóficas; no entanto, mantém, de maneira diferente, da abordagem estrutural e formal, a dicotomia: língua materna e língua estrangeira.

A concepção de tradução que eterniza a distinção entre dois pólos antagônicos e opostos, entre língua materna e língua estrangeira, como faz a abordagem estrutural, define a tradução como um fenômeno universal que garante o transporte de significados de uma língua para a outra. Pretendo discutir e redimensionar esta distinção – língua materna e língua estrangeira – estes pólos antagônicos e mostrar que eles são complementares e que a tradução é um acontecimento que está dentro do jogo de significados que se produz entre as línguas. Não há assim, fronteiras entre as línguas, elas se complementam, provocando e proporcionando um transbordamento e evidenciando a multiplicidade de línguas envolvidas na tradução.

A abordagem estrutural e formal é a que sofre as mais severas críticas pela maneira como reafirma estas dicotomias. A grande parte dessas críticas começaram a surgir a partir dos anos oitenta, através dos *Translation Studies*, que se apóiam numa postura pós-estruturalista da linguagem e questionam a maioria dessas dicotomias. Por isso, estas duas abordagens têm posições diferentes, e respondem, certamente, de maneiras distintas a duas questões fundamentais para Steiner (1975):

Podemos argumentar que todas as teorias de tradução – formais, pragmáticas e cronológicas – são apenas variantes de uma única e eterna questão. Como podemos ou devemos atingir a fidelidade? Qual é a correlação privilegiada entre o texto A na língua de partida e o texto B na língua de chegada? Esta questão tem sido discutida há mais de dois mil anos. (p. 275)

Como conceber, então, esta fidelidade, esta correlação privilegiada se partirmos de uma visão de tradução que, em si, põe em questionamento a própria questão de Steiner, ao desfazer a oposição entre duas línguas? Vejamos esta afirmação de Derrida (1982):

E a tradução pode tudo, exceto marcar esta diferença lingüística inscrita na língua, esta diferença de línguas inscrita numa só língua: no limite ela pode fazer tudo, exceto isto, exceto o fato de que há num sistema lingüístico, talvez, várias línguas, algumas vezes diria mesmo sempre, várias línguas, e há impurezas em cada língua. (p. 134)

Nessa visão de linguagem, as noções de língua e de tradução dão uma outra dimensão a esta preocupação de Steiner. Ou seja, na dimensão desconstrutivista, fica abalada a dicotomia, a divisão estanque entre duas línguas. Nesta dimensão devemos refletir sobre as seguintes questões de Derrida: *Como um texto escrito em várias línguas ao mesmo tempo pode ser traduzido? Como o efeito de pluralidade pode ser “restituído”? E se traduzimos a partir de várias línguas ao mesmo tempo, podemos chamar isto tradução?* (1985, p. 215)

Quando se distinguem duas línguas de modo antagônico há um compromisso com uma teoria de tradução para explicar esta correlação privilegiada entre uma língua de partida e uma outra, a de chegada. A tradução é encarada como um fenômeno transcendente, o tradutor é aquele que vai, com muita habilidade e experiência transportar, sem contaminar, um texto de uma língua para a outra. Na dimensão desconstrutivista, língua e tradução vão se (con)fundir, uma não sobrevive sem a outra; descartando a tensão que está pressuposta nas questões de Steiner: como atingir a fidelidade? Qual é a correlação privilegiada entre duas línguas? Para a dimensão desconstrutivista, a tradução é um acontecimento que deflagra a língua, está entre as línguas, e faz parte das línguas. O tradutor é aquele que vai transformar e produzir significados, produzir outras *impurezas* na língua para a qual traduz. Na abordagem estrutural e formal, a tradução não só não permite que haja um transbordamento de significados de uma língua para outra como tem de se justificar através do conceito de fidelidade: neste caso a tradução é perda, é traição, já que dificilmente se atinge a fidelidade, se estabelece uma correlação entre as línguas do original e as da tradução. Na abordagem pós-estruturalista há ainda a permanência deste conceito de fidelidade, mas já encarado de outra maneira, fora do campo estritamente linguístico; a fidelidade ou infidelidade será discutida dentro de uma perspectiva filosófica e ideológica que permite que esta correlação se dê levando em conta que a fidelidade pode ser atingida a partir das concepções, por exemplo, de texto, de leitura e de interpretação. Diferenciando-se das duas abordagens, na dimensão desconstrutivista, a questão da fidelidade e da correlação privilegiada entre as línguas não são mais pertinentes para tratar do transbordamento e do jogo da multiplicidade de línguas envolvidas na tradução.

As questões levantadas por Steiner estão diretamente ligadas à distinção e à definição de tradução que enfatiza as diferenças e as oposições, de maneira estanque, entre as línguas. Por isso, falar de fidelidade e de uma correlação privilegiada entre o texto A e o texto B são ilusões – teóricas e filosóficas – necessárias para fortalecer a concepção de tradução como um fenômeno transcendente. À medida que as línguas são encaradas como pólos complementares, não há uma distinção entre elas, as questões, então, são outras. É a partir desta postura que pretendo tratar algumas questões da tradução e do transbordamento

de línguas que se expressa através do *double bind*, interferindo definitivamente em qualquer tentativa de se falar em fidelidade, ou de uma correlação privilegiada entre duas línguas. O *double bind* mostra através da língua que a tradução é necessária e impossível. A intervenção de uma língua na outra proporciona a produção de significados, só através do *double bind* que um texto se faz outro ao evidenciar que a diferença de significados não é privilégio das diferenças e diferentes línguas, mas de como esta diferença cria uma espécie de tradução recíproca a partir da intervenção do tradutor, que não se liberta da imposição e da intervenção das línguas envolvidas na tradução. A tradução inevitavelmente promove a língua e a faz transbordar, é o momento mais explícito do confronto de línguas, das diferenças e semelhanças entre elas e das diferentes línguas existentes numa mesma língua (cf. Derrida, 1982, p.134). Em Ottoni (1997) discuto o papel que o tradutor exerce nesta dimensão desconstrutivista e faço a seguinte afirmação:

Estar neste "meio", neste "duplo" papel em que se encontra o tradutor [...] é um fenômeno decorrente não só porque há diferença lingüística entre as línguas, como também porque há diferença de sistema de línguas inscrita numa só língua [cf. Derrida acima]. Este "meio" é o lugar do indivíduo, do sujeito que não se separa do seu objeto (a língua), das suas diferenças e nem das suas impurezas. O sujeito, ao traduzir, está "entre" a diferença de dois sistemas lingüísticos e no "meio" das várias línguas que compõem as línguas envolvidas na tradução. (pp. 23-24)

Analiso inicialmente um trecho do *Finnegans Wake* de James Joyce traduzido para o português e comentado por Augusto de Campos. Discuto a maneira como o tradutor encara a questão do transbordamento e do *double bind* na produção de significados de um texto escrito em várias línguas ao mesmo tempo. Em seguida, discuto a tradução de três passagens de *Glas* de Jacques Derrida para o inglês, por John P. Leavey Jr. e Richard Rand. Podemos perceber a intervenção dos tradutores que representam o *double bind* e criam novas situações lingüísticas para o inglês. E finalmente apresento um trecho do *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa, traduzido para o alemão por Curt Meyer - Clason, e como a questão da tradução do nome próprio e da manutenção de algumas palavras em português, no texto em alemão, possibilitam através do *double bind*, do mesmo modo que em *Finnegans Wake* e *Glas*, uma espécie de tradução recíproca.

Sobre *Finnegans Wake* de James Joyce, Derrida comenta de maneira magistral a sua importância para refletir sobre as línguas e a tradução ao analisar as possíveis e impossíveis traduções da frase: "And he war". Discute a "guerra das línguas" e de como Joyce se aproxima do implante, e sem rejeição possível, de uma língua para o corpo de outra (1987, p.32). E, em duas outras passagens, dá uma idéia precisa da complexidade e importância deste livro:

Pois não podemos dizer nada que não esteja programado nesse computador de milésima geração. Ulysses, Finnegans Wake, junto ao qual a tecnologia atual de nossos computadores e de nossos arquivos micro computadorizados e de nossas máquinas de traduzir não passa de uma bricolagem, um brinquedo pré-histórico de criança. Um brinquedo cujos mecanismos, sobretudo, se arrastam. Sua lentidão é incomensurável com a rapidez quase infinita dos movimentos das conexões joycianas. (pp. 20-21)

E mais à frente, ao completar sua argumentação em torno da impossibilidade de se traduzir várias línguas ao mesmo tempo, ele afirma:

Imaginem as máquinas de traduzir mais poderosas e aperfeiçoadas, as equipes de tradução mais competentes. Mesmo seu sucesso só pode ser um fracasso. Ainda que, numa hipótese inverossímil, elas tivessem traduzido tudo, fracassariam em traduzir a multiplicidade das línguas – e em conservar o que há de estrangeiro na tradução. Elas apagariam este simples fato: uma multiplicidade de idiomas, não apenas de sentidos, mas de idiomas, deve ter estruturado este acontecimento da escrita, que agora dita a lei. (p. 32)

Vejamos o trecho de *Finnegans Wake* traduzido e comentado por Augusto de Campos²:

Who sleeps in now number one, for example? A pussy, purr esimple. Cunina, Statulina and Edulia, but how sweet of her! Has your pussy a pessname? Yes, indeed, you will hear it passim in all the noveletta and she is named Buttercup. Her bare name will tellt it, a monitress. (FW, 561, p. 72, ênfase minha).

Quem dorme agora no número um, por exemplo? Uma gata, pura e simples. Cunina, Statulina e Edúlia, mas que mimo de doçucar. Sua mimi tem um nome? Sim, cetim, há de ouvi-lo passim em tôda a noveletta e ela se chama Amargarina. Seu nome próprio o diz, é minitora. (p. 73, ênfase minha)

Reproduzo parte do comentário de Augusto de Campos (1971), que discute a tradução deste trecho, pois considero fundamental mostrar como na sua argumentação outras línguas intervêm no seu processo tradutório; ele afirma:

² Este trecho de nº 15 pertence ao capítulo IV: HCE (H.C. Earwicker) e ALP (Ana Livia Plurabelle) "Seu Leito de Julgamento" – do livro IV: "do Povo", e contém a descrição da filha de HCE dormindo. Estou utilizando a segunda edição do *Panorama do Finnegans Wake* publicada em 1971. A parte que reproduzo, para minha análise, se manteve idêntica à da primeira edição; uma publicação não-comercial, editada pelo Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, São Paulo, 1962.

[...] vemos *Issy*, na "persona" infantil de *little Buttercup* com seu espelho (signo do tema das irmãs duplicadas – Alice no País-dos-Espelhos) e sua boneca. *Buttercup* = espécie de ranúnculo: trocadilho desenvolvido na linha a *gracecup filled with bitterness*, sendo que *cup of bitterness* = taça de amargura; há ainda ecos de *butterfly* (borboleta) e *butter* (manteiga). Em português, usou-se outra chave: deu-se a *Buttercup* o nome de *Amargarina*, que, aliás, está em consonância com importante personificação juvenil de Ana: *Margareen* – pàgs.164/166 –, que é disputada pelos dois irmãos *Burrus* e *Caseous* (*Brutus* e *Cassius* + *butter & cheese*, *beurre*, em francês = manteiga; *caseus*, latim para queijo), naturalmente, projeções de *Shaun* e *Shem*. (pp. 93-94)

Nesse comentário há uma série de observações e explicações que exemplificam como aparece em cena, a partir da tradução, a questão do *double bind* interferindo de modo definitivo na produção de significados de uma língua para a outra a partir da intervenção da língua do tradutor. Relembrando Derrida quando afirma que as sofisticadas máquinas de traduzir não passariam de uma *bricolagem*, já que: *elas apagariam [ao traduzir] este simples fato: uma multiplicidade de idiomas, não apenas de sentidos, mas de idiomas*. Augusto de Campos explicita o aparecimento de outras línguas e idiomas na sua tradução do nome *Buttercup* para o de *Amargarina*, e de como chegou a esse nome a partir da explicação que construiu da análise do nome *Buttercup*; ou seja, como ele transforma um nome próprio em nome comum, a partir de uma explicação-tradução que identifica e justifica o aparecimento de outras línguas. Nessa parte inicial da explicação aparecem os seguintes idiomas: *português, francês, latim, inglês* (além de *grego, italiano, latim litúrgico, hebreu* que aparecem ao longo de todo o comentário, cf. pp. 93-095). Ressalto ainda o jogo, o implante de palavras que é feito na construção do próprio idioma inglês neste livro. Do mesmo modo que é complexo o inglês de Joyce, também é complexa a relação das outras línguas e do português na construção desta tradução. Se há mais de uma língua-idioma inglês neste texto, qual seria, então, a relação do inglês com o português? Se partimos da constatação de que não há uma marca divisória entre as línguas, como responder às questões colocadas por Steiner: *Qual é a correlação privilegiada entre o texto A na língua de partida e o texto B na língua de chegada? Como atingir a fidelidade?*

Esta tradução tem princípios teóricos que a sustentam e que, de certo modo, procuram responder à questão da fidelidade e mais especificamente justificar a correlação privilegiada entre um texto A e um texto B. Haroldo de Campos (1967) parte de uma teoria bastante específica e que em parte responde as questões de Steiner. Ele faz a seguinte afirmação:

Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades

esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma [...]. O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal. (p. 24)

A resposta à questão da possibilidade de uma correlação privilegiada entre as línguas poderia ser a afirmação de que há uma correlação formal entre os dois textos. Haveria uma fidelidade quanto à *sua fisicalidade, sua materialidade mesma*, como afirma o teórico. Resta saber como se chega a uma tradução do *próprio signo* sem passar pelo significado. Ora, a possibilidade de uma correlação formal, em si, é ilusória. Haverá sempre um significado interpretável a partir dessa fisicalidade. Esta *recriação, ou criação paralela* é uma tentativa de justificar e de dar conta deste transbordamento do significado previsto pelo *double bind*. Uma concepção de tradução como a da recriação é uma maneira de conviver com o *double bind*. Como tenho insistido, a partir da dimensão desconstrutivista, a questão da fidelidade e da correlação privilegiada já não se apresenta mais como nas concepções estrutural e formal e pós-estruturalista de tradução que sustentam a distinção entre duas línguas antagônicas e em oposição. Mesmo uma teoria tão elaborada, como a da *criação paralela*, que considera a encenação desta multiplicidade de línguas, tem como pressuposto a dicotomia forma e conteúdo para justificar o antagonismo das línguas envolvidas na tradução. Haroldo de Campos sabe, mais do que ninguém, que esta materialidade recriada nada mais produz que significados, idêntico processo àquele que utiliza para traduzir. Isso põe em xeque sua distinção entre a tradução do significado e a tradução do próprio signo, na língua de Joyce para a do tradutor, distinção que pretende, por um lado, responder à milenar questão sobre a fidelidade e, por outro, fortalecer a distinção institucional e o antagonismo entre as duas línguas envolvidas na tradução.

Vejamos, no entanto, como Haroldo de Campos (1971) comenta, com extrema lucidez, a complexa tarefa do tradutor destes fragmentos:

TRADUZIR James Joyce, especialmente fragmentos de Finnegans Wake, é uma ginástica com a palavra: um trabalho de perfeccionismo. Algo que nunca assume o aparato estático do definitivo, mas que permanece em movimento, tentativa, aberta e constante, trazendo sempre em gestação novas soluções, "pistas" novas, que imantam o tradutor, obrigando-o a um retorno periódico ao texto e seus labirintos. (p. 21)

Quero dizer que esta teoria da *recriação* ou *criação paralela* só é possível de ser articulada para explicar e justificar determinadas escolhas, pois há uma tensão

presente nos *textos criativos* e literários que é produzida pelo *double bind*. É da tensão provocada pela presença explícita de várias línguas, e da complexidade deste inglês e deste português, que esta impossibilidade – *double bind* – da tradução acontece. É a partir da afirmação de Derrida (cf. 1982, p.164) de que *há língua, que a língua é língua e há uma pluralidade de línguas que têm entre elas este parentesco de ser línguas*, que uma teoria deste tipo pode se sustentar. Toda teoria de tradução, incluindo a da recriação ou criação paralela, será sempre uma maneira de procurar sistematizar o *double bind*. Se há língua, há *double bind*, e a tradução enquanto deflagradora da multiplicidade de línguas resiste a qualquer tentativa de tornar este acontecimento estável e sistemático. Relembrando a afirmação da epígrafe deste trabalho de que *uma boa tradução nos diz simplesmente isto: há língua*, a tradução de Augusto de Campos, com certeza, é uma demonstração exemplar deste acontecimento.

Glas de Jacques Derrida é uma obra não menos complexa que *Finnegans Wake*, mas ainda desconhecida do grande público. É forte e densa e impõe a língua de maneira estupenda. Sobre *Glas* (que em português pode ser traduzido por *dobre* que significa: *toque – dos sinos – a finados*), o próprio Derrida (1987) faz uma aproximação do seu texto com o de Joyce, e comenta: *E passo depressa por Glas, que é uma espécie de Wake, de um extremo ao outro a longa procissão, em duas colunas, de uma teoria da alegria e uma teoria do luto* (p.25). Kofman (1984), sobre *Glas*³, afirma:

Cada texto, exprime Glas, é uma máquina de múltiplas cabeças leitoras para outros textos que comunicam assim entre eles, se vigiam, se respondem um ao outro, acasalados, divididos e aglutinados ao mesmo tempo, tornando-se com

³ Na separata (*prêre d'enséer*) – da primeira edição de *Glas* de 1974 e da sua reedição em 1995 – o próprio Derrida dá uma idéia da composição geral da sua obra: *De início: duas colunas. Mutiladas no alto e embaixo, cortadas no seu flanco: incisos, tatuagens, inscrições. Uma primeira leitura pode ser feita como se dois textos erguidos, um contra o outro ou um sem o outro, não se comunicassem entre si. E de uma certa maneira deliberada, o que é verdadeiro, quanto ao pretexto, ao objeto, à língua, ao estilo, ao ritmo, à lei. Uma dialética de um lado, uma galáctica de outro, heterogêneos e entretanto indispensáveis nos seus efeitos, às vezes até a alucinação. Entre os dois, a construção de um outro texto, diria de uma outra "lógica": apelidada de obsêquense, de penêtre, de stricture, de serrure, de anthèrection, de mors, etc. Kamuf (1991) descreve *Glas* da seguinte maneira: *Um meio de descrever Glas é simplesmente invocar seu volume: 100 polegadas cúbicas (10 x 10 x 1 na versão original). Na largura, páginas quadradas, duas extensas colunas frente a frente com diferentes tipos: pequenas, densas na esquerda, larga, mais espaçada na direita. Truncado através das páginas e veremos um terceiro tipo, o menor dos três, cortando as colunas em vários pontos, formando incisões inscritas não importa o lado ao longo da sua extensa margem, ou abaixo do centro [...]. Não há notas, nem títulos de capítulos, nem índice. Cada coluna começa no que parece ser a metade de uma sentença, e termina 283 páginas depois, sem pontuação final* (p. 315).*

isso, quanto a seu código, quanto a seu sexo, indecíveis. Falam um na língua do outro sem mesmo se conhecer [...]: procissão de um texto, de uma língua na outra, passagem densa deste cortejo na margem de uma outra língua, na língua do outro, provocando uma espécie de transbordamento contrariando todos os limites cortantes: nada de quadro, nada de borda, nada de limite garantido entre um texto e seu exterior, o fim e o princípio de um texto, a unidade de um corpus, o título, as margens, etc. Mais que uma rede diferencial, um tecido de traços remetendo indefinidamente a outros, recorrendo a outras traços diferenciais. Cada texto, um pelo outro transformado, e a fortiori aquele que se escreve entre eles, não dispendo de nenhuma forma, nenhum gênero, nenhuma moda literária ou filosófica. Toque o dobre [*le glas*] do código e do gênero. (pp. 143 – 144)

Analisarei três⁴ excertos mostrando como o transbordamento ocorre na tradução através de uma outra língua. Como o *double bind* se impôs aos tradutores produzindo uma espécie de tradução recíproca. O inglês dentro do inglês, o inglês no francês e vice-versa, dando uma dimensão para a tradução nunca limitada à produção de um único significado. O *double bind* evidencia de maneira peculiar a multiplicidade de línguas, o implante *de uma língua para o corpo da outra*.

Vejamos o primeiro excerto (todos os destaques que seguem são meus):

On désire, on consomme, on travaille, ça passe et ça meurt. (p. 140)

One desires, one consum(mat)es, one labors, it (ça) passes (away) and dies. (p. 333)

Os tradutores, nesse caso, expressam a manifestação do *double bind* ao transformarem *consomme* em *consum(mat)es*. A palavra-verbo francesa *consomme* se transforma em *consum(mat)es*; uma espécie de palavra dupla – um enxerto – composta de dois verbos: *to consume* – *consumir*, *devorar* e *to consummate* – *consumar*, *completar*. *Consum(mat)es* agrupa, assim, os dois sentidos contidos no verbo *consommer*: *consumir* – *consumar* do francês.

Em *ça passe et ça meurt* que se transforma em: *it (ça) passes (away) and dies*, podemos ver a intervenção – o implante – do (*ça*) no inglês após o *it* como uma maneira de explicitar a fusão das duas línguas, já que *passes* tem uma escrita

⁴ Os excertos de *Glas (death knell)* em inglês, que analiso, foram retirados do livro *A Derrida Reader – Between the blinds*; organização, notas e introdução de Peggy Kamuf (1991). Os três excertos fazem parte da coluna à esquerda que trata das questões e discussões da filosofia de Hegel; e se encontram nas páginas 140, 141 e 146 da reedição francesa de 1995 (nas páginas 172, 174 e 183 na edição francesa em dois volumes de 1981) e nas páginas 333, 334 e 342 em Kamuf (1991). A edição em inglês de *Glas* foi publicada acompanhada do *Glassary* elaborado pelo tradutor John Leavey Jr.

idêntica à do francês, mas se diferencia na pronúncia, produzindo, assim, um jogo de semelhanças e diferenças, um transbordamento de uma língua na outra⁵. Com a colocação de (*away*) após *passes*: *it (ça) passes (away) and dies*, surge um jogo duplo de sentidos entre *passes (away)* e *dies*: o de *cessar, consumir, morrer*.

No segundo excerto temos um procedimento que considero extremamente elaborado:

[...] *de son propre présent, à peine phénoménal, entre nuit et jour – le pénombre – que Hegel détermine le désir en désir sexuel.* (p. 141)

[...] *from its own proper present, hardly phenomenal, between night and day – the penumbra(l man) [le pénombre] – at that moment does Hegel determine desire as sexual desire.* (p. 334).

Le pénombre transforma-se em: *the penumbra(l man) [le pénombre]*. Há, nesse caso, um jogo com a palavra *pénombre* que em francês é do gênero feminino, aqui aparece no masculino. No inglês ocorre a fusão de substantivo com um adjetivo, em: *penumbra(l man)* temos o substantivo *penumbra*, e com o (*l man*) torna-se um adjetivo. A mudança do gênero em francês cria uma intervenção no próprio francês indicada através do adjetivo no inglês, produzindo assim significados que provocam e enfatizam a encenação do *double bind*. A tradução transforma e articula estes significados a partir de seus contextos e produz outros⁶.

No terceiro excerto podemos verificar como ocorre de maneira diferente, dos dois exemplos anteriores, o transbordamento do significado.

Les attributs masculin dont elle se pare ne sont jamais que du toc, des signifiants sans signification, des fétiches. De la montre. Mal réglée sur le mouvement du soleil. (p. 149)

The masculine attributes with which she adorns herself are never anything but fake, signifiers without signification, fetishes. Are never anything but show [montre], but the watch [montre]. Badly adjusted [réglée] to the sun's movement. (p. 342)

⁵ Sobre esse enxerto do *ça* no inglês Leavey Jr. (1986) comenta: "It (*ça*): o Francês está incluído entre parênteses para lembrar o leitor do jogo homofônico de *ça* (*it*), *Ça* (o freudiano *Es, Id*), *Sa* (sigla do *saber absoluto* e abreviatura do significante saussuriano), e *sa* (pronome possessivo singular feminino) (cf. 1986, p.135). O próprio Leavey Jr., na sua tradução de *La vérité en peinture, Restitutions – Of Truth to Size*, de 1978, já havia deixado *ça* "intraduzível", colocando-o na frase entre vírgulas, por exemplo: *It, ça, only causes us to begin, [...]* (cf. p.3).

⁶ Koitchi Toyosaki (1981), ao fazer um levantamento das dificuldades específicas que pode encontrar um tradutor de Derrida, diz: "il y a aussi le *pénombre* quelque part: crépuscule et presque homme" (cf. p. 250).

De la montre faz um jogo duplo de sentido em francês, a palavra *montre* significa relógio e exibição (vitrine); em inglês a palavra *montre* é colocada após *show* e *watch* para evidenciar esta diferença e a duplicidade de sentido do francês. A colocação de *régée* na tradução produz uma ambigüidade, como ocorre também no francês, para articular outros significados.

Nesses três excertos de *Glas*⁷ procurei identificar algumas das transformações de significados produzidas pelos tradutores ao fazerem aparecer a mistura das línguas, cruzando uma com a outra, evidenciando o que transborda de uma língua na outra. Nestas traduções há um jogo de implante e enxerto entre as línguas que evidencia o fato de que há línguas, que há uma permissão para que as línguas se misturem como já estão misturadas num único sistema lingüístico. Como afirma Kofman: *Glas é uma procissão de textos, de uma língua na outra, passagem densa deste cortejo na margem de uma outra língua, na língua do outro provocando uma espécie de transbordamento.* A tradução promove esse cruzamento e a articulação entre as línguas enquanto um acontecimento que contamina as línguas e é contaminado por elas.

Em *Grande Sertão: Veredas*, indiscutivelmente uma das maiores obras da literatura contemporânea, também uma língua está dentro da outra. João Guimarães Rosa recria o português dentro do próprio português. Há uma mistura de línguas que, inevitavelmente, a tradução para o alemão faz evidenciar.

Sperber (1982), no capítulo dedicado ao *Grande Sertão: Veredas*, ao comentar a linguagem e a estrutura elaboradas da obra, afirma:

A relação significante-significado é mediada pela aura de silêncio que envolve cada sintagma [estrutura mínima de sentido], no espaço, no tempo e na memória [...] que se abrem no ponto onde deveriam dar-se a articulação entre significante e significado. Como no ponto de articulação reside a arbitrariedade do signo, podemos dizer que é ela que é liberada. (p. 78)

Esta afirmação constata que há um redimensionamento da significação que se organiza em torno da relação significante-significado, e a importância que terá o tradutor na produção destes outros significados. Para Derrida (1972, p.30): *a tradução pratica a diferença entre significado e significante. Mas, se esta diferença nunca é pura, a tradução também não o é.* As várias traduções fazem sempre os tradutores repensarem constantemente as línguas uma vez que as questões do

⁷ Esses exemplos aparecem modificados em uma versão deste texto apresentada como comunicação com o título: *Traducción recíproca deconstrucción y double bind* no II *European Society for Translation Studies Congress* em Granada - Espanha - em 24 de setembro de 1998. Esse texto foi publicado na revista *Trabalhos em Lingüística Aplicada* 34, UNICAMP: Campinas, S. P., 1999, pp. 93-100.

transbordamento e do *double bind* reaparecem sempre de modo muito específico para mostrar as diferenças e semelhanças entre as línguas envolvidas na tradução, a partir da problemática da tradução do nome próprio.

Bennington (1991) comenta que o nome próprio deveria garantir *uma passagem segura entre linguagem e mundo na medida em que deveria indicar um indivíduo concreto, sem ambigüidade, sem ser necessário passar pelos circuitos da significação* (p.80). E, ao discutir a questão da tradução do nome próprio que *pertence sem pertencer* à língua (cf. p. 122), Bennington afirma:

São necessários nomes próprios a uma língua que não os suporta enquanto tais, mas que no entanto os retém tão ciosamente a ponto de recusar que eles se deixem traduzir para outra língua. Com isso afirma-se, primeiramente, que se esteve errado em falar até então da língua ao passo que se está de cara diante de uma multiplicidade de línguas em situação de tradução recíproca: mas o que cada língua guarda de mais próprio, e portanto de intraduzível, são justamente os nomes próprios que nem mesmo lhe pertencem enquanto tais, e que portanto devem parecer muito simplesmente dispensar tradução, encontrando-se já em um domínio de universalidade de referência absoluta. O que equivaleria a pretender que o absolutamente intraduzível é absolutamente traduzível, ou sempre já traduzido. (p. 122)

Reproduzo um trecho do final da obra de Guimarães Rosa⁸.

Tinha de ser Zé Bebelo. para isso. Só Zé Bebelo, mesmo, para meu destino começar de salvar. Porque o bilhete era para o Compadre meu Quelemém de Góis, na Jijujã Vereda do Buriti Pardo. Mais digo? O senhor vá lá. No tempo de maio, quando o algodão lãla. Tudo o branquinho. Algodão é o que ele mais planta, de todas as modernas qualidades: o rasga-letras, biból, e mussulim. O senhor vai ver pessoa de tal rareza, como perto dêle todo-o-mundo para sossegado, e sorridente, bondoso... Até com o Vupes lá topei.

Compadre meu Quelemém me hospedou, deixou meu contar minha história inteira. Como vi que ele me olhava com aquela enorme paciência – calma de que

⁸ Reproduzo aqui o mesmo trecho, traduzido para o espanhol por Angel Crespo, que utilizei na conferência de Havana: *Tenía que ser Zé Bebelo, para aquello. Sólo Zé Bebelo mismo, para mi destino comenzar a salvar. Porque el billete era para mi compadre Quelemén de Góis, en el Jijuján: Vereda del Buriti Pardo. ¿Digo más? Vaya usted allá. En el tiempo de mayo, cuando el algodón lanalá. Todo lo blanquito. Algodón el lo que más planta él, de todas las modernas cualidades: el rasga-cartas, bibol, y musulín. Usted va a ver persona de tal rareza, que cerca de él, todo el mundo se queda sosegado, y sonriente, bondoso... Hasta con elVupes me topé allá.*

Mi compadre Quelemén me esperó, dejó mi contar mi historia entera. Como vi que él me miraba con aquella enorme paciencia: calma para que mi dolor pasase; y que podía esperar muy largo tiempo. Viendo lo que, sentí vergüenza, asaz. (p. 453)

minha dôr passasse; e que podia esperar muito longo tempo. O que vendo, tive vergonha, assaz. (p. 460)

Nur einer wie Zé Bebelo konnte so etwas tun. Nur Zé Bebelo konnte meinem Schicksal eine neue Richtung geben. Denn die Botschaft war an meinen neuen Padrinho Quelemém de Góis gerichtet, in Jijujã, Vereda do Buriti Pardo. Müß_ ich mehr sagen? Gehen Sie hin. Im Mai, wenn die Baumwolle reift. Alles schneeweiß_ . Baumwolle pflanzt er am meisten, all die neuen Sorten: Rasga-Letras, Musselin, Biból. Sie werden einen sehr eigentümlichen Menschen finden, in seiner Nähe wird jedermann ruhig, gütig, strahlend... Dort lief ich sogar Vupes über den Weg.

Mein Padrinho Quelemém nahm mich auf und hörte sich meine ganze Geschichte an. Ich sah, mit welcher Geduld er mich anblickte, mit welcher Ruhe er abwartete, bis mein Schmerz sich legte, ich sah, dab_ er noch viel länger warten konnte. Als ich das sah, war ich beschämt. (p. 550)

Podemos dizer que estas palavras destacadas agora fazem parte do alemão? Podemos simplesmente dizer que elas são palavras em português no texto em alemão? Elas foram absorvidas – enxertadas – no texto em alemão, transformadas até certo ponto para o idioma alemão. Estas palavras levantam sempre uma polémica: a tradução de nomes próprios. Neste trecho temos: *Zé Bebelo*, *Jijujã*, *Vereda(e) do Buriti Pardo*, *Rasga-Letras*, *biból* e *Vupes*, em português no texto em alemão, não houve nenhuma mudança; ou seja, permanecem as mesmas formas linguísticas nas duas línguas. Podemos nos perguntar: que tipo de tradução houve? Entretanto, no caso da transformação de *Compadre meu Quelemén de Góis*, do português, para *Padrinho Quelemén de Góis*, em alemão, há uma mudança: a de *Compadre* para *Padrinho*. Vejamos; *padrinho* é assim definido no glossário⁹ no final do livro: *Taufpate, Pate, Gevatter, wahlverwandtschaftliche Beziehung, freundschaftlicher Beschützer (padrinho, compadre, relação de parentesco, protetor amigável)*. Em português temos o seguinte significado dicionarizado para *padrinho*: *testemunha de batismo, casamento, duelo, etc.*, e para *compadre*: *padrinho de um neófito em relação aos pais, e pai do neófito em relação aos padrinhos. Amigo – companheiro*. O tradutor alemão coloca *padrinho* no lugar de *compadre* fazendo um movimento de tradução recíproca garantido pelo

⁹ São as seguintes as palavras que compõem o glossário no final da edição em alemão: *Alqueira, Arroba, Bugre, Caatinga, Cabocio, Caipira, Catrumano, Cabocio d'Água, Cabra, Cachaça, Campos Gerais, Cangaceiro, Capanga, Casa Grande, Conto (de Réis), Delegado, Dona, Fazenda, Fazendeiro, Farofa, Gerais, Gravatá, Jacaré, Jacuba, Jagunço, Jagunçada, Jagunçagem, Januária, João-Congo, Lêgua, Liso, Mato, Matuto, Milréis, Mutuca, Padrinho, Picada, Pinga, Piranha, Quintal, Rancho, Ranchinho, Rapadura, Raso, Réis, Rio, Saci, Rio do Chico, Senhor, Seo, Seò, Seu, Sio, Serra, Sertanejo, Sertão, Sítio, Traira, Vereda, Zebu* (pp. 553-555).

deslocamento do sentido de *compadre*. Sua definição de *padrinho* inclui também o sentido de *compadre*, desfazendo, em alemão, a distinção existente entre as duas palavras no português. Desse modo, o tradutor interfere no próprio texto de Guimarães Rosa, uma vez que o leitor da tradução pode deduzir que a palavra *padrinho* pertence, como as outras destacadas, ao texto em português.

Esses nomes mantidos em português dão a impressão de serem decalques – implantes – de uma língua na outra transformando e produzindo um especial efeito de sentido. Isso mostra que *há língua*, como tenho insistido, e dá uma idéia de como o *double bind* – o traduzível e intraduzível – joga com a transformação do nome próprio em nome comum. Derrida (1982), após analisar a questão do mito da torre de Babel, da tradução do nome Babel e do nome de Deus, comenta:

[...] eu diria que todo nome próprio é constituído deste desejo: traduza-me e não me traduza [double bind]. Não me traduza, isto é, respeite-me como nome próprio, respeite minha lei de nome próprio que está acima de todas as línguas e traduza-me, isto é, compreenda-me, conserve-me na língua universal, siga minha lei, etc. (p. 137)

A tradução do nome próprio traz a questão do *double bind*: traduzir e ao mesmo tempo não traduzir, como o fez Curt Meyer-Clason. O texto alemão está contaminado pelo português e vice-versa. As palavras que o tradutor deixa flutuar no texto em alemão são uma encenação do *double bind* permitindo, assim, a fusão das duas línguas. Essa encenação do *double bind*, na tradução do *Grande Sertão: Veredas* para o alemão, é notável.

Através da análise destas traduções procurei mostrar o transbordamento e a multiplicidade de línguas que está por detrás de toda tradução recíproca permitida pelo *double bind*. Esse acontecimento não é uma característica destas traduções, há uma enormidade destes exemplos em muitas outras obras da literatura universal, diria até em todas as traduções. O que fica como uma discussão posterior, e que aqui só iniciei, é a questão das teorias de tradução. Ou seja, até que ponto estas teorias, na tentativa de estabelecer certos parâmetros que direcionem as oposições entre as línguas, estão procurando entender o transbordamento e a multiplicidade de línguas que ocorre em toda tradução? Nesse caso, a linha divisória imaginária entre uma abordagem estrutural e formal e uma pós-estruturalista deve ser questionada. A dimensão desconstrutivista, ao evidenciar a questão da língua, como vimos em Derrida, procura instalar um outro lugar de reflexão: o do *double bind*. Desse modo, as duas abordagens teóricas antagônicas, que expus no início, procuraram responder de maneiras diferentes às questões, que há dois mil anos, segundo Steiner, são discutidas. Devemos refletir também numa outra direção: se as línguas se misturam, transbordam uma na outra, se há impurezas e se numa língua há outros sistemas lingüísticos, outras

línguas, como atingir a fidelidade? Qual é a correlação privilegiada entre uma língua A (de partida) e uma língua B (a de chegada)? Na teoria da recriação ou criação paralela de Augusto e Haroldo de Campos, a tradução de fragmentos de *Finnegans Wake*, mesmo pretendendo garantir a fidelidade com a forma, com a tradução do próprio signo, é traída pelo *double bind*, tendo que produzir um movimento permanente de recriação. Para os tradutores de *Glas*, o relacionamento entre o francês e o inglês e suas proximidades são identificadas em detalhes minuciosos de língua que produzem um jogo – um implante – harmonioso de reciprocidade entre os dois idiomas. As palavras em português do *Grande Sertão: Veredas* recolocadas no texto em alemão produzem um efeito de decalque, passam a ter um papel importante na fusão – no enxerto – de uma língua na outra. Assim podemos afirmar que na tradução recíproca não há somente duas línguas envolvidas, que não há nunca duas línguas, o que há são suas multiplicidades. As fronteiras imaginárias entre as línguas são apenas regras de um jogo, para que se possa refletir sobre tradução e para que o tradutor possa encenar o paradoxo *double bind*, a existência das várias línguas nas línguas envolvidas na tradução.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, A. (1989) - *Translation and the Nature of Philosophy - A New Theory of Words*. London, New York: Routledge.
- BENNINGTON, G & DERRIDA, J. (1991) - *Jacques Derrida*. Paris: Éditions du Seuil (*Jacques Derrida*, tradução para o português de Anamaria Skinner, Jorge Zahar Editor Ltda, Rio de Janeiro, 1996).
- CAMPOS, A. de; CAMPOS, H. de (1971) - *Panaroma do Finnegans Wake*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A.
- CAMPOS, H. de; (1967) - Da Tradução como Criação e como Crítica *In Metalinguagem*, Petrópolis, Editora Vozes, pp. 21-38.
- (1971) - "Panaroma em Português" in *Panaroma do Finnegans Wake*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., pp. 21-25.
- DERRIDA, J. (1972) - *Positions*. Paris: Editions de Minuit (*Posições*, tradução para o português de Maria Margarida Correia Calvente Barahona, Plátano Editora, Lisboa, 1975)
- (1974) - *Glas*, Paris, Éditions Galilée - reedição em 1995. Edição em dois volumes pela editora Denoël/Gonthier, 1981 (*Glas*, tradução para o inglês de John P. Leavey Jr. e Richard Rand, University of Nebraska Press, 1986).
- (1982) - *L'Oreille de L'Autre*. Montréal: VLB Éditeur.
- (1985) - Des Tours de Babel *In Difference in Translation* (Ed. Joseph F. Graham) Cornell University Press, pp. 209 -248.
- (1987) - *Ulisses Gramophone - deux mots pour Joyce*. Paris: Galilée ("Duas palavras por Joyce", tradução para o português de Regina Gisse de Agostino in *Riverrum - Ensaios sobre James Joyce*, Arthur Nestrovski (org.) Ed. Imago, Rio de Janeiro 1992, pp. 17-39).
- (1939) - *Finnegans Wake*. London: Faber and Faber Ltd. New York: The Viking Press.
- LEAVEY Jr., J. P. (1986) - *Glossary*. University of Nebraska Press.
- (1978) - Restitutions - Of Truth to Size, De la vérité en peinture. *In Research in Phenomenology*, New Jersey, Humanities Press Inc., volume VIII, pp. 1 - 44.
- KAMUF, P. (1991) - *A Derrida Reader - between the blinds* (ed. Peggy Kamuf). New York: Columbia University Press.
- KOFMAN, S. (1984) - Ça Cloche. *In Lectures de Derrida*. Paris: Editions Galilée, pp. 113-151.
- MOUNIN, G. (1963) - *Les Problèmes Théoriques de la Traduction*. Paris: Editions Gallimard (*Os Problemas Teóricos da Tradução*, tradução para o português de Heloysa de Lima Dantas, Ed. Cultrix, S.P. 1975).

- OTTONI, P. R. (1997) - Compreensão e Interpretação no ato de traduzir: reflexões sobre o enunciado e a significação. *Lusorama - Zeitschrift für Lusitanistik* 32. Berlim, Março de 1997, pp. 19 - 27.
- ROSA, J.G. (1956) - *Grande Sertão: Veredas* (4ª edição - 1965) Rio de Janeiro, José Olímpio Editora, (*Grande Sertão*, tradução para o alemão de Curt Meyer-Clason, Kiepenheuer & Witsch, Colônia e Berlim, 1964), (*Gran Sertón: Veredas*, tradução para o espanhol de Angel Crespo, Biblioteca Formentor Seix Barral, 1975).
- SPERBER, S. F. (1982) - *Guimarães Rosa: Signo e Sentimento*. São Paulo: Editora Ática.
- STEINER, G. (1975) - *After Babel - Aspects of language & translation*. New York: Oxford University Press (segunda edição, 1992).
- TOYOSAKI, K. (1981) - Traduction et/ou citation. In *Les Fins de l'homme - A partir du travail de Jacques Derrida*. Colloque de Cerisy-la-Salle, Lacoue-Labarthe, Ph. e Nancy, J-L. (orgs). Paris: Galilée, pp. 245 -253.

DATE: ΠΡΟΛΟΓΟΣ
ΑΝΤΕ ΔΟΜΤΟΔΟ
ΔΕΡΜΑΤΟΛΟΓΙΚΟ
C TRANSMITTΙΔΟΣ
ΧΙΑ ΔΕ ΧΟΜΙΤΕC
ΧΟΝΤΑΧΤΟΧΟΜ
Ο ΜΑ ΔΕΔΙΧΑΟ
ΟΜΠΛΕΜΕΝΤΟ
ΟΡ ΧΟΜΠΡΕΝΟ
ΟΝΤΑΥ Τ. ΑΝΟΣ.

ΟΦΕCΣΟΡ ΔΟΥΤΟΡ
ΔΟΛΑΒΟΡΑΤΡΙΟΔΕ
ΤΙΡΝΟCΙΑ ΤΟΜΑΡ
ΔΕCΕΛΙΜΠΕCΔΟ
ΔΕCΕΝΟΛΕΡΕΝ



CRÍTICA/RECENSÕES

ALMEIDA, PALMIRA MORAIS ROCHA DE (2000),
Tradutores Portugueses de Anatole France de 1889 a 1940,
Lisboa: Edições Colibri

CARLOS CASTILHO PAIS

É esta uma obra que, inscrevendo-se nos Estudos Literários, deve agrupar-se naquele conjunto de ensaios que estudam a recepção portuguesa de obras de escritores estrangeiros. Ao debruçar-se sobre as traduções e os tradutores, este tipo de obras e, em geral, as obras da Estética da Recepção interessam aos Estudos de Tradução, sobretudo porque estes dão os primeiros passos entre nós. Deste modo, se, por um lado, a recensão desta obra se encontra plenamente justificada numa revista sobre tradução, por outro lado, ela deve ser compreendida em função da revista que a recebe. Assim, damos conta dos factos apresentados, relevantes para os Estudos de Tradução, ora questionando, ora salientando o interesse por alguns dados, deixando em silêncio aspectos que apenas dizem respeito aos Estudos Literários.

A autora investigou a recepção literária de Anatole France em Portugal durante o período que decorre entre 1889 e 1940 na sua dissertação de doutoramento. A obra que agora publica constitui, portanto, e como esclarece a autora, apenas uma parte de "uma mais vasta visão sobre a recepção de Anatole France em Portugal". Assim, a obra começa por apresentar-nos as obras traduzidas em finais do século XIX e início do século XX, publicadas na imprensa periódica e, geralmente, sem a indicação do nome do tradutor, prosseguindo, então, a ordenação dos capítulos segundo aquilo que o título da obra anuncia, pelos nomes dos tradutores.

De Oldemiro César (1884-1953), o primeiro tradutor conhecido da obra de Anatole France, a Paulo Braga (1905-1960), passando por Moraes Rosa, Justino de Montalvão, Eugénio Vieira, António Sérgio, João Keating e Jaime Cortesão, sem esquecer Henrique Lopes de Mendonça, o autor da letra do Hino Nacional português e da tradução da

peça teatral de Anatole *O Entremez da muda casada (La Comédie de celui qui épousa une femme muette)*, constatamos, em primeiro lugar, que a obra do escritor francês é estimada pelos intelectuais portugueses do princípio do século, resultando daí a dispersão da obra traduzida para português por alguns dos nomes mais ilustres da primeira metade do nosso século XX; em segundo lugar, não podemos, em boa verdade, no conjunto dos nomes, eleger, quer pela quantidade quer pela qualidade das traduções, *o tradutor de Anatole France*.

Não se contam mais do que duas obras traduzidas para qualquer dos tradutores mencionados, quedando-se a maior parte deles por apenas uma obra traduzida, conclusão a que chegamos após a leitura das informações que a autora nos fornece, que compreendem, para além dos dados biográficos sobre o tradutor, algumas referências à situação do original e às circunstâncias do surgimento da tradução. Quase a terminar cada capítulo, são apresentados pequenos trechos comparativos do original/tradução, faltando estes apenas no capítulo que estuda a obra do tradutor João Keating (*Pedrinho*).

Apesar do que se disse há pouco, é evidente o interesse pela obra do Prémio Nobel da Literatura do ano de 1921 por parte dos homens da *Seara Nova*, destacando-se aí o nome de António Sérgio, embora não se lhe conheça mais do que uma obra traduzida (*A Vida em Flor*), quando Jaime Cortesão é o tradutor de duas (*Jocasta e o Gato Magro, O Crime de Silvestre Bonnard*). No entanto, pertencem a António Sérgio os esforços que deveriam conduzir à tradução da obra completa de Anatole France para a língua portuguesa, projecto que incluiria o seu amigo Raul Proença – várias vezes trocado por Raul Brandão, perdoe-se a gralha. Com razão, utilizou a autora a correspondência entre António Sérgio e Raul Proença (António Sérgio, *Correspondência para Raul Proença*, Lisboa: Publicações Dom Quixote/Biblioteca Nacional, 1987), permitindo antever, através das citações apresentadas, aquilo a que o investigador dos Estudos de Tradução há-de chamar um *projecto de tradução*. Ficamos a saber, em citação oportuna e bem escolhida, que António Sérgio não entrega a tradução a curiosos, recomendando aos editores os “verdadeiros escritores” para tradutores do seu projecto.

Acentuamos, evidentemente, o valor informativo da obra para os Estudos de Tradução, inquestionável, mas não devemos deixar de referir certos aspectos que merecem alguns reparos, que se devem mais à estrutura paradigmática em que a obra se inscreve, como ficou dito logo no início, do que a qualquer falha que deva ser apontada à autora.

Um estudo sincrónico como este, a possuir *a tradução* no posto de comando, o que não é manifestamente o caso, deveria apontar os modos de traduzir da época, a teoria ou as teorias em confronto e as idiossincrasias dos tradutores. Num trajecto destes contariam as obras traduzidas, como não poderia deixar de ser. E quando fosse possível, quando existissem, deveriam juntar-se-lhes outras traduções, elaboradas pelo mesmo ou por outros tradutores, e outros textos da

obra autónoma dos tradutores. Assim, a análise comparativa do texto traduzido com o texto original tomaria uma outra dimensão, que não é aquela que encontramos aqui. O resultado da análise comparativa que Palmira Rocha de Almeida apresenta reduz-se, quase sempre invariavelmente, a uma qualificação de 'excelente', 'fiel', 'exacta' da tradução, quando, nos exemplos que fornece, constata existirem até omissões, que fazem com que estremeça a qualificação atribuída. A análise comparativa carece de enquadramento teórico nos estudos de recepção. Em geral, o uso que dela se faz não serve para avaliar, e muito menos justificar, traduções.

Porque a grande questão é esta: devem os estudos de recepção manter o objectivo da avaliação da qualidade da tradução, como pretende a autora segundo as suas palavras de introdução à obra, procedendo, "à recolha de todas as traduções de textos anatolianos publicados em Portugal, efectuando a análise comparativa com os originais, por forma a aquilatar da sua qualidade"? Estes e outros resultados que conheço não são convincentes. Neste ponto, alguma coisa os estudos de recepção literária terão a aprender com os Estudos de Tradução. Todavia, não esqueçamos que o estudo de Palmira Rocha de Almeida sobre a recepção literária de Anatole France em Portugal não se restringe à obra agora publicada. Só esta esteve aqui em análise.

SÁNCHEZ TRIGO, ELENA; DIAZ FOUCES, OSCAR (COORDS.) (2000), *Traducción & Comunicación, Vigo: Servicio de Publicacións da Universidade de Vigo*, vol. 1

VIVINA DE CAMPOS FIGUEIREDO

Este volume – o primeiro de uma série que promete continuidade – reúne um conjunto de conferências que foram sendo proferidas na Universidade de Vigo, em ciclos dedicados precisamente ao tema “Tradução e Comunicação”, com início no ano lectivo de 1997-1998.

Os seis artigos aqui contidos repartem-se pelos seguintes campos da vasta área dos Estudos de Tradução: dois reflectem sobre História da Tradução, cada um a seu modo: um trazendo à memória um ilustre tradutor e mediador entre culturas, outro fazendo a resenha histórica dos ‘intérpretes jurados’; outros dois ensaios reflectem sobre a actividade concreta dos tradutores e as elevadas responsabilidades que lhes recaem nos ombros; um artigo toma em punho um polémico mas incontornável conceito da Teoria da Tradução e um outro é um testemunho em primeira pessoa do esforço envolvido no exercício concreto da tradução. O que a seguir se oferece constitui meramente o levantar a ponta do véu sobre os conteúdos de cada um deles, pela ordem em que aparecem.

A abrir a colectânea, Oscar Diaz Fouces debruça-se sobre uma importante e multifacetada figura das letras catalãs – Ignasi de Loyola Ribera i Rovira (1880 – 1942). Jornalista, poeta, conferencista, escritor, professor, tradutor e, transversalmente a todas estas actividades, uma **ponte**, como diz o Autor, entre a Catalunha e Portugal. Circunstâncias profissionais do pai o trouxeram a Portugal, onde muito jovem se tornou colaborador de publicações portuguesas. Em 1905 proferiu as primeiras conferências no *Ateneu Barcelonès* sobre Literatura e Arte em Portugal. Instituiu uma Cadeira Popular de Língua e Geografia Colonial Portuguesa nos *Estudis Universitaris Catalans* e

uma Cadeira de Língua e História Portuguesa no *Ateneu*. Outra forma de apresentar os escritores portugueses na Catalunha foi a da tradução que exerceu nos três modos literários: narrativa, lírica e drama. Ribera i Rovira é, portanto, uma figura a descobrir ou a redescobrir, sobretudo por nós, leitores portugueses, e este artigo tão fundamentado e tão agradável de ler pode bem ser um bom começo.

Joan Fontcuberta i Gel é o autor do artigo intitulado "Traducción y contacto entre lenguas". Tradutor e Professor de Tradução na Universidade Autónoma de Barcelona, o Autor centra a sua reflexão no elemento mais importante do processo de comunicação que é a tradução, i. e., o próprio **tradutor**, porque ele é o ponto de contacto entre duas línguas. O tradutor deve, como se afirma, cumprir dois requisitos-chave para assegurar um bom exercício da tradução: uma boa **compreensão** da língua da qual traduz e uma boa **expressão** da língua para a qual traduz, sendo neste último aspecto que o Autor mais se debruça, levantando questões fundamentais, como, por exemplo, a interferência da segunda língua na primeira e a interferência de uma terceira língua em situações de "bilinguismo diglósico". Ao mesmo tempo expendendo muitos e valiosos conselhos a quem exerce ou venha a exercer a tradução. Tudo isto num estilo pontuado por um fino sentido de humor.

Zinaida Lvovskaya, da Universidade de Las Palmas, assina o ensaio "La situación comunicativa como universal de la comunicación verbal", onde trata, nas suas próprias palavras, "de sistematizar los conocimientos sobre el tema, destacando a la vez el carácter universal de esta categoría comunicativa." (p. 51) Neste texto muito instrutivo, a Autora parte da tese de que a **situação comunicativa motiva, determina e actualiza** o sentido do texto para os agentes envolvidos na comunicação monolíngue ou intracultural - o autor e o destinatário. E visa demonstrar - do meu ponto de vista, sem deixar lugar a dúvidas - que o mesmo acontece na comunicação bilingue ou intercultural, i. e., a situação comunicativa também **motiva, determina e actualiza** a actividade do tradutor. Neste caso, e se compararmos com a actividade do destinatário do Texto Original na comunicação intracultural, a actividade do tradutor é acrescida em duas medidas, nas duas fases da sua actividade: na fase interpretativa, a investigação que o tradutor tem de levar a cabo recai sobre o máximo possível de informação situacional do TO; na fase de elaboração do TM (expressão), a investigação recai sobre as não coincidências entre duas culturas que sejam relevantes numa dada situação (cf. p. 63). Obviamente, esta responsabilidade acrescida do tradutor deve-se à natureza da sua própria profissão. Este é um aspecto - o da profissionalização dos tradutores, e agarrado a este, o do profissionalismo - em que nós, leitores portugueses, devemos reflectir por se tratar de um aspecto que deveria convocar as atenções de várias instâncias e comprometé-las...

A "Historia de los intérpretes jurados" é isso mesmo que o título desvela: Josep Peñarroja Fa, da Associació de Traductors i D'Intèrprets Jurats de Catalunya, faz aqui a história desta figura – em Espanha designada por Intérprete Jurado e nos países ibero-americanos por Tradutor Público – desde o aparecimento da primeira norma a reger os **intérpretes** ou **linguas**, que data de 1529, até ao momento presente. Todas as instruções e legislações que abrangem deveres, obrigações, serviços, honorários, etc. relativos a esta figura, em Espanha, se encontram aqui mencionadas e fundamentadas com transcrições dos respectivos decretos.

O artigo que Elena Sánchez Trigo consagra às **unidades de tradução**, intitulado "Las denominadas unidades de traducción: evolución del concepto y nuevos enfoques", revela-se muito útil por proceder a uma sistematização de abordagens ao conceito provenientes de vários quadrantes teóricos – desde, num extremo do espectro, a primeira perspectiva, tendencialmente linguística, com preocupações de cientificidade, mas bastante redutora, ao outro extremo, que é o da superabrangente medida da cultura como unidade de tradução, que de tão abarcante acaba por não ter utilidade nos estudos concretos do processo de tradução ou de análise do mesmo. Ao mesmo tempo, a Autora propõe uma classificação das unidades de tradução e comenta-as criticamente, apontando ainda novos desenvolvimentos para um conceito que já sendo um clássico na Teoria da Tradução se presta a novas abordagens à medida que a disciplina evolui. O objectivo deste estudo é claramente exposto na introdução – chegar a conclusões sobre a **utilidade** do referido conceito, nas suas múltiplas acepções, em três importantes instâncias: para ajudarem à compreensão do processo de tradução e para franquearem estratégias válidas quer para o exercício quer para a didáctica da tradução. Sendo este um conceito incontornável nos estudos de tradução, este ensaio, pelos objectivos que o motivaram, pelas questões que levanta e pelas características de clareza e sistematização de ideias que apresenta, institui-se certamente como leitura imprescindível – para mim foi-o, sem dúvida. Além do mais, há ainda uma extensa lista de referências bibliográficas a não perder.

O artigo que encerra o volume é da autoria de Julia Sevilla Muñoz e, como o título indica – "El proceso traductológico de la obra de Jean Maillot *La traduction scientifique et technique* en español" – faz a história de todo o percurso calcorreado pela Autora durante o processo de tradução de uma obra de referência sobre a 'tradução científico-técnica'. A sua leitura dá-nos uma ideia bastante expressiva de como é particularmente trabalhosa a tradução científico-técnica quando é empreendida com rigor e seriedade. Ao mesmo tempo, a Autora também afirma, numa expressão de humildade que todos os tradutores certamente compartilham, a precaridade do referido esforço, que é própria da natureza do ofício.

**SABIO PINILLA, JOSÉ ANTONIO; FERNÁNDEZ SÁNCHEZ,
MARÍA MANUELA (1998),**

*O Discurso sobre a Tradução em Portugal: o proveito,
o ensino e a crítica: antologia (C. 1429-1818), Lisboa: Colibri*

CARLOS CASTILHO PAIS

Antes de iniciar a recensão propriamente dita, um breve comentário sobre aquilo que o leitor já constatou: trata-se de um título em português de autores espanhóis. Desculpar-me-á também o leitor se, por acaso, achar que o autor desta recensão deveria observar maior distanciamento ao descrever o contexto português.

Esta obra é fruto do trabalho de pesquisa de dois investigadores espanhóis sobre a tradução em Portugal. Hoje, a Espanha pode orgulhar-se de possuir investigadores em praticamente todos os campos dos Estudos de Tradução. Defendi e defendo que a disciplina ganhará muito não só com o cruzamento entre pesquisas efectuadas no quadro das várias línguas peninsulares, mas também com o intercâmbio de investigadores. Acalento a ideia de que um dia se possa falar da história da tradução peninsular, referindo por aí a visão de conjunto por todos nós arquitectada sobre a tradução efectuada ao longo da História na Península Ibérica. Felizmente, a Espanha conta com alguns investigadores que se interessam pela tradução portuguesa. Tenho lamentado que nas várias antologias de textos histórico-teóricos, de que a Espanha é pródiga, o nome português seja tão raro ou inexistente. É, pois, do maior interesse que se saiba que esta obra existe. Embora não tendo sido escrita em castelhano, esta obra, mesmo no quadro espanhol, vem colmatar uma lacuna. Deve colocar-se ao lado das antologias existentes e dela partirão, seguramente, alguns dos textos que figurarão numa futura e hipotética antologia peninsular.

A obra foi publicada em Portugal. Digo: ainda bem. Porque vem enriquecer a nossa escassíssima bibliografia sobre a tradução. Mas sobretudo por duas razões maiores: primeiro, porque vem revelar, neste campo, aos próprios

portugueses muitos dos nomes do seu património histórico-cultural, hoje praticamente ignorados; segundo, porque, partindo dessa revelação e do facto em si, pode vir a despertar o interesse, de um modo geral, pelas coisas da tradução, e, de um modo particular, pelas da investigação histórica sobre a tradução. E bem necessitados nos encontramos. Ainda com raríssimas Licenciaturas no Ensino Superior, com raríssimos investigadores, alguns deles ainda em período de formação em Espanha, tudo corre demasiado lento em Portugal em comparação com o que se passa em Espanha. Ao contrário, o nosso campo editorial é dos que se apresenta com mais traduções, o que quer dizer que os nossos tradutores traduzem e muitos deles até nos orgulham com os seus trabalhos reflexivos sobre a tradução.

Fruto de uma pesquisa sobre a tradução portuguesa desde o início da Língua Portuguesa até aos princípios do século XIX, os autores apresentam, por um lado, um conjunto de textos escritos por tradutores (antologia) e, por outro, um conjunto de reflexões, que enquadram histórica e culturalmente esses mesmos textos. Com razão apelidaram a todo o conjunto de DISCURSO SOBRE A TRADUÇÃO EM PORTUGAL. A obra conjuga a apresentação das fontes encontradas com o estudo sobre as mesmas fontes. Dai resulta que se oferece ao leitor não só uma ideia sobre o DISCURSO, mas também a possibilidade de ele próprio forjar nova ideia e de a confrontar com a que está expressa. (Para que não restassem dúvidas, os autores vão ao ponto de convidar "o leitor a fazer este percurso pela história portuguesa da tradução e a tirar as suas próprias conclusões", p. 20). Além disto, este DISCURSO, quase exclusivo de tradutores, pode ainda servir para a elaboração do repertório sobre as traduções realizadas durante a época considerada, confrontando-o, como não poderá deixar de ser, com o trabalho bibliográfico realizado e publicado por Gonçalves Rodrigues.

Os textos antologados são apresentados segundo a ordem cronológica da sua publicação ou elaboração dentro dos grupos temáticos em que figuram: **textos preliminares, textos normativos e textos críticos**. Dentro de cada grupo temático pode, por conseguinte, ler-se um percurso histórico do discurso sobre a tradução, mais visível nos textos preliminares, por ser aquele que agrupa a maioria dos textos apresentados, trinta e quatro num total de quarenta e quatro textos. Nos outros dois agrupam-se dez textos, sete dentro dos textos normativos e três dentro dos textos críticos. Constata-se que os textos deste último grupo datam dos séculos XVII e XVIII, com excepção do texto de Sebastião José Guedes e Albuquerque, único texto que faz entrar a antologia no século XIX e que é uma tradução do francês. Quanto aos textos normativos, existem em todos os séculos, e, assim como os do grupo anterior, os seus autores não se distinguiram pela actividade tradutora. É sobre os textos do primeiro grupo, oriundos de tradutores, que iremos demorar-nos um pouco mais.

Abre a antologia um extracto do prefácio do *Livro do Solilóquio de Sancto Agostinho*, de tradutor anónimo do século XV, monge do Mosteiro de Alcobaça, a fazer lembrar o papel desempenhado pelos mosteiros portugueses durante a Idade Média, nomeadamente o de Santa Cruz de Coimbra e o de Alcobaça, na cultura portuguesa. Logo aí se encontra expresso aquilo que será uma constante dos primeiros séculos da tradução portuguesa: apesar do português ser ainda uma língua em construção, traduz-se porque o latim já não se entende, tornando assim acessível o conjunto das obras 'santas' e 'virtuosas'.

Ainda durante o século XV, o percurso histórico ficaria incompleto se, a par da actividade dos *scriptoria* dos mosteiros, não fosse lembrada a actividade da Corte de Avis. Ela não foi esquecida, figurando na antologia alguns dos seus mais altos representantes, desde o rei D. Duarte ao Infante D. Pedro, embora o primeiro tenha sido remetido, com justa razão, para o grupo dos textos normativos. Os autores não deixam de assinalar o intercâmbio entre a Corte de Avis e os mosteiros, bem como a especificidade do trabalho da Corte. A tradução dos clássicos é, sem dúvida, um dos seus maiores traços distintivos, obedecendo, de resto, a uma visão que lhes é própria, a que os autores apelidam de "exposição didáctica", onde tanto as traduções como as não-traduições são obras 'virtuosas'.

O percurso da tradução é também o percurso da língua. O século XVI português é rico pelas reflexões sobre a língua, pelo surgir da cultura humanista e pelas transformações técnicas, para não falar do impacte que as descobertas marítimas originaram em todos os domínios. O século XVI português é o século da *tradução oral* - vasto campo de pesquisa que nunca esteve no âmbito das investigações dos autores. Registe-se o lugar de destaque que os autores atribuem a Valentim Fernandes, impressor, tradutor e intérprete de D. João II. A *Vita Christi*, uma das primeiras obras da imprensa portuguesa, embora a sua tradução tenha sido realizada muito antes da instauração da imprensa em Portugal, não foi esquecida. É através do prefácio do impressor, Valentim Fernandes, que ficamos a saber que, no início do século, existe já uma língua moderna, diferente do "falar antigo", no qual se encontrava escrita a tradução, caracterizado pelas suas palavras mais parecerem "galegas que portuguesas".

Muito mais haveria a dizer, mas uma recensão é necessariamente curta. Apenas um breve apontamento sobre os séculos XVII e XVIII, para dizer que considero serem dos mais pobres de toda a história da tradução portuguesa, e mais o século XVII do que o século XVIII. Mesmo assim, devo alertar o leitor para a profundidade dos textos de Custódio José de Oliveira e do padre António Pereira de Figueiredo, o tradutor da Vulgata para português, dignos de puderem figurar em qualquer antologia de textos peninsulares sobre a tradução.

Não devo terminar sem referir quanto a cultura portuguesa fica em débito para com os autores desta obra. A nós de a divulgar e de lhe seguir os passos.

ちかはおて
かそかねなかくてえ
せうえまきつかくうて
うえおかてはきはきお
おつはおてねてこ
うすかはつせか

PROJECTOS/NOTÍCIAS

LICENCIATURA EM ESTUDOS DE TRADUÇÃO NA UNIVERSIDADE ABERTA

A Licenciatura em Estudos de Tradução é um Curso Formal da Universidade Aberta e será ministrado aplicando-se a metodologia do ensino a distância. Como acontece com outras Licenciaturas, também esta se apresenta com várias variantes, permitindo a possibilidade de escolha em função de agrupamentos de línguas e, por conseguinte, o aprofundamento da aprendizagem de competências determinadas.

Este curso confere o grau de Licenciado em Estudos de Tradução numa das seguintes variantes: inglês/português, francês/português, alemão/português, espanhol/português.

Público-alvo

O público-alvo deste curso é constituído, por um lado, por todos aqueles cidadãos que já se encontram no mercado de trabalho da tradução sem, no entanto, possuírem uma qualificação de nível universitário; por outro lado, por aqueles que desejam entrar no mercado de trabalho da indústria das línguas, fazendo valer a formação que este curso lhes pode proporcionar. Este curso destina-se também a um público, embora minoritário, com apetência para a investigação e o ensino, em particular, nas áreas da tradução, das línguas estrangeiras, da língua portuguesa e, em geral, na área das Ciências Humanas.

Condições de Acesso

Aplicam-se, para este curso, as *condições gerais de acesso* exigidas para a frequência dos Cursos de Licenciatura da Universidade Aberta.

Objectivos e valia científica e pedagógica do curso

Segundo dados estatísticos da responsabilidade da A. P. E. L., em Portugal, cerca de sessenta por cento dos títulos publicados anualmente são traduções, sem contar os livros escolares. Por outro lado, a realidade da globalização e a realidade europeia, nas quais o país está inserido, vêm solicitando profissionais competentes e capazes de realizarem tarefas que possuem por objectivo fazer que o sentido expresso em determinada língua, uma vez traduzido, seja compreendido pelos falantes de outra língua.

Contrariamente ao que acontece noutros países europeus, a rede pública das Universidades Portuguesas não respondeu ainda a estas novas realidades com uma oferta de formação específica e de duração idêntica à formação ministrada pelos Cursos de Licenciatura.

Assim, o plano de estudos do curso obedece ao propósito de oferecer um programa de formação que visa a aquisição de competências comunicativas e linguísticas, nas quais se incluem as componentes socioculturais, em duas línguas estrangeiras e na língua materna. Esta formação será completada com unidades lectivas provenientes dos Estudos de Tradução, cuja finalidade consiste em fazer compreender quer a prática da tradução actual quer a do passado, sem privilegiar um tipo específico de texto; ao invés, convoca-se a tipologia textual de modo a fornecer ao estudante um conjunto de apetrechos-base que a apetência individual e a prática profissional hão-de direccionar e aprofundar. Neste sentido deve entender-se, desde logo, o conjunto de créditos opcionais, que o estudante deve adquirir ao frequentar unidades lectivas por sua livre escolha, como dado revelador da necessidade de estabelecer um percurso de aprendizagem, com o qual o estudante iniciará a composição da sua carta de identidade de futuro profissional.

Ao nível teórico, este curso insere-se na área das Humanidades, fazendo assim subentender que a prática da tradução não é compreendida enquanto simples técnica. Para a transferência dos sentidos de uma(s) para outra(s) língua(s) são necessárias competências conhecidas e desconhecidas que, por isso mesmo, não podem ser totalmente sistematizadas e aprendidas numa formação simplesmente técnica. Optou-se, por conseguinte, por um quadro teórico que privilegia a transdisciplinaridade – indo ao encontro, de resto, dos recentes desenvolvimentos dos Estudos de Tradução –, por onde uma inscrição inicial (área das Humanidades) é enriquecida pelos dados de outros ramos do saber.

Através da prática científico-pedagógica, este curso contribuirá para a abertura de Portugal ao mundo, sem descurar a necessidade da defesa da língua e cultura portuguesas. Constituem seus objectivos específicos:

- outorgar conhecimentos e qualificação de índole universitária no ramo dos Estudos de Tradução;
- actualizar e aprofundar apetrechos teórico-práticos do ramos dos Estudos de Tradução para melhor lidar com as novas realidades internacionais em que o país está inserido;
- desenvolver capacidades e estratégias de encontro entre individuos e grupos sociais dispersos pelo mundo através daquilo que acima de tudo caracteriza o Homem – a sua linguagem.

O curso e o mercado de emprego

Este curso possibilita ao futuro Licenciado em Estudos de Tradução um leque diversificado de opções na procura de emprego. Desde logo, pode ambicionar um posto de trabalho em qualquer das categorias da profissão de tradutor. Pode legitimamente candidatar-se a uma profissão do ramo editorial como a de revisor especializado ou como a de responsável editorial. Pode, ainda, dirigir-se para o ensino das linguas e para a investigação em Estudos de Tradução.

Estrutura curricular

O curso estrutura-se em **unidades lectivas obrigatórias** – tronco comum – compreendendo duas linguas estrangeiras, unidades das áreas de Estudos de Tradução, Linguística, Sociedade e Cultura; em **unidades lectivas obrigatórias de cada variante** – integrando práticas da tradução específicas, bem como o estudo de um nível elevado da lingua, da sociedade e da cultura respectivas; e em **unidades lectivas opcionais**, que o estudante deverá escolher dentro do leque de disciplinas em leccionação na Universidade Aberta. Os créditos correspondentes às unidades lectivas opcionais podem ser obtidos por equivalência. O júri nomeado para o efeito deverá validar, por exemplo, casos em que o estudante apresente documentação que comprove ter desempenhado, durante pelo menos um ano, o cargo de tradutor em empresa de tradução, em instituição pública ou privada, ou prove possuir publicada obra traduzida que perfaça, no mínimo, as cem páginas.

Unidades lectivas obrigatórias (tronco comum)**- Total de créditos: 175**

	Duração	Créditos
Linguas Estrangeiras ⁽¹⁾		
LÍNGUA INGLESA		
Língua Inglesa I	Anual	10
Língua Inglesa II	Anual	10
Língua Inglesa III	Anual	10
LÍNGUA FRANCESA		
Língua Francesa I	Anual	10
Língua Francesa II	Anual	10
Língua Francesa III	Anual	10
LÍNGUA ALEMÃ		
Língua Alemã I	Anual	10
Língua Alemã II	Anual	10
Língua Alemã III	Anual	10
LÍNGUA ESPANHOLA		
Língua Espanhola	Anual	10
Língua Espanhola	Anual	10
Língua Espanhola	Anual	10
Linguística e Língua Portuguesa		
Introdução aos Estudos Linguísticos	Anual	10
História da Língua Portuguesa	Anual	10
Sociolinguística	Anual	10
Sintaxe e Semântica do Português	Anual	10
Sociedade e Cultura		
Sociedade e Cultura Portuguesas	Semestral	5
Sociedade e Cultura portuguesas I	Semestral	5
Sociedade e Cultura Portuguesas II	Anual	10
Introdução aos Estudos Literários	Anual	10
Introdução ao Direito	Semestral	5
Introdução à Informática	Anual	10
Introdução aos Estudos Europeus	Semestral	5
Organizações e Relações Internacionais	Semestral	5
Estudos de Tradução		
Teoria da Tradução	Anual	10
História da Tradução Portuguesa	Anual	10

⁽¹⁾ O estudante deve escolher, para além da língua da variante, uma segunda língua estrangeira. Exemplo: o estudante inscrito na Variante Inglês/Português deve inscrever-se em língua inglesa e na língua francesa, ou na língua alemã ou na língua espanhola.

Unidades lectivas obrigatórias das Variantes

- Total de créditos: 40

	Duração	Créditos
Variante Inglês/Português		
Língua Inglesa IV	Anual	10
Sociedade e Cultura Inglesas	Anual	10
Tradução Geral - Inglês/Português	Anual	10
Tradução Funcional - Inglês/Português	Semestral	5
Tradução Literária - Inglês/Português	Semestral	5
Variante Francês/Português		
Língua Francesa IV	Anual	10
Sociedade e Cultura Francesas	Anual	10
Tradução Geral - Francês/Português	Anual	10
Tradução Funcional - Francês/Português	Semestral	5
Tradução Literária - Francês/Português	Semestral	5
Variante Alemão/Português		
Língua Alemã IV	Anual	10
Sociedade e Cultura Alemãs	Anual	10
Tradução Geral - Alemão/Português	Anual	10
Tradução Funcional - Alemão/Português	Semestral	5
Tradução Literária - Alemão/Português	Semestral	5
Variante Espanhol/Português		
Língua Espanhola IV	Anual	10
Sociedade e Cultura Espanholas	Anual	10
Tradução Geral - Espanhol/Português	Anual	10
Tradução Funcional - Espanhol/Português	Semestral	5
Tradução Literária - Espanhol/Português	Semestral	5

Unidades lectivas opcionais - Total de créditos: 25

Quaisquer unidades lectivas escolhidas dentro do leque das disciplinas leccionadas na Universidade Aberta; ou, em alternativa, através de processo de equivalência, pelo menos um ano de trabalho em empresa de tradução ou instituição pública ou privada, devidamente certificado, ou, ainda, cem páginas traduzidas de obra ou obras publicadas.

I CONGRESSO IBÉRICO SOBRE TRADUÇÃO **O Ensino/Aprendizagem da Tradução**

Organizado pela Universidade Aberta, irá realizar-se nos dias 28 e 29 de Novembro 2001 o **I Congresso Ibérico sobre Tradução** que vai debater o ensino/aprendizagem da tradução. Para além da definição dos objectivos e da estrutura curricular dos cursos, este congresso irá confrontar o ensino da tradução com a diversidade linguística peninsular e o ensino da tradução das línguas menos traduzidas quer em Portugal quer em Espanha.

Objectivos

Este congresso pretende atingir os seguintes objectivos:

Gerais

- Sensibilizar para a necessidade do ensino da tradução nas universidades públicas portuguesas;
- Proporcionar maior visibilidade à prática da tradução.

Específicos

- Reflectir sobre a estrutura curricular dos cursos e a sua adequação à prática da tradução verificada quer em Portugal quer em Espanha;
- Proporcionar informação sobre as teorias mais recentes no campo dos Estudos de Tradução.

Conferencistas

Encontram-se inscritos para proferirem comunicações mais de quarenta conferencistas, provenientes das seguintes instituições do Ensino Superior:

Espanha

Universidad de Vigo

Prof. Oscar Fouces

Prof. Ana Luna Alonso

Prof. Arturo Parada

Prof. Iolanda Galanes Santos

Prof. Susana Cruces Colado

Dr. Andrés Xosé Salter Iglesias (Doutorando, bolsheiro de investigação)

Universidad de Granada

Prof. José Antonio Sabio Pinilla

Prof. Dorothy Kelly

Prof. María Manuela Fernández Sánchez

Prof. Bryan Robinson

Prof. Ana Díaz Ferrero

Dr. Elisa Calvo Encinas (Doutoranda)

Universidad de León

Prof. Julio-César Santoyo

Prof. Juan J. Lanero

Universitat Autònoma de Barcelona

Prof. Amparo Hurtado Albir

Universitat Jaume I

Prof. Josep Marco Borillo

Prof. Esther Monzó Nebot

Prof. Isabel García Izquierdo

Prof. Vicent Montalt i Resurrecció

Prof. Cristina García de Toro

Prof. Anabel Borja Albi

Universidad de Salamanca

Prof. Joaquín García Palacios

Prof. Marina Pascual Olaguibel

Prof. Iciar Alonso Araguás

Universidad de Barcelona
Prof. Francisco Lafarga

Universidad de Las Palmas de Gran Canaria
Prof. Rosario García López
Prof. Cristina Giersiepen
Prof. Ana Sofía Ramírez

Universidad de Málaga
Dr. José Miguel Aguilar Río (Becario de Investigación)

Universidad de Cádiz
Prof. Flavia Aragón Ronsano

Universidad de Valladolid
Prof. Juan Miguel Zarandona

Universidad Pontificia de Comillas – Madrid
Prof. Nadia Rodríguez
Prof. Bettina Schnell

Portugal

Universidade Aberta
Prof. Maria Emilia Ricardo Marques
Prof. Carlos Castilho Pais

Universidade do Minho
Dr. Secundino Vigón Artos

Universidade do Algarve
Dr.ª Rita Faleiro

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia
Prof. Maria do Rosário Durão

Instituto Politécnico de Leiria
Dr.ª Josélia M. Santos Neves
Dr. Veljko Prijic

Instituto Politécnico de Castelo Branco

Dr.ª Ana Maria da Silva Cravo

Instituto Politécnico de Coimbra

Dr.ª Vivina de Campos Figueiredo

Associação Portuguesa de Tradutores

Prof. Francisco José Magalhães (Presidente)

Brasil

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Prof. Paulo Ottoni

Prof. Carmen Zink Bolognini

Estados Unidos

Creighton University – Omaha

Prof. Roxana Recio

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE TRADUTORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Logo que esta revista tomou corpo, fomos contactados por alguns tradutores amigos no sentido de os ajudarmos na constituição de uma associação que reunisse os tradutores espalhados pelo mundo inteiro que trabalham com a Língua Portuguesa. Oferecemos de imediato as páginas da revista. Mas o resto pertence aos interessados. Podemos, isso sim, servir, num primeiro tempo, de meio de contacto entre os vários elementos do grupo inicial que terá que meter mãos à obra. Os interessados podem contactar-nos para o endereço desta revista.